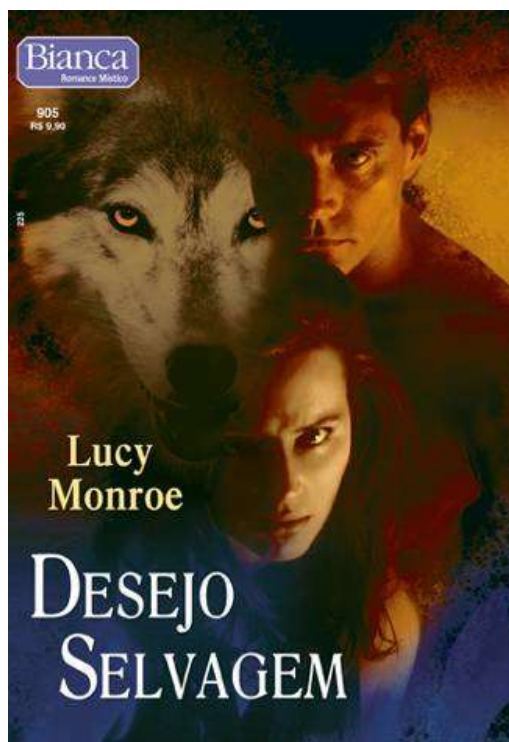


# Desejo Selvagem

Moonawakening

Lucy Monroe



*Escócia, 1283*

## **Ao despertar da lua...**

Por determinação do rei, Emily deve ser enviada para as Terras Altas e se casar com o líder do clã Sinclair. Resignada por tão infeliz destino, a única pessoa que a acolhe em seu novo lar é a irmã de Sinclair, principalmente depois que ele decide cancelar o casamento.

Líder do clã Balmoral, Lachlan é um dos mais temidos lobisomens das Terras Altas. Para vingar-se dos Sinclair, que sequestraram uma mulher de seu clã, ele rapta a irmã do líder. Porém também leva Emily, que acaba sendo uma recompensa muito mais interessante... Emily lhe desperta um desejo que ele não imaginava existir.

E embora não pense em se casar com uma humana, ainda mais sendo uma inglesa, Lachlan precisa descobrir como uma simples mortal tem o poder de conquistar tão facilmente o seu coração...

**Digitalização: Crysty**

**Revisão: Ionara**





**Querida leitora,**

*Lucy Monroe nos presenteia com uma nova história romântica que se equilibra entre os limites do amor e do ódio, do sofrimento e da paixão, de homem e fera...*

*Uma leitura intensa e irresistível do começo ao fim. Com sua visão e palavras poderosas, Lucy engloba emoções em cada cena... Uma história crepitante com tensão sensual tangível.*

**Leonice Pompônio Editora**

Copyright ©2007 by Lucy Monroe

Originalmente publicado em 2007 por The Berkley Publishing Group

PUBLICADO SOB ACORDO COM THE BERKLEY PUBLISHING GROUP

NY,NY-USA

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: MOONAWAKENING

EDITORIA

Leonice Pomponio

ASSISTENTES EDITORIAIS

Patrícia Chaves

Silvia Moreira Vânia Buchala

EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Sulamita Pen

Copidesque: Silvia Moreira

ARTE Mônica Maldonado

MARKETING/COMERCIAL Andréa Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA Sonia Sassi

PAGINAÇÃO Ana Beatriz Pádua

Copyright © 2009 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 — 10ª andar — CEP 05424-010 — São Paulo - SP

[www.novacultural.com.br](http://www.novacultural.com.br)

Impressão e acabamento: RR Donnelley

## Capítulo I

— E assim o lobisomem carregou à jovem e nunca mais se ouviu falar deles. — O tom sepulcral de Joan diluiu-se na escuridão da cozinha onde as duas jovens escutavam a história.

Emily Hamilton tentou, mas não conseguiu imaginar-se sendo carregada por um lobisomem ou por quem quer que fosse. Com dezenove anos, já passara da idade de casamento ou de ir para um convento. Passaria a vida servindo sua madrastra.

Ela suspirou. Nem mesmo um lobisomem se arriscaria a ira de Sybil para levá-la embora.

— Existem mesmo lobisomens nas Terras Altas? — Abigail, sua meio-irmã, perguntou em gaélico.

Joan sacudiu a cabeça, sem deixar escapar nenhum fio de cabelo grisalho da touca de governanta que usava.

— Não. Embora aquelas terras montanhosas e inóspitas sejam lugares ideais para esses monstros florescerem.

— A senhora disse que as Terras Altas eram lindas — Emily lembrou num gaélico mais fluente que o de Abigail.

A fala da irmã mais nova poderia ser considerada o resultado da tenacidade da jovem. Havia três anos ela por pouco morrera de uma febre que a deixara surda. O que quase destruía o pouco de harmonia existente na família de Emily.

A surdez era considerada como uma maldição por quase todos.

Sybil deixara claro que preferia a filha morta a surda e passara ao encargo de Emily a tarefa de cuidar da irmã e torná-la capaz de integrar-se novamente à família.

Com receio de que a menina fosse rejeitada pelos outros habitantes do castelo como havia acontecido com sua própria mãe, Emily se empenhara em esconder sua aflição. Abigail se esforçara ao máximo para aprender a leitura labial e para continuar falando como se escutasse tudo.

O empenho fora bem-sucedido. Poucas pessoas dentro do castelo sabiam da surdez de Abigail, que agora estava com quinze anos.

— É um lugar lindo, segundo, minha mãe dizia, mas também difícil de viver. Os clãs são tão selvagens que até as mulheres sabem lutar.

Emily pensou num local cheio de magia.

Uma hora mais tarde, o restante da família e os criados estavam na cama, exceto o pai e a madrastra que conversavam no salão nobre como de costume. Em geral, Emily era a última a se recolher, pois ardia de curiosidade para saber os assuntos importantes que mantinham seus pais acordados.

Assim, naquele momento estava no alto da escada, escondida nas sombras. Bisbilhotar não era digno de uma dama, mas era uma boa maneira de manter-se

informada. Muitos dependiam dela contra as maquinações de Sybil e a indiferença fria do pai.

— Reuben, nem pense em mandar Jolenta! — gritou Sybil.

— As ordens do rei foram explícitas, querida. Nós teremos de mandar uma filha em idade matrimonial para aquele lorde nas Terras Altas.

Emily escondeu-se atrás de uma pequena mesa, o que não era difícil. Para seu desgosto, não era alta, fato sempre lembrado por Sybil que a acusava não ter porte majestoso como convinha à filha de um barão.

— Jolenta é muito jovem para se casar — Sybil afirmou aos gritos.

— Ela tem catorze anos. A mãe de Emily tinha treze quando eu me casei com ela.

Sybil odiava qualquer referência à primeira esposa do marido.

— E um bebê pode ficar noivo ainda no berço. Muitas meninas se casam aos doze

anos, mas quase todas morrem de parto. Um pai não pode desejar semelhante destino a uma flor delicada.

Reuben fez um gesto evasivo.

— Por que não sugere mandarmos à pequena Margery em vez de Jolenta?

Emily sorriu. Margery tinha apenas seis anos. Mesmo a Igreja se recusava a reconhecer casamentos contraídos antes dos doze anos.

— Se Jolenta se encontra em idade de se casar, então Abigail, com quinze, teria sua única oportunidade.

— A menina é surda.

Ao ouvir a sugestão monstruosa da madrasta, Emily saiu do esconderijo. Os pais sentados na mesa principal bem abaixo de onde ela se encontrava e entretidos na discussão, não a viram.

— Poucos sabem disso, exceto a família e alguns criados que não ousariam revelar nosso segredo — Sybil assegurou.

No entanto, Abigail não poderia esconder o fato do marido, e seu pai sabia disso.

— Quando ele perceber o matrimônio já terá se consumado e não haverá outro recurso — Sybil conjecturou. — Afinal ele é um escocês. Todos sabem que eles são bárbaros, ainda mais os dos clãs das Terras Altas.

— E não é preocupante o que ele fará com Abigail quando souber? — Reuben quis saber.

Sybil deu de ombros, e Emily conteve sua vontade de gritar com aquela mulher egoísta.

— Não tenho nenhuma vontade de guerrear contra um clã das Terras Altas por isso.

— Não seja tolo! Ninguém enfrentaria tal distância para se vingar.

— Então eu sou tolo? — Reuben perguntou, ameaçador.

— Lembre-se de que as outras poderão fazer casamentos vantajosos.

— Mesmo Emily? Sybil riu com desdém.

— Mandarei avisar o rei de que minha filha viajará para o norte até a herdade dos Sinclair dentro de um mês juntamente com seu dote.

— Não Jolenta, não é? — Sybil perguntou com voz trêmula.

— Não, ela não...

Ficou claro que ele pretendia mandar Abigail.

— Não! — Emily gritou, horrorizada. Reuben e Sybil se voltaram, surpresos.

— O senhor não pode mandar Abigail para um destino tão amaldiçoado! — Emily desceu correndo a escada.

— Você estava bisbilhotando de novo? — Sybil demonstrou seu desgosto.

— Sim, e fico feliz por tê-lo feito. — Emily virou-se para o pai com o coração batendo na boca. — O senhor não pode querer mandar Abigail tão longe e para um marido que pode acreditar ser o mal dela um sinal divino de impureza. Por favor, papai, não faça isso.

— Sua madrastra afirmou que essa poderá ser a única chance de ela se casar. Pretende negar isso a ela?

— Sim, papai, se isso significar mandá-la para um escocês bárbaro que ficará furioso ao descobrir que foi ludibriado. — Emily forçou-se a moderar o próprio temperamento. Não queria melindrar o pai e perder a batalha antes de começá-la, por isso abaixou o olhar. — Por favor, papai, não se ofenda, mas creio que Sybil está enganada. Um poderoso líder de clã escocês não aceitará tal decepção, mas não descontinuará a frustração na esposa indefesa.

— Acha que ele vai declarar guerra?

— Sim.

— O que Emily pode saber? Ela nada conhece do mundo — Sybil ironizou.

— Papai, tenho ouvido histórias sobre esse povo feroz.

— Histórias destinadas a assustar crianças tolas — Sybil considerou.

— Então minha filha também é tola? — Reuben perguntou, provando que não esquecera o insulto anterior.

Sybil entendeu que errara ao falar tão francamente depois da conversa deles ter sido ouvida. O marido poderia aceitar sua intransigência em particular, mas não toleraria que outros, mesmo uma filha, o vissem como um fraco.

— Papai, o senhor é um dos mais sensatos barões do rei e todos sabem disso.

— Tão sensato a ponto de arriscar uma guerra com um povo bárbaro simplesmente por aceitar a vontade da esposa?

Emily permaneceu em silêncio enquanto a madrastra sufocava um grito, ofendida.

— Quem você queria que eu mandasse no lugar dela?

— Jolenta — Emily respondeu.

— Não! — Sybil gritou e agarrou a manga do paletó do marido. — Considere, meu amado lorde, que a noiva do herdeiro do barão de Coucy morreu de febre há um mês e ele logo estará procurando por outra. A mãe dele me confidenciou que acha Jolenta muito agradável,

A moça havia passado os dois últimos anos na corte, uma honra da qual Emily jamais participara.

— A senhora disse que ela era muito nova para se casar.

— Com um escocês bárbaro, mas não com o filho de um poderoso barão.

— Então quem me aconselha mandar de acordo com as ordens do rei? — indagou Reuben.

— Abigail...

— Não, por favor, papai...

— Não me agradaria uma guerra por causa da concessão de uma de minhas filhas.

Emily estremeceu ante o comentário e temeu pelo que poderia ter acontecido se ela nada dissesse. Inspirou fundo antes de falar:

— Posso ir no lugar dela.

— Acha que o escocês não o desafiará para uma guerra se lhe mandar alguém tão indisciplinada? — Sybil arrepiou-se. — Ela o ofenderá na primeira semana de casamento.

— Se ele é um bárbaro como diz, não haveria de gostar de uma verdadeira dama inglesa.

O coração de Emily confrangeu-se. A opinião do pai a seu respeito não diferia muito do parecer da madrastra. Soubera disso desde a morte da mãe, quando ele a tratara sobre o túmulo da mãe por ela não ser o filho desejado. Se fosse, a mãe não teria morrido tentando dar à luz outro bebê.

Naquela altura, ela entendia a mentira daquelas palavras cruéis, mas acreditara nelas até ver a madrastra engravidar mais duas vezes após ter dado ao marido o tão sonhado herdeiro e sentira-se desvalorizada por isso.

Seis anos de correspondência com uma abadessa poderosa a fizeram descrever de tal afirmação. Ela lembrou-se disso ao encarar o pai.

— Você acha que se dará melhor do que Abigail na Escócia, tão afastada da civilização?

— Sim.

— Talvez tenha razão. — Reuben virou-se para a esposa. — Está decidido. Mandarei Emily em resposta às ordens de meu suserano.

— E Abigail? — Emily perguntou.

— Ficará aqui, sob minha proteção.

O grande lobo negro farejou o ar, pronto para pular se fosse necessário.

Fora de seu território, mesmo na presença de seus companheiros, a situação estava carregada de perigo. Não trouxera uma força de ataque e o clã que viera espionar tinha um grande contingente de lobos guerreiros, alguns deles tão poderosos quanto ele.

Caminhou silenciosamente pela floresta, seguido pelos dois companheiros. A presença dos três não deveria ser detectada por homens ou animais.

Seu pai lhe ensinara a mascarar o cheiro na noite em sua primeira transformação, e ele se tornara perito naquela arte. Outros lobisomens e mesmo animais selvagens

podiam se aproximar a ponto de tocá-lo no escuro e nunca saber de sua presença. Por isso escolhera dois guerreiros igualmente experientes para acompanhá-lo.

Embora cheirasse o vento, não foi seu nariz ultra-sensível que deu o primeiro sinal que seu irmão Ulf estava certo. Em vez disso, ouviu um som que nenhum humano poderia escutar àquela distância. Da propriedade do clã além das árvores e dos gramados cheios de urzes, escutou o inequívoco som da risada de uma mulher.

A mulher-lobo Susannah estava ali.

Ele escutou a suave voz humana falando, mas não foi capaz de decifrar as palavras. Ela não parecia estar sofrendo, o que não alterava os fatos nem a maneira como deveria revidá-los.

As leis do clã, conhecidas pela maioria dos celtas e por todo guerreiro *chrechte* que se juntara a eles havia dois séculos, tinham sido rompidas. Uma mulher Balmoral fora levada sem o consentimento do chefe do clã.

Lachlan, lorde de Balmoral e líder da matilha do contingente de *chrechte*, entre eles, não toleraria o insulto.

Ulf tinha razão quanto ao que acontecera à mulher-lobo, que desaparecera durante a última caçada de lua cheia, e também quando dissera que os Sinclair deveriam pagar por isso. Nenhum chefe de clã das Terras Altas poderia tolerar tal insolência contra seu povo e contra ele mesmo. Isso implicava que os Sinclair pensavam que ele fosse muito fraco para aplicar a lei do clã e que seus guerreiros não protegiam suas mulheres.

Ele preferia ter a Inglaterra como aliada antes de permitir que tal visão de seu clã permanecesse sem desafio. Contudo, não seria uma declaração de guerra que daria uma mensagem de maior impacto aos outros clãs, mas sim uma vingança bem planejada. Assim como dissera a Ulf quando seu irmão havia sugerido montar um ataque imediato à propriedade Sinclair.

Em cima de um cavalo exausto, Emily, pouco entusiasmada, olhou o novo lar com curiosidade e receio.

A viagem desde o baronato do pai até as Terras Altas havia sido longa e árdua. Logo depois de chegar às terras dos Sinclair, fora acompanhada por uma tropa de guerreiros que a escoltara até o castelo.

Com alívio e desapontamento, descobrira que o futuro marido não viera com eles. Desejava terminar logo com o primeiro encontro, mas por outro lado gostaria de adiá-lo indefinidamente.

Os guerreiros não haviam permitido a presença dos soldados ingleses no território Sinclair. Tinham sido uma companhia pouco entusiástica que não falava e respondia com monossílabos às perguntas. Seu futuro marido seria parecido com eles?

Já no pátio do castelo, Emily desejou que as pessoas parassem de fitá-la. Ninguém sorria, nem mesmo as crianças. Alguns adultos a encaravam abertamente.

— Por que essa hostilidade?— indagou ao acompanhante mais próximo.

— Eles sabem que milady é inglesa.

Emily nada mais perguntou e deduziu que todos a aguardavam. E para os que estivessem em dúvida, seu traje a denunciaria. Fazia três dias ela vestira a túnica azul-marinho sobre a camisa branca de mangas largas. Naquele momento o vestido estava amarrotado, assim como ela mesma, e nada se comparava à vestimenta dos guerreiros.



Todos usavam uma manta típica em tecido xadrez em verde, azul e preto, num efeito admirável. Ela fingiu não notar que as partes inferiores das pernas dos homens estavam nuas. Um dos guerreiros a informara de que aquelas eram as cores dos Sinclair.

A construção do castelo a surpreendeu. Uma alta torre solitária erguia-se numa colina, rodeada por um fosso. Uma muralha de madeira se estendia colina abaixo.

Ela não imaginara nada tão grandioso nas Terras Altas. Talvez seu futuro marido não fosse tão bárbaro, afinal. Era possível que ele tivesse um bom coração e lhe permitisse trazer Abigail para morar com eles. Essa era sua maior esperança.

O cortejo seguiu por uma ponte levadiça até um grupo de soldados que, na escada do castelo, estava de braços cruzados e cenho franzido. Um deles, o mais alto, era também o mais carrancudo de todos. Ela evitou olhá-lo, pois o ódio que dele emanava era assustador.

Rezou para que ele não fosse um dos mais próximos conselheiros de seu futuro marido, nem o próprio.

Mas era!

Ele acenou para que o acompanhante dela o seguisse.

— Onde devo deixar à inglesa? — um dos soldados mais próximos perguntou. O guerreiro, seu futuro marido, deu de ombros e entrou. Emily não esperava um comportamento daqueles nem para um bárbaro, segundo as palavras de Sybil.

Agradeceu que Abigail não tivesse vindo em seu lugar. Nem queria imaginar o que teriam feito com a coitada.

E não pôde deixar de pensar na própria sorte.

Todos apearam dos cavalos e dois rapazes levaram os animais embora. Exausta, ela se apressou em descer da montaria e quase caiu de costas. As pernas dormentes queimavam como brasas por causa da longa viagem desde o amanhecer.

Emily piscou para afastar as lágrimas indesejadas e espantou-se ao ver alguém estender a mão para ajudá-la.

Era uma bela mulher com cabelos negros ondulados que pareciam de veludo. Ela estava grávida, provavelmente de cinco meses.

— Meu nome é Caitriona — apresentou-se, fazendo uma cortesia — mas me chamam de Cait e serei sua nova irmã. — Ela falava com o sotaque pronunciado dos escoceses do norte.

— Você fala inglês? — Emily fez uma medida desajeitada, pois os músculos não queriam colaborar.

— Sim.

— Muito prazer em conhecê-la, Cait. Sou Emily Hamilton, filha de sir Reuben — ela disse em gaélico.

— Era o que eu imaginava — comentou a moça com um brilho no olhar. — E como você fala a nossa língua?

— A propriedade de meu pai fica na fronteira.

— Eu apenas sabia que você era inglesa.

— E para onde devo ir agora?

Os soldados haviam desaparecido.

— Ficaremos juntas até o casamento. Sinto muito que não possa ter seu quarto, mas no momento não temos aposentos disponíveis no castelo. — Cait sorriu, o que a deixou ainda mais bonita.

Na certa o futuro marido de Emily se aborrecera ao vê-la, sendo as mulheres das Terras Altas tão belas. E, graças a Sybil, ela não tinha ilusões quanto à sua aparência. Não era uma mulher alta e, de acordo com a madrastra, seus cabelos loiro-escuros eram muito ondulados e finos. A cor violeta de seus olhos também era criticada, pois atribuíam a eles algum malefício divino. Mas o pior, ainda segundo a madrastra, eram suas formas curvilíneas, nada adequadas ao perfil esguio e majestoso da nobreza.

— Seu marido não se incomodará se ficarmos juntas?

— Emily perguntou enquanto procurava desatar a sacola amarrada na sela.

— Meu companheiro morreu numa batalha há quatro meses. — Cait a ajudou.

Os guerreiros das Terras Altas passavam todo tempo na guerra ou preparando alguma batalha.

— Sinto muito. — Emily apertou a mão da outra.

— Tem certeza de que não se importa em dividir comigo sua casa?

— Eu adorarei a companhia. O castelo às vezes é muito solitário, ainda mais para a única mulher a habitá-lo.

— Não há criadas aqui?

— Algumas, mas elas moram no pátio interno.

De perto, o castelo era ainda maior e certamente acomodaria uma família e seus servos.

— E quem usa os aposentos? — Os guerreiros.

— Isso não é incomum?

— Não aqui. — Cait suspirou.

— O lorde está planejando alguma guerra? Ele não me saudou nem mostrou reação à minha chegada. — Na verdade, ele demonstrara desagrado, e ela esperava que fosse apenas mau humor.

— Não se importe com Talorc. Ele não aceitou muito a idéia de casamento, mas acabará se acostumando — Cait a encorajou enquanto caminhavam para dentro do castelo.

No salão nobre, cavernoso e pouco iluminado, muitos soldados, vestidos com as mantas nas cores dos Sinclair, ignoraram a passagem das duas, pelo que Emily agradeceu. Aqueles homens eram assustadores.

As duas seguiram até os fundos do salão e desceram um lance de escada. Uma porta aberta do lado direito mostrou um recinto de armazenagem. Perto dali havia um quarto à esquerda. Ao contrário dos outros aposentos da parte inferior do castelo, este tinha pequenas janelas no alto por onde entrava a luz.

O local era limpo e mais alegre do que o lúgubre salão nobre. Emily pôs a sacola sobre a cama ao lado dos vários pacotes trazidos da casa de seu pai. A cama estava coberta com a manta do padrão Sinclair. Cait levantou a tampa de uma das duas pequenas arcas encostadas numa das paredes.

— Você pode pôr aqui suas coisas.

— Obrigada. — Emily desejava deitar-se na cama e dormir até o próximo século, mas começou a arrumar seus pertences. — Você disse que seu irmão não estava satisfeito com o casamento?

— Sim. — Cait ajudou a carregar os pacotes.

— Por quê? Ele pensava em se casar com outra mulher ou ele odeia o fato de eu ser inglesa?

— É bastante incomum um habitante das Terras Altas casar-se com alguém que não seja de seu clã.

De fato, Cait se surpreendera que o irmão houvesse aceitado as ordens do rei para casar-se com uma inglesa. Talorc tinha mais razão do que a maioria para não confiar em

ingleses e em humanos. Como Emily era às duas coisas, o futuro do enlace era preocupante.

Tentou ser otimista e acreditar que seu irmão superaria a prevenção. Alguns *chrechte* também eram capazes de traição, que não poderia ser considerada apenas uma fraqueza humana, mas Talorc via todos os humanos como fracos e sem princípios.

Da mesma forma, não se podia considerar todos os ingleses como gentis usurpadores. Certamente a mulher amável a seu lado não tinha o sentido da traição ou cobiça como a madrasta deles tinha.

— Quer dizer que ele ficou consternado pelo fato de eu ser inglesa assim como meus pais ficaram ao descobrir que uma das filhas teria de se casar com um escocês?

— Emily perguntou.

— Consternado é um termo muito fraco para a reação de Talorc quando recebeu a mensagem do rei da Escócia.

— Cait suspirou.

— Ficar noivo foi uma punição? Ele aborreceu o rei?

— Não. — Onde os ingleses arrumavam aquelas idéias?

— O rei David respeita muito meu irmão, mas tem sido influenciado pelos normandos da Inglaterra. Por isso queria que Talorc se casasse com uma inglesa. Ele espera que você o domine.

Foi a vez de Emily se espantar.

— Seu irmão lhe disse isso? Não imaginei que um guerreiro tão feroz fizesse uma confidencia tão pessoal com a irmã mais nova.

— Oh, não! — Cait corou. — Escutei comentários dos soldados. E um hábito não aconselhável, mas...

— Como ficar sabendo das coisas se não escutarmos pelos cantos? — Emily deu risada.

— Você não acha que sou terrível? — Cait imaginou que tivesse encontrado uma irmã de coração.

— Ouvi muitas conversas importantes na fortaleza de meu pai. Os homens mantêm as mulheres no escuro e pais nem sempre são francos com os filhos.

— É verdade. Há anos meu irmão tem sido um pai para mim, e eu nem sabia que teria de casar-me até ser chamada ao salão nobre para prestar o juramento.

— Você foi feliz em seu casamento?

— Foi bom para consolidar o poder de meu irmão no clã, mas Sean e eu tínhamos pouca coisa em comum. Restou-me essa criança. Mal posso esperar os quatro meses que faltam para ver meu filho. Ser mãe é uma grande bênção para meu povo.

— A abadessa diz que, de acordo com a Igreja, dar à luz é retificar os pecados de Eva — contou Emily. — É considerada evidência da bênção divina na união marital.

— Uma abadessa afirmou isso? Ouvi dizer que, na Inglaterra, uma abadessa pode ter grande poder político.

— É verdade.

— Você tem sorte de ser parente de uma.

— Oh, eu não sou.

— Então você foi mandada para estudar numa abadia?

— Não, mas uma abadessa muito erudita ficou na propriedade de meu pai durante uma de suas viagens. Ela era maravilhosa, nunca se impacientou com as minhas perguntas e tentou convencer meu pai a permitir que eu estudasse na abadia. Minha madrastra recusou o pedido, mas permitiram que eu me correspondesse com ela. Agora, morando aqui, uma das coisas que mais sentirei falta será dessa troca de missivas. — Emily sorriu, cansada. — Tenho certeza de que acharei mais coisas para me distrair. Cait

admirou o espírito da futura cunhada e desejou que ela não se decepcionasse.

Nos dias que se seguiram, Emily achou muitas coisas estranhas sobre o novo lar. Uma delas era que seu noivo a ignorava e quando se dignava a olhá-la, era sempre com semblante tão carrancudo como da primeira vez em que a vira.

Ela até preferia adiar a conversa com ele, esperando encontrá-lo de melhor humor, o que na certa jamais aconteceria.

Ajudou Cait a administrar o castelo, tarefa que a agradou. As duas tinham muito em comum e logo se tornaram boas amigas.

— Cait, traga a mulher para cá — Talorc ordenou uma noite no salão nobre.

A moça obedeceu, fazendo uma careta para o tom ácido do irmão.

A *mulher*? Emily não acreditou na afronta e prometeu a si mesma que se ele não começasse a agir com bons modos, passaria-lhe um sermão que faria os de Sybil parecer uma conversa amigável.

— Não deixe que ele a assuste — Cait sussurrou. — O latido dele é pior do que a mordida.

Emily achou graça na tentativa da cunhada em amenizar as coisas, no entanto, aborreceu-se por Talorc tratar uma mulher grávida daquela maneira. Assim, lançou um olhar gelido a ele.

— O que há de errado com ela? — Talorc falou alto com a irmã. — Por que não a seguiu? Você me disse que ela falava a nossa língua.

Cait fitou Emily e arregalou os olhos diante da postura desafiadora da amiga, que não lhe deu a chance de responder.

— Por que o senhor mesmo não pergunta à *mulher*? — Emily o desafiou. — Isto é, se resolver falar com ela.

Ele estava redondamente enganado se pensava que ela se casaria com um homem que nem mesmo lhe dirigia a palavra.

— Não sou estúpida nem surda! Não precisa gritar suas ordens como um velho que não escuta direito!

— Como ousa me insultar? — Talorc berrou.

— Claro que não foi essa a intenção — Cait interveio.

— Não, eu não pretendia insultá-lo. — Emily caminhou na direção do líder do clã. — Quando eu pretender insultá-lo, pensarei em coisas muito mais ofensivas para dizer. Creio que os velhos é que devem se sentir ofendidos por eu comparar os gritos de um surdo a seus berros.

Vermelho de raiva, ele gritou novamente a respeito da língua bárbara das mulheres inglesas. Emily riu alto ao ser chamada de bárbara por alguém tão inculto. Ela viu Cait sorrir e teve certeza de que era compreendida.

Talorc pensou explodir de raiva. Agarrou Emily que se aproximava, mas controlou o ímpeto de sacudi-la. Sua força era muito poderosa para atingir uma inocente, mesmo se tratando de uma inglesa.

Deus, como ela era bonita!

Puxou-a para perto até as coxas se tocarem e... nada. Não sentira nenhum desejo de possuí-la. Ele era um lobisomem e mesmo se casando com uma mulher-lobo, a possibilidade de descendentes era baixa. Com uma humana, então, era quase inexistente.

Somente um amor verdadeiro entre um lobo e um humano poderia resultar em filhos. E de acordo com os idosos da matilha, não havia como saber quem era a pessoa certa, enquanto não se deitassem juntos. Mas uma vez tendo relações, não se podia voltar atrás. Pelas leis do clã, um contato físico implicava numa ligação para a vida toda.

Uma coisa era certa. Não houvera desejo físico, mas ele admirou o espírito de

Emily, o que era estranho. Afinal, era uma inglesa.

O pai de Talorc sentira na pele a tolice de se casar com uma inglesa traiçoeira. Os ingleses não eram confiáveis. Assim, ele também não queria uma companheira escolhida por um rei humano, que caíra de amores pelos inimigos do sul.

— Escute bem, não me casarei com uma inimiga, mesmo que seja para agradar o rei. — Ele a empurrou.

— Esplêndido! — Emily retrucou. — Eu preferia me casar com um bode a aceitá-lo como marido!

Cait tratou de logo puxá-la para o quarto, onde elas entraram e trancaram a porta.

— Você perdeu o juízo? — Cait indagou, com um misto de descrença e de diversão.

— Não. Ele perdeu?

Cait começou a rir e logo as duas estavam gargalhando. Cait se largou na cama, e Emily teve de se apoiar na parede para não cair.

— Não posso acreditar que eu esteja rindo quando meu irmão certamente matará a nós duas — Cait disse, sem fôlego.

— Suponho que eu a deixei em apuros, mas não entendo como Talorc pode achar que você é responsável por mim depois de tão pouco conhecimento.

— Ele não ficará com raiva de mim, mas creio que falou sério em não aceitar o casamento.

— Isso seria uma bênção — Emily respondeu com aspereza.

— O que acontecerá se ele não se casar com você? — Eu não sei.

— Você disse mesmo que preferia casar-se com um bode? — Cait alisou as pregas da manta sobre o ventre abaulado.

Emily corou envergonhada. Ela deixara a Inglaterra disposta a tornar-se indispensável na propriedade do futuro marido e assim poder trazer Abigail. E no momento, provavelmente seria mandada embora.

E com certeza, Abigail seria enviada em seu lugar, mesmo que Talorc nada solicitasse.

— Foi o que eu disse, embora eu não saiba o que aconteceu comigo. Sybil afirma que preciso me comportar mais como uma dama. Seu irmão se decepcionou comigo e suponho que não mudará de idéia.

Cait riu de novo e sacudiu a cabeça.

— Meu irmão não está acostumado com desafios, ainda mais de uma mulher. Ele certamente ficará irritado por um bom tempo.

— Será que ele falou sério a respeito de não se casar comigo apesar das ordens do rei?

— Não sei, mas Talorc não costuma falar em vão — Cait admitiu.

— Acha que ele me mandará de volta à Inglaterra? — Não sei, mas eu não gostaria que você fosse.

Na tarde seguinte, nada fora resolvido. Apesar de querer muito ir para casa, Emily teria de pedir a Talorc para não mandá-la de volta. E para isso teria de se desculpar com ele, o que seria tão desagradável quanto um eventual casamento.

Abigail jamais sobreviveria no clã dos Sinclair. Todos fariam da vida de sua irmã um inferno, com exceção de Cait. Os demais ou a ignorariam ou a hostilizariam, principalmente os soldados. Portavam-se como se estivessem ofendidos pessoalmente por ela ter sido escolhida para casar-se com seu líder.

Cait e Emily se dirigiram ao regato para lavar roupas. Emily fez o possível para ignorar os olhares maldosos das outras mulheres. Ocupou-se em lavar o vestido sujo da viagem. Uma a uma, as mulheres foram se retirando, deixando claro que não a toleravam.

— Elas são assim com todas as estranhas? — Emily quis saber, piscando para afastar as lágrimas.

— Não. Um de nossos guerreiros casou-se com uma mulher do clã Balmoral e as outras a aceitaram calorosamente. Acho que a notícia de sua confrontação com Talorc deve ter se espalhado. Todos são muito leais a ele.

— Você é leal a seu irmão, mas não me odeia.

— Claro que não! E as outras mulheres mudarão de opinião se a conhecerem melhor.

— Elas não se importarão se ele me chamar de sua inimiga?

Cait deu de ombros.

— Você é inglesa.

— E, portanto inimiga?

— Sim, mas não é só isso. Acho que eu deveria ter contado antes, mas esperava que Talorc pudesse ser razoável.

— O que houve?

— Meu pai se casou com uma inglesa.

— Sua mãe era inglesa?

— Não, minha mãe morreu quando eu era bem pequena, e meu pai tornou a se casar quando Talorc estava com catorze anos e eu, com cinco. Ela era muito bonita, mas nada confiável. Depois de três anos de casamento, ela, gananciosa por mais riquezas, traiu-o com um barão inglês. Isso custou a vida de nosso pai e de muitos membros do clã. Talorc jamais perdoou os ingleses, nem esqueceu a ofensa.

— Ele acredita que eu o trairia só por ser da mesma nacionalidade que a mulher que o traiu?

Cait desviou o olhar.

— Sim.

Na manhã seguinte Emily decidiu desculpar-se com Talorc, ainda mais que ela desejava visitar um pequeno lago que Cait indicara, mas nada diria a ele sobre seu plano de ali se banhar.

— O que deseja? — ele perguntou.

— Eu queria pedir desculpas pelo que disse.

— Por quê?

— Eu estava com raiva de milorde.

— Sei por que me insultou. Por que está se desculpando?

— Um casamento que começa com insultos tem pouca esperança de harmonia.

— Não haverá casamento.

— Mas seu rei...

— Esquecerá uma ordem tão insignificante no devido tempo.

— Uma ordem para se casar é insignificante?

— Sim.

— Entendo. O que planeja fazer comigo?

Ele deu de ombros, como se não se importasse.

— Não quero que me mande para casa.

— A senhora mente, como todos os ingleses. Não quer morar aqui. Emily não viu outro jeito a não ser explicar o caso de Abigail.

— Então veio com a esperança de evitar que sua irmã se casasse comigo?

— Sim.

— Isso é louvável — Talorc resmungou, menos carrancudo.

— Ela é muito doce e não entenderia a frieza de seu clã contra uma noiva inglesa.

— A senhora entende?

Ela respirou para não desabafar, pois não pretendia destruir o início de camaradagem.

— Não quero que minha irmã sofra.

— Eu não a faria sofrer.

— Então não me mandará de volta?

— Ainda não decidi. Talorc se levantou, dando a discussão por encerrada.

Emily apressou-se a pedir permissão para ir ao lago, e ele designou um jovem soldado para escoltá-la, como se ela fosse pouco importante para mandar um guerreiro expediente. Mas pelo menos parecera entender o problema de Abigail.

Cait a acompanhou até o lago, onde chegaram depois de meia-hora de caminhada. Cait ordenou ao soldado para se virar de costas atrás de alguns arbustos. Ao entender que as duas pretendiam banhar-se, o rapaz ficou vermelho e tratou de obedecer. Elas terminaram de tomar banho e estavam se vestindo quando Cait ficou imóvel e tensa.

— O que houve? — Emily olhou para o soldado que se escondera. — Ele não está espiando, está?

Cait sacudiu a cabeça e levou um dedo aos lábios, pedindo silêncio. As duas terminaram de se vestir sem dizer nada.

Cait tirou do cinto a pequena faca que usava às refeições e espreitou as folhagens mais à frente, sem saber o que procurava. Um animal selvagem? Emily nada escutara, apesar de ter ouvidos apurados.

A resposta veio um segundo depois, quando saíram da floresta cinco guerreiros gigantes com o rosto pintado com macabros desenhos azuis, usando mantas com xadrez azul-escuro, verde e amarelo. Eles montavam os maiores cavalos que Emily já vira e sem sela.

Emily não estava preparada para o que via. Ela teria rido se alguém lhe dissesse que havia guerreiros mais intimidadores do que os Sinclair. Não que aqueles fossem muito maiores, mas se comportavam como se fossem os donos do mundo. Ela, que fora criada por um dos mais rudes barões ingleses e estava noiva do formidável Talorc Sinclair, nunca vira tamanha arrogância.

A respiração entrecortada de Cait lembrou-a de que não estava sozinha diante da ameaça. Muito pálida, a amiga olhava os guerreiros com pavor.

— Não se assuste — Emily procurou tranquilizá-la.

— Impossível. Esses são guerreiros Balmoral e já devem ter matado Everett ou não estariam aqui — ela se referia ao jovem que as acompanhara.

— Deve estar enganada. — Emily voltou-se para o gigante que estava mais próximo. — O senhor não mataria um menino. Mesmo aqui nas Terras Altas, isso seria um pecado.

O homenzarrão ruivo de olhos verdes não se dignou a responder.

Um outro agarrou Cait e puxou-a para cima de seu cavalo. Ela gritou, mas foi



desarmada com facilidade, deixando a faca cair no chão.

Esquecida do decoro necessário para uma dama, Emily se abaixou, pegou a lâmina, endireitou-se e atacou a panturrilha não protegida do guerreiro.

O cavalo recuou e ela golpeou o ar. Tentou novamente, mas foi agarrada por trás e por um braço que parecia um tronco de pinheiro, que a deixou sem ar. Foi erguida e deixada numa posição indecente na dianteira de um dos Balmoral. Ela não podia gritar, mas podia morder e foi o que fez. Cravou os dentes no agressor,

O guerreiro apenas resmungou.

Emily mordeu mais forte e tentou atingi-lo novamente com a faca. De repente, ele a ergueu, segurando-a pelos braços, forçando-a a soltar a faca.

— Não tente me morder de novo — o soldado falou ao ouvido de Emily, fazendo-a sentar-se à sua frente na sela, quando o cavalo se movimentou. — Pelo que me consta

nem os ingleses infiéis praticam o canibalismo.

Cait lutava para tentar soltar-se, embora o guerreiro que a segurava estivesse mais concentrado em protegê-la dos galhos das árvores, enquanto cavalgavam pela floresta.

— Pare de lutar, Cait! — gritou Emily, esquecida de si mesma. — Você vai machucar o bebê.

— Não podemos deixar que eles nos levem! Se deixarmos, haverá uma guerra entre os Sinclair e os Balmoral.

Emily não sabia por que aquilo preocupava Cait. Pelo que ouvira, os clãs das Terras Altas viviam em conflito uns com os outros.

— Se seu irmão não queria guerra, não deveria permitir que um de seus guerreiros levasse uma das mulheres de meu clã — disse aquele que segurava Emily.

— Ela estava fora de sua propriedade — Cait parou de se contorcer —, caçando em nossas terras. A perda dela é de sua responsabilidade.

Os homens blasfemaram contra as duas e esporearam os cavalos. Durante a marcha rápida não houve mais como falar. Emily reparou que a cunhada felizmente parara de lutar. Na certa lembrando-se de que uma queda de um cavalo a galope poderia fazê-la perder o bebê.

De repente pararam ao chegar a uma clareira.

O captor de Emily desmontou e levou-a junto. Em pé, o guerreiro era tão grande, que ela teve de arquear a cabeça para trás para ver-lhe o rosto.

Nos olhos castanhos circundados por um halo dourado não havia suavidade. Eram olhos de lobo, mas em vez de fazê-la estremecer, suscitaram algo inusitado. Difícil acreditar em outras sensações que não o medo naquelas circunstâncias. Contudo, aquele homem era másculo demais para não ser notado.

— Deixe-a em paz! — Cait gritou, então presa pelos, braços.

— Diga a Talorc que estamos levando a irmã dele e o bebê, e que considere como uma retribuição por Susannah — informou aquele que estava com Emily.

— Não pode estar falando a sério! — Emily horrorizou-se. — Por favor, não a leve!

Não houve resposta, nem tampouco ela esperava por uma. Por que ele se incomodaria com seu pedido? Pensou em argumentar, mas ele tornou a apertar-lhe os

ombros, dessa vez passando os polegares em sua clavícula. Com a respiração presa, ela não conseguiu protestar. Era impossível até pensar com ele tocando-a daquela maneira não apropriada. *Pare!* A vontade era de gritar, mas algo nele a hipnotizava. Ele não a machucava, apenas continuava encarando-a sem dizer nada.

Os homens das Terras Altas não sabiam sorrir?, foi o pensamento tolo que ocorreu a Emily. Se ele esperava que ela fosse sua mensageira, aguardaria por uma eternidade.

— Não acredito que pense em levar uma mulher grávida numa longa viagem a cavalo.

Ele nada disse, apenas a fitou para intimidá-la e conseguiu. Aliás, estava diante do homem mais atemorizador que já vira, e também o mais atraente. A pintura azul não disfarçava a beleza masculina de suas feições. Os cabelos, brilhantes como obsidiana, eram longos e alcançavam os bíceps, onde uma tatuagem azul remetia a uma pulseira de braço.

Aqueles bárbaros não usavam camisa sob a manta. O peito e um dos ombros dele estavam desnudos. Emily reparou na mancha roxa e nas gotas de sangue onde ela o havia mordido também. Estremeceu só em pensar no que fizera. Lachlan, como ouvira os outros chamá-lo, mantinha a fisionomia impassível, porém parecia prever que ela estava disposta a impedir que Cait fosse levada.

— A viagem pode prejudicar o bebê. — Mesmo assim, ele foi pego de surpresa quando ela tirou um lenço do bolso da saia e gentilmente limpou o sangue que escorrera

de seu ombro.

— Os Balmoral não prejudicam as mulheres. Drustan está com ela, mas não fará mal a ela nem à criança.

Emily apertou o lenço sobre a marca da mordida, com um plano em mente.

— A vingança não seria melhor se a mulher do lorde Sinclair fosse levada?

— Ele não é casado.

— Isso era verdade até a poucos dias, mas já não é mais. — Emily silenciou Cait com um olhar.

— E onde essa mulher estaria? — indagou Lachlan, sem saber por que escutava as palavras da inglesa.

Ela era adorável, mas jamais se deixara levar por uma bela mulher. Talvez fosse a coragem inusitada ou a maneira como cuidara de seu ferimento. O comportamento contraditório o intrigava. E pelos trajes e sotaque, tratava-se mesmo de uma inglesa. Por isso a preocupação dela com a irmã de Talorc o confundia.

Inglesa ou não, era bom observá-la. Com maestria, tentava esconder o receio que a afligia. Independentemente disso, seu olhar violeta lançava faíscas que o divertia. Ela demonstrava estar pronta para uma batalha.

E sequer era uma mulher-lobo!

Surpreendente. Onde os Sinclair haviam achado uma jóia como aquela?

— Eu sou a esposa dele.

Lachlan não podia acreditar que aquela preciosidade pertencesse a Sinclair e sacudiu a cabeça.

Emily anuiu, enfática.

—Seu irmão escolheu uma mulher inglesa? — ele inquiriu a Cait.

— Não.

Lachlan levantou o queixo de Emily para poder encará-la.

— Eu não gosto de mentiras.

— Não estou mentindo.

— Está me dizendo que sua amiga é mentirosa? — ele indagou num tom de voz que afugentaria guerreiros.

— Claro que não! Talorc não me escolheu. O rei fez isso por ele.

— Não me convencerá de que ele se casou com uma inglesa. O ódio de Talorc pelos ingleses era muito forte. Ele perdeu o pai e um irmão para um ganancioso barão inglês e sua cúmplice, a inglesa que traiu o clã Sinclair.

— Talorc odeia os ingleses mais do que odeia os MacDonald — Drustan disse, ecoando os pensamentos de Lachlan.

— Sei disso e o relacionamento entre eles não foi feliz — Emily disse, convicta. — Mas eu sou a esposa dele.

— Seu rei e o meu ordenaram o casamento e meu dote foi substancial.

Embora não lhe ocorresse que Talorc se deixasse levar por dinheiro, não se podia saber o que ia pela mente de outrem.

— Por que não está usando a manta do clã? — Lachlan perguntou enquanto sua mente se apegava à facilidade com que a vingança seria cometida.

— A vontade de meu marido de se casar não chegou ao extremo de querer que uma inglesa usasse sua manta. Ele não aceitou com boa vontade esse casamento.

Lachlan olhou para a expressão de inocência dela e não pôde deixar de imaginar se essa falta de vontade impedira a consumação do enlace.

— Se realmente for esposa de Talorc, ele somente nos agradecerá pelo favor de levá-la — Ulf completou, juntando-se a eles.

— Mesmo que suas emoções encontrem algum alívio — Emily deu de ombros,

escondendo uma expressão de pesar—, seu orgulho será atingido.

Curiosamente os sentimentos feridos de Emily comoveram Lachlan, que se virou para o irmão com o cenho franzido. Este arregalou os olhos, mas nada disse.

Lachlan não entendeu a fúria que o invadira nem o desapontamento por saber que aquela mulher única e adorável era a esposa de seu inimigo. Contudo, entendia que seria cruel deixá-la enfrentar a ira de Talorc quando soubesse da captura da irmã.

— Mesmo eu sendo inglesa — Emily acrescentou, inexplicavelmente abalada pelas palavras cruéis dos guerreiros, pois não devia se importar com o que aqueles bárbaros pensavam a seu respeito.

Na verdade, seu coração disparou ao ver seu captor sorrir. Um inimigo não deveria ter aquela aparência tão exuberante.

Sem mais uma palavra, Lachlan a agarrou e deixou-a sobre o cavalo, na mesma posição embaraçosa de antes. Sentada de pernas abertas sobre o cavalo, seus quadris encostavam nas coxas do guerreiro.

— Não se preocupe comigo, Cait. Acho que esses guerreiros são bondosos e honrados.

Cait sacudiu a cabeça, abatida, mas Drustan não a soltou.

— O senhor deve deixá-la, agora que tem a mim. Ninguém respondeu.

Ela então tentou beliscar a perna de Lachlan, mas era como se ela pegasse uma pedra.

— Eu disse para o senhor soltar minha amiga. — Como ele continuou fingindo não ouvi-la, ela continuou: — Não vou ficar quieta. Deixe-a ir ou gritarei tão alto que todos no castelo ouvirão.

A resposta veio com a mão pesada do guerreiro cobrindo-lhe a boca momentaneamente, deixando um claro aviso de que não estava brincando.

A situação de Emily era delicada. O plano não funcionara. Em vez de soltar a amiga, o inimigo raptara as duas. Era preciso fazer uma nova tentativa.

— Se o senhor não deixar uma de nós duas livre, quem dirá a Talorc que foram os Balmoral que cometeram o rapto?

— O garoto que as estava escoltando viu de quem se tratava antes de o deixarmos desacordado— Lachlan respondeu num tom que desencorajava outras questões.

O que mais ela poderia perder?

— E se o rapaz for atacado por animais selvagens? Acho que não se incomodaria se isso acontecesse comigo por eu ser inglesa, caso eu voltasse sozinha.

Não houve resposta. Os cavalos gradualmente se afastaram das terras dos Sinclair a uma velocidade que fez a cabeça de Emily girar. Ela rezou pela segurança do bebê de Cait e para não ser derrubada pelo homem que a segurava.

Várias horas mais tarde, lutava para suportar aquela tortura sem começar a chorar como uma criança. Quando realmente não agüentava mais ficar naquela posição, segurando as costas retas para não encostar no guerreiro, ela ergueu a mão num pedido silencioso.

Lachlan parou e desmontaram juntos. Mas logo a soltou como se não suportasse tocá-la. Ofendida pela rejeição, ela gemeu de dor ao endireitar as costas, certa de que o olhar lacrimante era por causa do mal-estar. Lutando para não cair de joelhos, andou cautelosamente até o lado de Cait.

— Você está bem?

Apesar da preocupação com a outra, o sorriso fraco de Emily evidenciava seu sofrimento. Afinal era humana e a corrida fora exaustiva até para Cait, uma mulher-lobo.

—Sim, Drustan cuidou para que eu não me balançasse muito sobre o cavalo.

Engraçado constatar que os guerreiros as levavam em retaliação por causa de

Susannah, e mesmo assim, eram atenciosos.

Mas se eram tão cuidadosos, por que haviam sido imprudentes com Susannah? Uma mulher-lobo deixada para caçar sozinha era uma presa fácil para um lobisomem solitário.

— Tenho a impressão de que jamais conseguirei endireitar as costas depois do esforço de ficar sentada para a frente para manter o equilíbrio.

— Por que você não relaxa de encontro a Lachlan como eu fiz com Drustan?

— Relaxar de encontro a ele? — Emily indagou, incrédula.

Cait a olhou atônita, imaginando se a outra era tão pudica por ser inglesa ou por ser humana.

— Como você sabe o nome dos dois? — Emily perguntou. — Já os conhecia?

— Não, mas é óbvio que Lachlan é o líder, o lorde do clã Balmoral. Além do mais, ele fala de maneira possessiva sobre Susannah. Penso que Drustan deve ser o irmão dela, embora nada tenha sido dito.

— Creio que você tem razão. Eu não havia pensado nisso, com a mente ocupada em como escapar dessa armadilha.

— Não se recrimine.

— Acabei provocando o rapto de nós duas. Sem a minha brilhante idéia, eu poderia ter dado o alarme e os guerreiros de seu irmão viriam atrás deles.

Cait sentia pelo fato de Emily ter sido raptada, mas pela maneira como ela e Talorc não se entendiam, deixá-la para trás não seria a melhor atitude. Principalmente por ela, que nas atuais condições, não conseguiria escapar.

— Quando você chegasse ao castelo, nós já estaríamos longe — afirmou. — Lembre-se de que já havíamos galopado muito, antes de Lachlan mencionar soltá-la. De qualquer forma, Everett já deu o alarme.

— Espero que você esteja certa e que nenhum animal o tenha pegado.

— Ele não é um humano desprotegido. — Cait deixou escapar, mas Emily não notou, preocupada em olhar ao redor.

— Por que paramos aqui?

— Para pegar o barco.

— Que barco? — Emily espantou-se.

— A fortaleza do clã Balmoral fica numa ilha. Uma vez na embarcação, será muito mais difícil para meu irmão nos resgatar.

— Não haverá resgate — Drustan falou de longe. Emily espantou-se, ao mesmo tempo em que tremia pelo receio de ser levada para um bote.

— Como ele sabia sobre o que estávamos falando?

— Ele pode nos ouvir.

— Nós estávamos muito longe e falávamos em voz baixa.

— Emily...

— O que foi?

Cait balançou a cabeça.

— Nada. Você fala latim? —ela sussurrou.

— Sim.

— Espero que eles não conheçam o idioma.

Emily entendeu. No caso de algum deles ter ouvido muito apurado, seria bom elas falarem outro idioma. Depois perguntaria a Cait onde ela aprendera latim. Esse - aprendizado não era incomum na Inglaterra para mulheres de sua posição social, mas

ouvira dizer que os habitantes das Terras Altas viviam perto do barbarismo. O que, naquela altura, lhe parecia um exagero.

— O que faremos agora?

— Continue fingindo estar debilitada pela viagem.

— Isso não será difícil. — Emily, com os músculos . doloridos, não precisava fingir.

— Teremos de roubar os cavalos.

— Eles nos seguirão.

— Nossa única esperança é ficar adiante deles o tempo suficiente para nos encontrarmos com meu irmão.

— Se ele estiver no nosso encalço.

— Ele está, confie em mim. Você notou que estão deixando os cavalos beber água sem um guarda?

Emily olhou para a beirada da água onde os cinco cavalos bebiam. Os homens se ocupavam em preparar a embarcação citada por Cait e também um tipo de engenhoca, que deveria ser para os cavalos.

— Precisamos chegar perto dos animais. Assim que eles tiverem amarrado dois para a travessia do mar e estiverem preparando o terceiro, nós agarraremos os dois restantes e fugiremos. Mas teremos de ser extremamente rápidas.

Emily anuiu e teve uma inspiração.

— Milorde? — ela chamou. Ele a olhou, pensativo. — Cait e eu precisamos de um momento de privacidade.

Lachlan ergueu a sobrancelha, a única indicação de que a ouvira.

Ele teve de sufocar um riso, o que era uma reação surpreendente. Imaginou se teria de dizer a elas que também falava latim. Ainda não.

Como o plano delas era roubar cavalos, não se incomodou em conceder um momento de privacidade.

— Sejam rápidas!

Emily deu um pulo e correu para a moita, seguida por Cait.

Ele continuou a ouvi-las mesmo depois de elas terem se afastado.

— Ele é sempre assim mal-humorado? — Emily perguntou.

— Ele é o lorde, ora.

— E isso é desculpa para tanta rudeza? Nem sei por que me espanto, seu irmão também é assim.

Lachlan irritou-se à menção do marido dela e franziu o cenho.

— Elas são intrépidas, não são? — Drustan perguntou ao lado dele.

— Essa é uma maneira de encarar os fatos — Lachlan resmungou.

— Eu terei as desculpas dela esta noite, junto com outras coisas.

— Seja gentil com ela. A moça está grávida.

— Os Balmoral não fazem mal às mulheres e não se deitam com as esposas de

outros.

— É verdade. — Lachlan irritou-se com o comentário. — Aposto minha espada que os dois ainda não se deitaram. A inocência dela é evidente.

— Seria mais fácil manter suas mãos longe se fosse diferente, não é?

Lachlan não respondeu. Jamais supusera querer uma inglesa é seria preferível cortar o próprio pescoço do que se deitar com uma mulher comprometida. Ah, mas como desejava aquela jovem de olhos cor de violeta... o suficiente para o corpo enrijecer-se inteiro.

— Eu devia tê-la deixado na floresta.

— Você ainda pode fazer isso. Sinclair deve estar a umas duas horas atrás de nós.

— Não posso.

— Se você o matar, ela será viúva — Drustan afirmou.

— Ainda não estou convencido desse casamento.

— Qual o problema? — Emily perguntou para Cait, vendo-a com os olhos cheios

de lágrimas.

— Não quero que meu irmão seja morto.

— Do que está falando?

— Acho que Lachlan mataria Talorc para ficar com você.

— Não seja tola!

Emily notou que Cait não estava escutando. Como já notara antes, havia algum mistério no ar; algo impossível de discernir.

— O que houve?

Cait apenas sacudiu a cabeça.

— Você não acha estranho que eles não tenham mandado um guarda conosco?

— Eles sabem que nós não poderíamos fugir — Cait afirmou.

— Se nós nos escondêssemos, talvez pudéssemos retardar a partida deles até seu irmão nos encontrar.

— Não quero que isso aconteça.

— Mas por quê?

— Lorde Balmoral ou até mesmo Drustan podem matar meu irmão.

— Haverá uma batalha de qualquer maneira quando Talorc nos encontrar.

— Tenho esperança de que eles não nos sigam se conseguirmos fugir.

— Não me parece que Lachlan evita uma luta.

— Nem a mim. — Lágrimas corriam pelo rosto de Cait.

— O que quer fazer? — Emily abraçou a amiga.

— Estamos em uma encruzilhada. Se não escaparmos, meu irmão virá atrás de nós na ilha. E lá haverá maior chance de ele ser morto.

Ainda que a morte de Talorc resolvesse seus problemas, Emily não desejava

aquilo. Primeiro porque seria um pecado terrível, depois porque não queria magoar Cait.

— Bem, a melhor solução seria fugir.

— E se nos escondêssemos?

— Isso não adiantaria. Eles acabariam nos encontrando.

— Você fala como se referisse aos deuses. Eles são apenas homens.

— Não... são mais do que isso... — Cait mordeu o lábio, deixando uma estranha suspeita no ar, — Imagino que se eles escutaram nossos planos, talvez estejam nos ouvindo agora também. Não nos afastamos o suficiente.

— Se não voltarmos logo, eles acabarão vindo atrás de nós.

— Já estão vindo. — A expressão de Cait era de tristeza.

— Precisamos voltar.

Emily assentiu, pensando que a amiga havia escutado alguma coisa.

— Eu ainda preciso de alguns momentos de privacidade — afirmou.

— Eu também — Em um momento raro de descontração, Cait riu. — Descobri que a gravidez às vezes torna esse aspecto da vida bastante desafiador.

Cait retornou para a clareira. Emily veio em seguida. Drustan postava-se ao lado da amiga, que estava com olhar de desespero.

Emily fitou o guerreiro com raiva. Ele mostrou-se surpreso com a hostilidade, irritando-a ainda mais. Todos os homens das Terras Altas seriam tão desagradáveis?

— O que os senhores estão fazendo é errado. — Emily não se conteve.

— A retaliação é uma lei dos clãs. O direito está do nosso lado.

— E por acaso é direito permitir que suas mulheres cacem durante a lua cheia longe do território dos Balmoral?

— Cait interveio. — Susannah não estava protegida. Ela estava... Bem, o senhor sabe do que estou falando. Não foi por nossa culpa que a proteção dela foi negligenciada.

Não é justo que sejamos punidas por sua própria fraqueza.

— Isso jamais aconteceu! — Drustan enfureceu-se com a afronta. — Ele a levou de nosso território, assim como estou fazendo agora. E não é a senhora quem paga o preço, mas seu irmão que perderá da matilha a senhora e o bebê.

Emily nunca ouvira um clã ser chamado de matilha, mas resolveu não fazer comentários.

— Susannah está feliz casada com um Sinclair e é isso o que importa — Cait afirmou.

— Isso não exclui a obrigação de ter pedido permissão para o casamento. A quebra da lei dos clãs não será tolerada.

Cait cruzou os braços na altura do peito e fitou o guerreiro com raiva.

— Negue isso se lhe apraz, mas ela era uma lo... uma mulher solitária. Estava livre quando Magnus a encontrou e está muito feliz. Os dois se amam e nosso clã a aceitou de braços abertos.

Emily procurou não estremecer por não ter recebido a mesma acolhida.



— As leis do clã devem ser obedecidas — Drustan insistiu.

Cait esforçava-se para manter distância do soldado.

Emily sentia pela amiga, embora sua própria situação fosse precária. Mas na verdade, viver entre os Balmoral não podia ser pior do que viver com os Sinclair. E enquanto ela estivesse cativa de um ou de outro, não teria de se preocupar em ser mandada de volta para a Inglaterra, e Abigail não precisaria vir em seu lugar para cumprir a ordem real.

Entretanto, Cait obviamente estava preocupada com o destino das duas. Ela não queria guerra com os Balmoral nem morar com eles.

As duas chegaram até a beirada da água e pararam a poucos passos de onde os soldados aprontavam os cavalos. A engenhoca pareceu estranha para Emily, mas ela lembrou-se de ter visto algo parecido numa pintura de um ataque *viking*. Emily estava contente pelo plano de escapar antes de entrar na embarcação. O mar não estava calmo. Ondas batiam nas rochas a uma boa distância da margem. Ela não desejava estar num barco em meio àquelas águas profundas e escuras. Aliás, preferia não entrar em um barco sob nenhuma hipótese. Com o passar dos anos, aprendera a esconder o terror da água, uma força interior muito grande que a consumia.

— Coma isso. — Drustan deu um pedaço de pão de aveia e uma maçã para Cait.

Ela sacudiu a cabeça.

— O bebê precisa se alimentar.

Por mais que Emily não quisesse, ela teve de concordar com Drustan.

— Coma, querida, ele está certo.

Drustan fez uma oferta semelhante para Emily e ela aceitou sem nada dizer. Se pensavam em fugir, ela teria de manter as forças.

Emily fez uma careta e Cait riu. O pão tinha gosto de madeira, mas ela engoliu assim mesmo e comeu imediatamente um pedaço de maçã para tirar o gosto horrível da boca.

— O que houve de tão engraçado? — Drustan quis saber.

Antes mesmo que pudessem responder, Lachlan dirigiu-se a Emily:

— Venha cá, inglesa. Ele estava a uns seis metros de distância, praticamente dentro da água, perto do barco que parecia muito pequeno para transportar cinco gigantes e mais duas mulheres.

— Meu nome é Emily e não Inglesa! — ela retrucou sem a menor vontade de entrar na água.

Lachlan deu de ombros e esperou.

Emily cruzou os braços, disposta a deixá-lo esperando eternamente. Com o canto do olho, mediu a distância até os cavalos. Se Drustan não estivesse tão perto, elas poderiam ter melhor sorte na tentativa de fugir. Mas de qualquer forma seria preciso tentar.

Ela se voltou para Cait, em tempo de vê-la sendo carregada no colo em direção ao barco. A amiga gritava e batia no peito de Drustan em vão.

— Ulf! — Lachlan chamou.

Um segundo depois, Emily foi posta sobre o ombro do guerreiro. Ela tentou se soltar, mas ele a apertou ainda mais. A cada passo, o ombro comprimia o estômago de Emily, dificultando sua respiração. Com a face nas costas dele, ela virou o rosto para ver o chão. Ulf, com seu olhar malévolo, era bem diferente de Lachlan e seu contato não a agradava.

— Largue-me! — ela pediu quando conseguiu respirar. Mas logo lhe faltou ar ao ver que entravam na água.

Ele a largou dentro do barco sobre um pequeno assento ao lado de Cait. O barco balançou e ela conteve um grito de pavor.

Drustan sentou-se no banco da frente e Ulf no último. Emily notou que as pernas dele estavam molhadas até os joelhos, o que indicava que a água era rasa no local, e isso a acalmou. Procurando ser discreta, beliscou levemente o braço de Cait. Teriam de agir naquele momento ou nunca.

Assim, enquanto uma saía por um lado do barco, a outra lutava contra a náusea para sair pelo lado oposto. Ulf agarrou Emily pela túnica e a segurou suspensa sobre a água. O som de espadanar na água e o berro de Drustan eram sinais de que Cait fora bem sucedida.

— Salve-se! — Emily gritou enquanto bracejava a fim de voltar ao bote, fazendo o possível para impedir que os guerreiros fossem atrás da amiga.

Já no barco, Emily segurou o tornozelo de Drustan, mas ele a empurrou e a mergulhou na água. Cait tentava montar o único cavalo ainda em terra, quando um outro guerreiro surgiu e a impediu de completar o movimento.

Ao comando de Drustan o guerreiro soltou Cait, e ele a agarrou no mesmo movimento. Apesar dos pontapés, a dominou e amarrou-lhe as mãos para trás com uma tira de couro, fazendo o mesmo com os pés.

— Por favor, não faça isso — ela implorou, soluçando. — Darei um jeito para que Talorc se desculpe. Por favor...

O apelo de nada adiantou, pois no minuto seguinte seguia no colo de seu captor de volta ao bote.

— Eu o odeio! — Cait o fitou. — Jamais... serei sua. Jamais!

— Não tenha tanta certeza. Pode me odiar, se quiser, mas eu a mantereí comigo assim como Magnus fez com Susannah.

— Se eu não matá-lo primeiro, morrerei tentando. — As lágrimas cederam lugar à fúria.

Empertigada no banco ao lado de Emily, ela nada mais disse.

Emily horrorizou-se com o que ouvira, porém não havia nada que pudesse fazer. Menos de cinco minutos depois, eles partiram. Os guerreiros remavam com a prática de quem fizera o trajeto inúmeras vezes.

Emily procurou não pensar na profundidade da água nem na fragilidade do barco. Ignorou o esborrifar das ondas na proa, mas o mar a apavorava.

— Você está bem? — Emily perguntou a Cait em latim.

— O bebê e eu estamos fisicamente em ordem. Mas eu não estou bem.

— Sinto muito. — Emily entendia bem o que significava perder o controle sobre a própria

vida.

— Obrigada, mas você sabe que isso não é culpa sua.

— Se seu irmão soubesse que você iria comigo, certamente teria mandado mais soldados para protegê-la.

— O rapaz que nos acompanhou é conhecido por ser feroz. Ele seria um ótimo guarda, a menos que Talorc mandasse um contingente de sua guarda pessoal, como fez quando a mandou buscar na fronteira. Mesmo assim, o resultado teria sido incerto diante dos soldados Balmoral.

O vento soprou e, apesar do sol de verão, Emily estremeceu, mesmo sem estar molhada.

— Você deve estar com frio. — Ela pôs as mãos na roupa úmida de Cait.

— Estou bem.

Emily não entendeu porque ela não tremia. Aliás, notara que no castelo Sinclair não se acendia a lareira até o anoitecer, embora, em sua opinião, o horário pudesse ser antecipado. O que a levou a concluir que os habitantes das Terras Altas eram resistentes ao frio.

Contudo, mesmo uma mulher forte como Cait poderia ser dominada.

— Cait, qual o conteúdo da ameaça de Drustan? — Emily indagou

— Ele pretende ficar comigo como sua companheira.

— Ele quer se casar? As leis da Igreja não são as mesmas na Escócia como na Inglaterra? Seu rei aceita a autoridade de Roma?

— Os clãs não estão muito preocupados com os ditames do rei escocês.

— Então não é preciso concordar com o casamento para ele ser válido?

— Em princípio não, mas quando um homem se apossa de uma mulher, ele pode optar por um casamento clandestino.

— Quer dizer que Drustan pode levá-la para a cama sem as bênçãos da Igreja? — Havia algo muito errado naquela história.

— Sim.— Cait deu de ombros, sem parecer preocupada.

— Quer dizer que a conversa de "não fazer mal às mulheres"...

— É mentira.

— Está enganada, milady — Lachlan disse em latim e com brusquidão.

— Eu deveria ter suposto que ele nos entenderia. — comentou Cait, curvando os ombros para a frente. — Meu irmão disse que o lorde de Balmoral era mais instruído do que os outros chefes de clã e considerava isso uma fraqueza.

— Você também teve um aprendizado diferenciado, não foi?

Cait recusou-se a responder o desafio de Lachlan, e Emily estava furiosa demais para dizer alguma coisa.

Aquele homem era um monstro!

Drustan quis saber o que eles estavam conversando, e Lachlan o satisfaz, palavra por palavra. A despeito de sua raiva, Emily corou ao discutir assuntos privados na frente de outras pessoas. Mas a irritação de saber que a amiga seria tratada de maneira tão horrível a fez esquecer tudo.

Aquilo não era correto. Ela resolveu, então, enfrentar o lorde Balmoral, que ia à frente do barco, com pose arrogante e dominadora, enquanto os outros soldados manejavam os remos. O aspecto masculino e severo parecia caçoar de todos, por mascarar um coração duro que ela não imaginava existir.

A desilusão de imaginar o que ele não era, mesclou-se ao receio pela amiga.

— Milorde não passa de um selvagem mentiroso!

— Creio que a senhora pôde ser ouvida na Inglaterra — um dos soldados falou.

Emily olhou-o com raiva antes de voltar-se novamente para Lachlan, disposta a ofendê-lo para obter sua atenção.

— E Drustan é um ladrão! Não, é pior do que isso. Ele pretende apropriar-se do que não lhe pertence e também prejudicar uma mulher inocente que está grávida. Os senhores não passam de um bando de covardes que resolveu vingar-se em uma mulher em vez de enfrentar os oponentes em uma luta honesta.

Emily ignorou os resmungos de protesto e o olhar impassível que lhe era dirigido.

— Milorde pode ser mais instruído do que os outros lordes das Terras Altas, mas para mim, é o homem mais ignorante e sem coração que conheci.

Emily sentou-se com um movimento repentino que fez o barco balançar, deixando-a enjoada ao lembrar-se de onde estava.

— Você quer que eles a atirem para fora do bote? — Cait a reprimiu como se ela houvesse perdido o juízo.

— Eu não me surpreenderia se isso acontecesse, o que não seria nada diante dos planos maldosos que eles têm para você — Emily não podia conter-se.

Ulf a agarrou pelos ombros como se fosse jogá-la, de fato. Emily conteve um grito. Não demonstraria receio, embora seu coração batesse acelerado pelo terror.

— Solte-a! — O tom firme da voz de Lachlan teve um efeito imediato.

— Isso era o que ela merecia por estar denegrindo a imagem do clã Balmoral. — Ulf a soltou, contrafeito.

— Não todo o clã, mas os guerreiros aqui presentes. — Ao contrário de muitos, Emily não julgava o grupo inteiro pelas ações de poucos degenerados,

O silêncio pesado que se seguiu a fez supor que desagradara a todos. Uma onda grande esborou-se ao encontro do barco, jogando água sobre todos. Emily, além da raiva, teve de lutar contra o medo de o barco virar.

Com as unhas enterradas nas palmas, rezou para que o afogamento não fosse uma morte tão horrível como supunha.

— Gostei de conhecê-la — Lachlan precisou gritar para ser ouvido.

Naquele momento, Emily achou as palavras dele totalmente inadequadas, ainda mais que o barco balançava muito sob o impacto das ondas enormes. Ela não conseguia acalmar-se e mordeu o lábio inferior para não gritar.

Um movimento na popa fez com que balançassem para os lados. Sem olhar, imaginou quem teria sido tão tolo a ponto de desequilibrar o barco numa hora daquelas. Talvez Lachlan tivesse mudado de opinião quanto ao destino dela.

E foi a mão dele que ela viu em seu ombro.

— Não sei nadar — falou e arrependeu-se de haver demonstrado fraqueza.

— Isso teria pouca importância se eu fosse o homem que você crê que eu seja, não é?

Seria um engano supor que ele jamais a jogaria para fora do barco?

— Milorde ajudou no rapto de uma mulher com a intenção de prejudicá-la.

— Exerci meu direito de um lorde para fazer justiça entre os clãs.

— Não me importo com suas justificativas. Suas ações determinam que tipo de homem é.

Lachlan suspirou longa e profundamente.

— Sua opinião a meu respeito e de meu clã não importa, inglesa.

— Nunca imaginei o contrário. — Emily não demonstrou ter se incomodado com aquelas palavras, nem o horror de admitir que se incomodava.

— Não foi o que você disse.

Ela tentou dar de ombros, mas a mão pesada a impediu de fazê-lo.

— Se está pensando em me insultar novamente... Talvez seja melhor pensar antes

de agir. — O tom suave foi mais incisivo do que se ele tivesse gritado.

Emily não respondeu.

— Não gosto de falar às suas costas.

Lachlan a levantou, e ela deu um grito.

— Cuidado! Milorde não deveria estar se movimentando tanto. Será que não notou como o mar está encapelado? Nós poderemos naufragar — advertiu Emily, desejando apelar para o juízo que ele não deveria ter. Lachlan pensava ser indestrutível.

— A água está plana como vidro.

— Milorde está brincando, mas eu não vejo graça nenhuma no assunto.

— Saiba que não estou brincando. — Pegando-a desprevenida, ele a segurou junto ao peito, com olhar escurecido e intenso, que ela não soube interpretar. — Nada de mal lhe acontecerá nas minhas mãos, inglesa.

O mais difícil era acreditar naquilo. E o que se dizer dos planos para Cait?

Só percebeu que havia feito a pergunta em voz alta quando ele respondeu.

— Drustan tem a responsabilidade de convencê-la a ficar por vontade própria.

— E se não for possível? — Emily tentou perceber o nível de sinceridade dele pelo olhar.

— Não duvide. Afinal, estamos falando de um Balmoral.

— O que não o torna um mágico — sussurrou ela mais uma vez, submetida ao encanto de Lachlan.

Terminando a conversa, ele tomou o lugar de Ulf atrás das duas. Este foi para a proa onde assumiu a pose anterior do irmão. Peito inflado, mãos na cintura e um dos pés apoiados em um banco.

— Meu irmão é homem bastante para fazer com que a mulher desejada concorde

com seus planos. Além do mais, mesmo que se deitem juntos, ele jamais a prejudicaria ou ao bebê.

Emily ficou constrangida com o que ele disse.

— Ele está muito enganado ao pensar que eu me submeterei!—Cait revoltou-se.

Drustan soltou uma sonora gargalhada.

— Você se submeterá, querida, e ainda vai gostar. Emily virou-se a tempo de ver a amiga morder o ombro de Drustan como ela fizera anteriormente. E da mesma forma, ele pareceu não se incomodar.

— Vejo que andou ensinando seus métodos ingleses selvagens à jovem Sinclair — Lachlan falou, inexplicavelmente sorrindo.

— Não sou selvagem — Emily defendeu-se. Drustan virou-se, colocou Cait no colo, murmurou que a ensinaria a fazer coisas melhores e beijou-a em seguida.

Não foi um beijo brutal, embora ela tenha tentado mordê-lo. Quanto maior a rebeldia, maior a diversão. Ele, então, passou a beijá-la no canto da boca, nos olhos e na testa antes de voltar aos lábios. Emily desviou o olhar, envergonhada, mas não pôde deixar de espiar e notar que já não havia tanta luta. Ao contrário, ambos posicionaram-se melhor para corresponder aos carinhos.

Emily achou impossível não observar a cena, pois nunca vira nada parecido. Em sua concepção, tais intimidades eram destinadas apenas aos aposentos privativos. No entanto, ninguém, além dela, mostrava-se surpreso. Nem mesmo Cait estava envergonhada! Como reagiria se também fosse beijada daquela maneira? Isso na certa aconteceria no leito matrimonial. E não foi o rosto de Talorc que lhe veio à mente, mas sim a de um guerreiro pintado de azul e montado num cavalo que mais parecia um dragão.

## Capítulo II

Depois de alguns minutos, quando se separaram, Cait não se mostrou mais raivosa nem assustada.

— Você vai me desejar quando se deitar comigo — Drustan prometeu numa voz que deixou Emily com vontade de ouvir aquelas palavras... ditas por outro.

Na certa se tratava de algum feitiço das Terras Altas que destruía a resistência das mulheres.

Com a ponta da manta, Drustan limpou a tintura azul que ficara no rosto de Cait.

— Não duvide de mim, eu nunca a farei sofrer. — Ele segurou-lhe o rosto contra o peito como se amparasse um bem precioso.

Por algum motivo, a ação comoveu Emily.

— Agora terá de se desculpar, inglesa — Lachlan disse.

— Pelo quê? — Emily esforçou-se para encarar o olhar lupino e misterioso que a fazia sonhar.

Não houve resposta. Ela também não disse mais nada. Faria o mesmo jogo dele e não se desculparia por nada.

O que acontecera com Cait não significava que o líder do clã dos Balmoral estivesse certo na forma de vingança que escolhera.

No silêncio que se seguiu, ouvia-se apenas o som dos remos e das ondas que rebentavam no barco.

— Eu vencerei — Lachlan prometeu em voz baixa e não mais a olhou.

Inexplicavelmente ferida pela rejeição, Emily virou-se para o lado do barco. A ilha a que Cait se referira não chegava nunca, e a extensão do oceano ao redor deles a deixava assustada.

Drustan desamarrou Cait e ajudou-a a sentar-se ao lado de Emily antes de retomar os remos.

Sem a raiva que a sustentara, as imagens horríveis do barco soçobrando voltaram a atormentar Emily. — Você vai tolerar o insulto da inglesa? — Ulf perguntou ao irmão, furioso.

— Ela se desculpará.

— Não o farei! — ela murmurou o desafio sem pensar. Lachlan resmungou e o som não pareceu humano. Emily estremeceu ao fitá-lo e desejou não tê-lo feito. O dourado dos olhos tomava conta de quase toda a íris, o que os deixavam com aspecto animalesco. Era evidente que Lachlan estava muito aborrecido.

Se não houvesse passado da idade de acreditar em dragões e lobisomens, Emily diria tratar-se de um e sentiu um frio percorrer-lhe a espinha.

— Você está admitindo que é fraco e covarde para vingar-se nas mulheres em vez dos homens?

Lachlan ficou em pé e, tenso, encarou o irmão.

— Como ousa me desafiar, Ulf?

— Eu apenas repeti o que a inglesa disse. Não o vi fazer nada para punir essa insolência.

O barco balançou. Emily cerrou os dentes, e o queixo doeu com o esforço. Fechou os olhos, tentando bloquear a realidade que a rodeava, mas o som do vento e da água não a abandonava.

— Talvez ele pense que forçá-la a tolerar sua companhia seja uma punição bem adequada — Cait ironizou.

Emily percebeu uma agitação que fez o barco tombar perigosamente para um lado e depois para o outro. Imersa no poço do medo, abriu os olhos e procurou a pessoa mais

forte do barco... Lachlan.

Ele estava acima dela, segurando Ulf, impedindo-o de agarrá-la. Aturdida, ela levou as mãos ao pescoço, em uma tentativa inútil de se proteger.

— Eu não tolero tais insultos, mesmo que você não se incomode. — O olhar de Ulf era de pura recriminação.

— Pois serei eu a estabelecer o seu limite de tolerância — sentenciou Lachlan com voz gélida.

— Você escolheria o inimigo a seu irmão?

Então Ulf era de fato irmão de Lachlan. Emily supôs que existisse uma ligeira semelhança.

— Os guerreiros Balmoral não atormentam as mulheres.

— Ela nos insultou! — Ulf gritou, apontando para Emily com a cabeça.

— Ela é inglesa, não conhece nossos costumes, mas aprenderá.

Emily continuava preocupada com o mar.

O sol do verão ainda não se pusera quando eles chegaram à ilha dos Balmoral.

Emily arfava, agarrada na tábua que servia de banco para Cait e para ela. Sua natureza alegre se eclipsara com a tortura de cruzar as águas turbulentas e de estar sentada diante de um guerreiro que a fitava com ódio.

Lachlan trocara de lugar com o irmão momentos depois do desentendimento, e ela passara o restante da viagem tendo de suportar o olhar intimidador de Ulf. Seria preferível ter lhe dado às costas, mas o medo da água a impediu de se mexer.

A vista da terra se aproximando trouxe lágrimas aos seus olhos, mas nada conseguiu falar.

Angus, o soldado de olhos castanhos e cabelos avermelhados, pulou na água para puxar o barco enquanto Ulf e outro soldado foram cuidar dos cavalos. Em menos de quinze minutos, embarcação e cavalos estavam em terra firme. Drustan levantou Cait, deixou-a no chão e estendeu a mão para Emily.

— Venha. Emily passara a última hora agarrada ao assento e seus dedos não a obedeceram.

— O que houve? — Lachlan perguntou a Drustan.

— A inglesa se recusa a sair do barco. Lachlan se virou para ela, carrancudo.

— Não esgote a minha paciência.

— Não há nenhuma mesmo — Emily murmurou.

— Se isso for verdade, não espere por minhas desculpas. Emily nada respondeu, ocupada em desgarrar os dedos do banco.

— Venha cá! — ele berrou.

Com o susto ela finalmente soltou a madeira. Ficou em pé, mas ignorou a mão estendida para ajudá-la. Lachlan curvou-se para dentro do bote, agarrou-a pela cintura com as duas mãos e levantou-a como se ela nada pesasse e deixou-a no chão. As ondas de raiva que dele emanaram eram tão poderosas como as que se chocavam contra o barco.

— A que distância fica a sua propriedade? — ela perguntou a Lachlan, sem olhar para ele. Como não ouvira nada, continuou: — Sinto muito por ter encontrado dificuldade para sair do barco.

O silêncio persistia. Assim, olhou por sobre o ombro para ver se ele ainda estava no mesmo lugar e ficou surpresa com a expressão em seu olhar.

— Seria um desperdício se ficasse com Talorc.



Emily sacudiu a cabeça sem saber o que ele queria dizer.

— Meu lar é ali — anunciou Lachlan, mudando de assunto.

Emily seguiu a direção que ele apontava e ficou boquiaberta com o que viu.

Um penhasco escarpado erguia-se a alguns metros do solo e no alto havia um enorme castelo de pedra digno de um rei.

— É impressionante — Cait comentou, aproximando-se. — As forças de meu irmão jamais entrarão ali.

Emily foi obrigada a concordar. Nem mesmo o rei da Inglaterra teria sorte se resolvesse cercar o castelo dos Balmoral.

— Cuidamos bem do que temos — Drustan disse com arrogância e pôs a mão no ombro de Cait.

— Exceto de Susannah — dardejou Cait.

— Fique sossegada querida, qualquer erro que a tenha levado a ficar com Magnus não se repetirá com você.

— Espero que não. Não tenho a menor vontade de me casar com o ferreiro de meu irmão.

Emily notou que Drustan ficou ofendido, sem entender que se tratava de uma brincadeira.

— Quantas pessoas vivem dentro das muralhas do castelo? — indagou, procurando mudar o rumo da conversa, ainda espantada com o tamanho da construção.

— Acha mesmo que vamos contar segredos desse tipo para nosso inimigo? Ulf ironizou.

— Não sou inimiga de seu clã — ela murmurou, com as emoções em redemoinho.

Ulf gargalhou.

— E diz isso depois dos insultos dirigidos a nosso clã? Nós a consideramos inimiga. Além de ser esposa do lorde Sinclair, também é inglesa. Isso a torna nossa inimiga em dobro.

As palavras queimaram como ácido, destruindo tudo o que restava do bem-estar emocional de Emily.

Desde que havia chegado às Terras Altas, ela só encontrara ódio. As palavras de Ulf confirmavam que seria desprezada ainda mais entre os Balmoral, do que o fora entre os Sinclair. Era terrível encarar tal perspectiva.

Na fortaleza de seu pai, ela era benquista pelos criados, embora não fosse valorizada pela família. Alguns, como a velha babá, a amavam, assim como sua irmã Abigail.

Naquele momento via-se rodeada por pessoas que a desprezavam. E a incomodava o fato de Lachlan ter se aborrecido com ela. Por quê? Ela mal o conhecia, e ele não era exatamente agradável.

Além do mais, Cait decerto pensava que seria sua culpa se o lorde de Balmoral tentasse matar Talorc. Ela já não entendia mais nada e não estava disposta a suportar mais cenhos franzidos.

Assim, decidida, virou-se e começou a andar, sem saber para onde ia. Não

importava. Iria para qualquer lugar, menos para aquela fortaleza inexpugnável, onde só encontraria rejeição e maldade. Estremeceu ao olhar para o paredão de rocha e das torres acima dela.

Nem mesmo ficaria junto a Cait, pois Drustan a levaria.

Por um momento preocupou-se com a amiga. As mulheres do clã Balmoral a desprezariam como haviam feito com ela, ou a aceitariam como os Sinclair haviam aceitado Susannah? Mesmo esperando que a segunda hipótese fosse a verdadeira, estava resolvida a não ficar nas terras dos Balmoral.

Não permitiria mais que a mandassem para onde não desejava ir. Se desaparecesse na floresta, Talorc não poderia mandá-la de volta para casa, e Abigail ficaria a salvo. Por mais difícil que fosse para a irmã viver na fortaleza de seu pai, seria

melhor do que enfrentar a vida nas Terras Altas.

Tropeçou em algo, mas não viu do que se tratava por causa dos olhos lacrimejantes. Recriminou-se. Não deveria chorar.

Escutou vozes. Eram Cait e os soldados. Apressou o passo, mas foi em vão.

— Pare, lady Sinclair. — Um dos soldados a deteve pelo ombro. Ela tentou se desvencilhar, mas ele a segurou com mais força. — É melhor vir comigo.

— Não! — Emily conseguiu soltar-se e correu.

Depois de limpar os olhos e puxar a túnica que se prendera num galho, ela levantou a barra da saia para correr tão rápido quanto as pernas lhe permitissem.

Sem refletir no que fazia, pegou um pedaço de madeira do chão e atingiu o soldado com toda força na virilha.

O homem deu um berro e caiu de joelhos, agarrado entre as pernas e com o rosto contraído de dor.

Sentindo remorso pelo que fizera, Emily correu para embrenhar-se na floresta antes que outro soldado aparecesse. Se Ulf a perseguisse provavelmente a faria sofrer, independentemente do que o irmão dele garantiria.

Aquele homem a odiava, assim como todos os habitantes das Terras Altas. Exceto Cait. Esperava que a amiga encontrasse a felicidade com Drustan.

— Emily, pare!

Era a voz de Lachlan, mas não a impediu de continuar correndo. Se fosse capturada, ele a levaria para o castelo de pedra e seu coração seria triturado pelo ódio dos Balmoral.

— Emily!

Ainda não tinha alcançado a floresta, quando foi arremessada ao chão. Lachlan a cobria com seu corpo pesado, impedindo-a de se movimentar. Entretanto, não demorou a levantar-se e ajudá-la a fazer o mesmo.

— Por que estava fugindo? — Lachlan indagou, furioso.

— Por favor, deixe-me ir.

— Para onde? Certamente deve ter entendido que não há para onde fugir.

O mar os rodeava, lembrando-a de que não poderia voltar.

— Quero ir para a floresta.

— Ficou louca? É capaz de ser atacada por animais selvagens.

— Pelo menos eles não me odiarão. Por favor, não posso voltar para o castelo e não quero encontrar-me com seu povo.

— Não há alternativa. Se fugir de novo, serei obrigado a trancá-la na torre e a porta será aberta apenas para servir as refeições. Emily levantou-se e tentou correr, mas foi agarrada novamente. Segurando-a pelos ombros, Lachlan forçou-a encará-lo.

— Não duvide. Farei o que prometi.

— Está bem. — As lágrimas deslizavam pelo rosto de Emily. — Tranque-me na torre e eu não verei ninguém em terei de encarar o ódio de todos.

— Quem a odeia?

— Seu clã. As mulheres serão como as do clã Sinclair ou até piores. Elas acreditam que eu roubarei o ar que elas respiram, apenas por ser inglesa. Os soldados me fitarão com raiva o tempo todo. Se eu fizer algo errado, eles me farão sofrer, assim como Ulf gostaria de ter feito — ela o lembrou antes de romper em soluços.

Lachlan a abraçou, acariciando-lhe as costas, desajeitado.

— Fique calma. Não deixarei que ele faça nada disso.

— Duvido. Milorde também me odeia. Sou sua inimiga. — Sem perceber, ela encostou-se no corpo dele.

Aquilo parecia um pesadelo e nos sonhos nada era impróprio. Ele mal suportava o

tom pesaroso de Emily. Para piorar, roçar as curvas suaves deixavam-no louco. Entendia o quanto ela estava moralmente ferida. Era verdade que os habitantes das Terras Altas não gostavam dos ingleses, mas os Sinclair levavam o fato a níveis nunca vistos.

— Os soldados Sinclair a maltrataram?

— Não ainda, mas isso estava fadado a acontecer.

— E Talorc?

— Ele me odeia mais do que todos. Fui chamada de inimiga e ninguém se importou. Todos crêem que sou má por ter dito que preferia me casar com um bode a me casar com ele.

— Isso foi antes ou depois do casamento? — Lachlan sentiu uma ponta de simpatia por lorde Sinclair.

O insulto de ter uma noiva imposta por certo havia aumentado com o que Emily dissera diante de testemunhas.

— Antes. — Ela soluçou e encostou-se nele ainda mais, sem saber que o excitava.

— Pare de chorar.

— Estou... tentando — O esforço era visível, porém inútil.

Lachlan podia ouvir o irmão fazer comentários degradantes sobre Emily, mas naquele momento, tudo o que desejava era ter os olhos e ouvidos aguçados de seus companheiros lobisomens longe da mulher vulnerável que tinha nos braços.

Estreitou-a em seu peito e sentiu algo estranho quando Emily o abraçou pela nuca, escondendo o rosto na curva de seu pescoço.

Era desejo! Ele a desejava e não poderia tê-la. Nada mais do que isso. Se pudesse ao menos deitar-se com ela algumas vezes para livrar-se daquela aflição.

Ele a carregou para a floresta, para longe dos olhos e dos ouvidos dos soldados. Não foi uma atitude inteligente.

Perdia tempo que deveria ser gasto voltando para casa e assim garantir segurança às mulheres. No entanto era preciso acalmar os receios de Emily antes de voltar. Parou apenas quando não podia mais ouvir outros falar e pôs Emily cuidadosamente no chão. — Decidiu me deixar na floresta? — Ela o fitou, com os olhos úmidos.

— Diga-me por que está fugindo? — Lachlan optou por fazer outra pergunta, para não precisar explicar suas atitudes.

— Eu já lhe disse que não posso suportar mais tanto ódio. — Emily suspirou, fazendo um esforço óbvio para controlar suas emoções. — Olhei para seu castelo e de repente pensei nas pessoas que vivem ali e que me odiariam por ser inglesa. E o sentimento seria ainda pior por eu ser esposa de seu inimigo.

— Acredita mesmo nisso?

— Claro. Gostaria que não fosse assim, mas os habitantes das Terras Altas odeiam os ingleses.

— Pelo que sei, sua postura não agradou aos Sinclair, com exceção de sua cunhada. Talvez tenha sido essa a razão que despertou mais hostilidade e não o fato de ser inglesa.

— Cait disse isso, mas ninguém sorriu para mim quando cheguei. — Emily tornou a inspirar fundo.

— Não sorrimos para estranhos. Por acaso esse é um costume inglês?

— Talvez não, mas eu vim para me casar com o líder deles. — Foi preciso piscar várias vezes para afastar as lágrimas.

— O que pode ter ferido o orgulho do clã. Talorc é o chefe do clã. Todos são mais leais a ele do que ao rei.

— A lealdade ao rei vem em primeiro lugar.

— Isso pode acontecer na Inglaterra e talvez nas Terras Baixas, mas não aqui.

— Mas é errado. É um pecado considerar o chefe do clã superior ao rei de seu país.

— Por que decreto?

— Bem... Tenho certeza de que a Igreja tratou disso — respondeu ela, encarando-o com espanto. — Não se preocupa em ser castigado pela Igreja?

— Não. — A negativa valera a pena para ver a reação dela.

— Então Cait estava certa. Drustan não se casará com ela segundo os mandamentos da Igreja.

— Eu não disse isso.

— Nenhum sacerdote virá até aqui se milorde tem uma visão tão desrespeitosa.

— Nosso sacerdote não é contrário a nossos pontos de vista.

— Seu sacerdote? Ele mora junto com o clã?

— Sim.

— Milorde também me odeia? — ela indagou em voz baixa.

— Por que essa pergunta agora?

— Porque age como se me odiasse. Percebi a maneira como me tirou do barco...

— Eu estava com raiva.

Emily esperou que ele respondesse à pergunta. Como Lachlan também se calou, ela resolveu insistir:

— Bem... milorde me odeia?

— Não.

— Eu também não o odeio.

Sem entender o motivo, Lachlan gostou de ouvir aquelas palavras, embora não devesse demonstrar.

— Isso não importa — concluiu ele.

— Eu podia imaginar. Assim como não lhe importa também que eu ache errado o fato de ter raptado Cait e a mim.

— As duas estarão bem melhor com o meu clã do que ao lado dos Sinclair.

Ela mordeu o lábio inferior, com olhar interrogativo.

— Ninguém aqui a odiará, Emily.

— Ulf me odeia.

— Ele apenas se ofendeu com suas palavras e insultos.

— Ele é grosseiro!

— Ainda bem que notou. — Lachlan riu.

— Os habitantes das Terras Altas são estranhos.

— E não imagina o quanto.

Emily o fitou com tamanha inocência, que ele teve de esforçar-se para não tocá-la.

— Você e Talorc ainda não se deitaram, não é?

— Não deveria fazer uma pergunta dessas! — Ela o repreendeu com o rosto vermelho.

— Mas eu estou certo.

O corado acentuou-se e ela desviou o olhar.

— Diga-me a verdade, inglesa.

— Isso não lhe importa.

— Diga!

Emily se abraçou, procurando coragem para responder.

— Não, ainda não. — Ela o fitou com raiva. — Está contente agora?

A impressão passada era de uma inocência intocada, e a confissão afetou a libido de Lachlan com uma intensidade cruel.

— Ele nunca a beijou, não é?

A questão deixou-a ainda mais envergonhada e atormentada.

— Por favor, não faça perguntas tão pessoais.

— Eu poderia beijá-la e descobrir.

— Seria errado beijar a mulher de outro homem.

O silêncio que se seguiu foi tenso. Tanto um quanto o outro aguardavam a desistência. O que não aconteceu.

Ele se aproximou, fazendo-a recuar depressa.

— Nunca fui beijada, está satisfeito? Já lhe disse que ele me odeia. E eu não quero que ele encoste em mim.

Ouvir aquelas afirmativas quase o deixou de joelhos. Mas por quê? Ele ainda palpitava pela excitação de tê-la segurado nos braços, mesmo sendo considerado um inimigo.

— Se seu povo me detestar, posso ir embora?

— Eles não a detestarão. — Ele se asseguraria disso. Lachlan sabia que os Sinclair tinham seus motivos para desprezar os ingleses, mas não era justo descontar o ódio em alguém tão sensível.

— As mulheres serão bondosas com Cait como os Sinclair foram para Susannah, ou elas a evitarão por ser inimiga?

— Drustan desafiaria qualquer homem cuja esposa ou filha evitassem sua companheira.

— É bom saber disso. Ele é um guerreiro forte e poucos ousarão enfrentá-lo. — Fazendo uma pausa estratégica, ela o encarou para questionar: — Por acaso o senhor é casado?

— Por que a pergunta? — Lachlan imaginou a razão daquela indagação.

— Por nenhum motivo particular. — Emily passou a ponta da língua pelos lábios e corou como se houvesse perdido o fio dos pensamentos — Nem sei. Pessoalmente não me importo com isso. Sou uma pessoa muito curiosa. Sybil sempre diz que esse defeito me criará problemas, mas não posso mudar minha natureza.

Mulheres eram estranhas, ainda mais se tratando das humanas. E Emily era mais estranha do que a maioria. E o fato mais curioso era que isso o agradava.

— Se eu não fosse casada, poderia ficar com um de seus guerreiros como Drustan fez com Cait? — A expressão dela passou de preocupada a envergonhada.

— Não permitiria sequer a proximidade de outro homem.

— Cait acredita que o irmão dela será morto por minha causa.

— Esse é um caso a ser considerado.

— Mas eu não quero que o mate! — Emily empalideceu.

— Ora, se não o quer como marido...

— Isso não é motivo para matá-lo.

— Então ainda considera a possibilidade... — Lachlan não sabia a razão, mas gostaria de ouvi-la negar

— Que Deus me perdoe, mas de jeito nenhum!

— Nesse caso, a morte de Talorc poderia ser um benefício.

— Como pode ser assim tão frio? — Emily perguntou com voz trêmula.

— Sou prático.

— Os clãs estavam em guerra antes de Susannah se casar com Magnus sem permissão?

— Não.

— Então Talorc não é seu inimigo. — A conclusão a deixou aliviada. — Não tem razões para odiá-lo ou para matá-lo. Tenho certeza de que tudo poderia ser resolvido se

os dois conversassem.

A sugestão era deveras pitoresca. Jamais haveria diálogo e sim guerra. Não foi preciso colocar a intenção em palavras, pois Emily percebeu pela fisionomia séria que o tomou.

— Não pode matá-lo! Talorc é irmão de Cait e isso a aborreceria. Pelo que disse, ela logo pertencerá a seu clã, quer queira ou não.

Lachlan não entendia, como a beleza e loucura formavam tão cativante conjunto naquela mulher.

— Cait sobreviverá à dor da perda.

— Ao contrário, ela odiará a todos, se matar o irmão dela.

A idéia de matar Talorc e ficar com Emily como amante era muito tentadora para a paz de espírito de Lachlan.

— Mas ele também é seu marido, e deve morrer por tê-la ferido. — Aquilo fazia sentido para ele, porém Emily ficou apavorada.

— Nenhum homem deve ser morto por minha causa! Ele feriu sentimentos que não são tão importantes para os habitantes das Terras Altas, pelo menos não para os guerreiros.

Ele tornou a dar de ombros. Se resolvesse sentir-se ofendido por ela, então estaria certo. Afinal era o líder da matilha. Como tal, poderia fazer o que quisesse.

— Essa não deveria ser a sua vontade. Eu nada significo, mas também suponho que seus guerreiros não precisam de muito incentivo para matar uns aos outros. — Assim dizendo, ela se afastou resmungando coisas incompreensíveis. Até que finalmente parou e fitou-o. — Um momento, não sou lady Sinclair!

Boquiaberto, ele balançou a cabeça. Que novidade era aquela?

— Está me dizendo que mentiu para mim?!

— Eu queria salvar Cait e achei que ficar comigo como esposa de Talorc seria suficiente para o seu clã.

— Então não é casada com Talorc?

— Não — Ela torcia as mãos. — Nós teríamos de nos casar, mas ele me odeia. Não sei o que farei se ele me mandar de volta para a Inglaterra. Preciso salvar minha irmã.

As palavras dela não faziam sentido, mas talvez nada tivesse lógica naquele

momento. Tudo o que ele podia pensar era que não seria desonroso beijá-la imediatamente. Não podia ficar com uma humana, mas poderia beijá-la e talvez mais. Sorriu satisfeito.

— Emily, venha cá.

— Não acho que isso seja uma boa idéia. Mal ela acabou de falar, Lachlan aproximou-se e agarrou-a pelos braços. Ela ficou arfante pelo contato e por ele ter vencido a distância que os separava com tanta rapidez. Talvez estivesse mais próxima do que imaginara.

Contudo não o via mover-se de um lado a outro. Visualizava apenas uma mancha negra. Estranho, muito estranho... pois tinha certeza de que o estava encarando. Porém, o mais desconcertante era saber que ele a observava como se quisesse devorá-la.

— Quer dizer que não pertence a Talorc? — A voz de Lachlan assemelhava-se ao rosnado de um predador.

— Sou a noiva dele.

— O que é bem diferente... Lachlan puxou-a mais para perto, a ponto de um sentir a respiração do outro. Jamais alguém a segurara daquela maneira. Apesar da situação indecente, nenhum protesto foi proferido.

Com o busto pressionado contra o peito largo, a cada arquejo os seios se mexiam,

formigavam e doíam misteriosamente.

Enquanto Emily sentia todos os efeitos da proximidade, ele não demonstrava qualquer alteração.

— E também é verdade que ele não a tocou?

— Sim — ela disse num fio de voz. Lachlan abaixou a cabeça lentamente, sem deixar de olhá-la por um só instante. Estavam tão perto que uma excitação desconhecida a invadiu. Algo que contrapunha as regras de jamais beijar um bárbaro. Porém, os lábios grossos se fecharam sobre os dela, deixando-a em total torpor. O contato era diferente de tudo o que conhecia. Os gemidos formaram uma trilha sonora enquanto as bocas se moldavam. Agindo puramente por instinto, Emily pressionou o corpo ainda mais contra o dele. Não demorou para que os dois se movessem em um mesmo compasso. Aquela era a experiência mais surpreendente que ela já vivenciara. Um fogo abrasador percorria-lhe as entranhas, exigindo que não parasse de explorar ao máximo a carícia.

Naquele momento, nada poderia magoá-la. Nem pais que sacrificavam a vida das filhas, nem Talorc que poderia mandá-la de volta, nem guerreiros Balmoral que a prenderiam no castelo. Era como se tivesse dado um grito de liberdade, uma sensação que talvez não se repetisse. Certo ou errado, queria que aquelas emoções se prolongassem.

O corpo vigoroso de encontro ao seu era diferente. Grande e poderoso, emanava uma fragrância que mexia com seus sentidos. Embriagava-se a ponto de imaginar que toda sua sede só pudesse ser saciada apenas por aquele homem.

Um estranho calor a dominava, originando-se entre suas coxas. Deixando-se a mercê daquela louca magia, percebeu que seus quadris se moviam por conta própria, roçando nas coxas rijas e aumentando ainda mais o turbilhão de emoções. Sem entender o que acontecia, sentiu-se assustada, mas também atraída. Depois de alguns minutos, apenas a proximidade não lhe bastava. Quando entreabriu os lábios, percebeu um sabor mais doce que o mel, irrigando o deserto de sua boca.



Lachlan grunhia como um lobo faminto e vibrava com o som. O eco a fazia tremer inteira.

Longe de querer terminar, Emily se pegou imaginando como seria tocá-lo e ser tocada. Desejou que aquelas mãos fortes deslizassem por todo seu corpo, deixando um rastro em brasa, tatuando-a para que nunca se esquecesse de momentos tão gloriosos. Queria sentir o contato de pele contra pele, gravando na memória sensações jamais vividas. Com a ponta do dedo delineou a tatuagem que circulava o bíceps proeminente, e a de um animal que lhe enfeitava as costas. Depois pensou em passar as mãos nos pelos encaracolados no centro dos músculos do peito.

Rendendo-se aos anseios, ela espalmou a mão na parte do peito não coberto pela manta. Onde encostava, sentia formigar. Deliciava-se com a mais curiosa sensação que já conhecera, apacando o desejo ardente em seu interior.

Era como se houvesse nascido apenas para conectar-se com aquele guerreiro magnífico.

Aquilo não podia ser verdade. Lachlan não era seu pretendente, e ela jamais poderia ser sua noiva. Deveria afastar-se. Teria de parar com aquilo antes de perder o coração e a honra. O decoro e a sanidade exigiam tal comportamento, mas seu coração gritava que aquela seria a única chance de testar a verdadeira paixão. Uma vez casada com Talorc, jamais experimentaria nada parecido.

- Ele nem mesmo a beijaria.

Como poderia pertencer a um homem que a odiava? No entanto a razão insistia em afirmar que aquele beijo era errado.

Tentou afastar-se, mas Lachlan a segurou pela cintura e ergueu-a num contato mais íntimo com seu físico grande. O ápex das coxas dela encontrou uma elevação rija e um gemido se fez ouvir. Ondas de prazer a inundaram, quando as bocas se encontraram novamente.

— O que diabos está fazendo?

A voz rouca penetrou na mente de Emily ao mesmo tempo em que Lachlan se enrijecia, apertando-lhe a cintura e afastando os lábios.

— Vá embora!

— Os guerreiros Balmoral não se deitam com mulheres casadas — Ulf falou com tal repugnância, que Emily corou de vergonha e escondeu o rosto no peito de Lachlan.

— Ela não é casada como havia dito.

— E você acreditou? — Ulf fez pouco caso.

Sem dizer nada, Lachlan afastou-se e virou para encarar o irmão.

Sentindo frio, Emily esfregou os braços. Lachlan ficou entre ela e Ulf como uma barreira, não como aliado.

Emily se envergonhava por tê-lo desejado, por ser uma mulher comprometida. Com um homem que se recusava a casar, lembrou. Contudo, não poderia negar o noivado, pois o futuro de Abigail estava em jogo.

— Por que deveríamos acreditar numa mentirosa? — Ulf a olhou com raiva.

— Não estou mentindo!

— Mas o que deu em você para beijar uma inimiga? — A cobrança agora era para o irmão.

— Ela não é nossa inimiga! E eu o proíbo de dizer isso de novo! — O tom brusco de Lachlan fez Emily duvidar de que fosse o mesmo homem terno que a beijara havia pouco.

— Direi o quanto for necessário — Ulf respondeu. — Só por que você está sob o controle de seu animal interior não quer dizer que abandonarei a razão. Todos os guerreiros perceberam, tanto que estão apostando se você já conseguiu ou não o que queria.

Emily estremeceu. Os outros sabiam que Lachlan a desejava? Eles imaginavam que ele a havia submetido a seus desejos? Por Deus, será que não sabiam que ela era uma donzela casta e honrada?!

Bem, não havia se comportado como tal. Tocara no peito desnudo de um homem e desejara fazer mais.

Talvez fosse mesmo uma depravada.

— Não sou governado pelo meu animal interior, mas sim beneficiado por ele — Lachlan foi incisivo.

— Isso é o que diz.

Que conversa era aquela sobre animais? Estariam comparando animais ao desejo? Ela ouvira descrição semelhante do sacerdote que servia no baronato de seu pai, mas Ulf não parecia um religioso que escamoteava os prazeres da carne.

— Então prove sua superioridade em vez de fazer uma zombaria disso.

— Ela é inocente. — Lachlan suspirou.

Emily estava confusa, sem saber do que era acusada.

— Você a beijou para determinar se havia sido tocada ou não? Para ver se ela disse a verdade?

— Sim.

Emily olhou os dois por vários segundos antes de compreender o conteúdo daquela conversa e desejar que a terra se abrisse e a engolisse. Ela correspondera com abandono lascivo e odioso lorde apenas a testara para saber se estava mentindo. O que havia sido belo e significativo não passara de uma prova vil.

Nada mais humilhante!

— Ele poderia ter se recusado a tocar numa esposa inglesa — Ulf cismou.

— Um guerreiro *chrechte* não se recusaria a deitar-se com sua esposa mesmo em nome do orgulho. A honra exige que ele não toque em nenhuma outra. — Lachlan sacudiu a cabeça. — Não, ela não é esposa de Talorc. Emily afirma ser noiva dele, no que eu acredito.

— Você tem certeza da inocência dela?

— Talorc nunca a beijou.

— Ela é tão despreparada? — Ulf zombou.

— Completamente intocada...

— Era. — Ulf deu sorriso com malícia, como se o irmão fosse um herói.

E por que não? Emily se sentia humilhada pela maneira como correspondera ao beijo e, sentindo o rosto e o pescoço queimarem, teve vontade de estrangular Lachlan.

Ele prometera que não a magoaria e mais uma vez mentira. Ela se sentia ferida e não apenas no orgulho, mas não lhe daria a satisfação de saber disso.

E nunca mais acreditaria numa só palavra dele.

Emily os acompanhou de volta. Nenhum dos guerreiros a encarou. Ótimo! Por que se importar com a rejeição? Aqueles bárbaros não mereciam sua sensibilidade. Alias, não deveria estranhar, pois vivera a vida toda com o pai e a madrastra que a consideravam uma criada.

A única pessoa que a amava era Abigail. Se agora estava nas Terras Altas era para poupar a irmã de uma situação semelhante.

Não fugiria de novo... a menos que estivesse certa de seu destino e as chances de sucesso fossem grandes. Suportaria tudo com um sorriso só para confundi-los. Mostraria que não era fraca, independentemente da maneira tola como se comportara.

— Está tudo bem? — Cait correu para seu lado e tomou-lhe as mãos nas suas.

— Estou bem. Não sei por que fugi. Foi uma tolice. — Emily apertou a mão da amiga.

— Você foi tomada pelas emoções, e eu não pude ajudá-la. Notei que estava aterrorizada no barco, apesar de ter disfarçado bem — Cait comentou com admiração. — Eu não sabia que huma... isto é, ingleses tinham essa habilidade.

— Às vezes você diz coisas estranhas. O fato de eu ser inglesa não faz de mim uma pessoa débil.

Cait riu.

— Ninguém diria isso depois de ver a maneira como se livrou do soldado que a perseguiu.

— Não pude lidar com Lachlan com a mesma eficiência.

— Claro que não. Ele é um lorde. E não o seria se não fosse o mais forte de todos.

Seria por isso que o beijo dele a transtornara? Certamente com Talorc aquilo não teria acontecido.

Emily não se surpreendeu quando Lachlan pediu a um dos guerreiros que a pusesse sobre um dos cavalos e a levasse até o castelo. Afinal, depois de obter respostas às suas perguntas odiosas, não precisava mais tocá-la.

O guerreiro Angus estendeu a mão, e ela sorriu ao aceitá-la. Ele pareceu confuso com o sorriso e parou, estupefato.

Foi muito bom saber que seu pequeno plano tivera sucesso logo no início.

— Angus!

O comando de Lachlan tirou o soldado de seus devaneios. Em seguida, ele ergueu Emily. Ela sentou-se na sela com muito decoro e voltou-se para mais um sorriso encantador.

— Agradeço muito por permitir que eu cavalgue com o senhor.

— Ele não permitiu nada. Fui eu quem mandou! — Lachlan resmungou.

Emily o ignorou, decidida a não estender a ele a idéia de confundir os soldados com sua alegria. Nunca mais voltaria a falar com ele. Assim, limitou-se a olhar para a frente.

O trajeto penhasco acima não foi tão angustiante quanto a travessia pela água. Emily agradeceu a Deus por não ter medo de altura. A trilha em ziguezague era estreita e mal dava passagem para os grandes cavalos. O lado direito era a face rochosa e o esquerdo, igualmente escarpado.

Seria impossível qualquer tropa passar por ali e entrar no castelo, a menos que os Balmoral o permitissem.

Cait estava certa. Não haveria meios de o irmão resgatá-la de dentro das muralhas do castelo.

Quando alcançaram o topo do despenhadeiro, a ponte levadiça estava abaixada, o que lhes permitiu entrar diretamente no pátio inferior, antes de desmontar. Homens e mulheres usando a manta dos Balmoral olhavam com curiosidade para as duas mulheres recém-chegadas. E não mostraram desagrado nem mesmo diante da vestimenta de Emily, que denunciava sua origem inglesa.

Uma senhora de rosto bondoso e olhos parecidos com os de Angus adiantou-se.

— Quem está com você, filho?

— Uma cativa de Balmoral. Ela está prometida ao lorde Sinclair.

— Então temos duas em retaliação por Susannah? — A mulher sorriu, satisfeita.

Drustan, possessivo, pôs a mão no ventre de Cait.

— Nós temos três.

Enquanto os olhos de Cait se enchiam de lágrimas, Emily teve vontade de socá-lo. No entanto, sorriu, fiel à intenção de confundi-los.

— Ainda, acho que é uma covardia um homem vingar-se em uma mulher e uma criança.

A doçura com que dissera aquelas palavras não impediu a carranca de Drustan, que a remeteu às histórias de lobisomens, contadas por sua governanta.

Cait sacudiu a cabeça, questionando a sanidade de Emily, e Angus deu risada.

— Chega de conversa tola! — A voz irritada de Lachlan a fez estremecer. — O sacerdote está esperando por nós na fortaleza. Os sacramentos matrimoniais para Drustan e Cait devem ser ditos pela manhã.

— Cait precisa se preparar. Essa pressa é muito bárbara, até para os Balmoral. — Emily interpelou Drustan, ignorando Lachlan.

— Seria preferível levá-la para minha cama esta noite sem que ela seja minha esposa.

Emily teve vontade de gritar, mas não lhe restou alternativa se não concordar. Seguiram para o salão nobre do castelo, onde um sacerdote já os aguardava. Emily postou-se do lado da amiga, que segurou-lhe a mão, agradecida pelo apoio. Drustan ficou do outro lado de Cait e Lachlan, do lado dele. Angus e a mulher idosa estavam próximos e fez-se silêncio no salão.

Depois da leitura dos sacramentos matrimoniais, Drustan pronunciou os votos com voz firme, porém na vez de Cait, ela permaneceu muda. O sacerdote repetiu a questão, mas ela agiu como se não houvesse escutado.

Emily compreendeu o plano inteligente. De acordo com as leis da Igreja, um enlace poderia ser anulado se uma das partes não se casasse por vontade própria.

Drustan franziu o cenho, segurou a noiva pelos ombros e virou-a de frente para ele.

— Você será minha, independente do que se passar aqui.

Ela deu de ombros, contudo a tensão era perceptível.

O sacerdote olhou para Lachlan, esperando instruções. Drustan cruzou os braços, imperturbável.

Emily, apesar de orgulhosa com a postura da amiga, preocupou-se. Depois do beijo que presenciara no bote, não havia dúvida que de aquele bárbaro cumpriria com o prometido.

— O sacerdote dará a bênção de qualquer maneira — sentenciou Lachlan, cruzando os braços.

O santo homem estremeceu, e fez uma segunda tentativa de seguir com a cerimônia.

Cait, imóvel, continuou muda.

— Muito bem — Lachlan disse depois de longos minutos de silêncio. — Até que a senhora resolva dizer os ritos matrimoniais e aceitar meu irmão para sempre, a inglesa aquecerá minha cama.

Emily viu tudo escuro e esforçou-se para continuar de pé.

— Você mentiu de novo! — gritou.

Ela não se importou de ser ouvida por todos nem de ser encarada pelo sacerdote como se tivesse dito uma blasfêmia. E Lachlan de Balmoral não era nenhum deus, embora ele talvez se achasse. .

— Minha paciência com seus insultos esgotou-se

— Lachlan a avisou. — Diga quando menti.

— Quando afirmou que não deixaria ninguém ficar comigo.

Ele teve a audácia de negar com um gesto de cabeça.

— Falei e respeito de meus soldados. Nada prometi em relação a mim mesmo.

— Não pode fazer isso! — Cait disse, chocada. — Se o fizer, Talorc se recusará a casar com ela.

— Ele já recusou.

— Acredito que haverá uma reconsideração. Lachlan nem se preocupou em dar importância ao que ouvira. Não se importava com o futuro de Emily, agia em benefício próprio.

— Emily, eu...

— Não se preocupe comigo, ficarei bem — ela mentiu com o que lhe restara de coragem.

— Isso não é justo. Não deixarei que sofra por mim. Direi os votos. — Cait reconsiderou, depois de respirar fundo e recuperar o bom senso.

— Não por minha causa. — Brava, Emily agarrou o braço da amiga.

— Recusar seria um gesto inútil. — Cait suspirou, de ombros caídos. — Para o meu clã o relacionamento físico é um comprometimento para a vida toda. Meu irmão vai me considerar casada, não importa o que eu disser aqui.

— Mas você não quer prometer sua lealdade a esse homem, quer?

— Não, mas mesmo que eu não o fizesse... pertencerei ao clã Balmoral assim que o sol raiar.

— Tornar-se minha mulher não é um castigo!

— Eu sei — Cait sussurrou, chocando Emily e fazendo Lachlan resmungar com aprovação.

— Cuidarei de você e de seu filho. — Drustan amenizou o tom de voz, e puxou-a para mais perto. — Você aprenderá a confiar em mim, Cait.

Os votos foram feitos, e um brinde em homenagem aos noivos foi erguido. Terminada a pequena celebração Lachlan instruiu para que Emily fosse escoltada até a torre leste.

— Ela não pode ficar conosco? — Cait pediu a Drustan e virou-se para Lachlan. —

O senhor não está pensando em trancá-la na torre, não é?

— Não questione as ordens dele — avisou Drustan.

— Está tudo bem, eu não me incomodo de ir para a torre. Não se preocupe comigo, Cait — Emily os interrompeu antes que outro desentendimento ocorresse.

A mulher idosa que se aproximara deles no pátio pôs a mão no braço de Cait, anuindo para o filho.

— Sou Moira, mãe de Drustan, Angus e Susannah. Bem-vinda a nossa família. — Moira olhou para Emily. — Você é inglesa e está noiva de Talorc?

— Foi ordem de nossos dois reis.

— Ah, isso explica o mistério! Por que trancá-la na torre? Você é rebelde?

— Talvez, um pouco.

Ulf resmungou e agarrou o braço de Emily.

— Venha.

— Por favor solte meu braço. Está me machucando. Eu o seguirei sem discutir.

Ele a ignorou e começou a arrastá-la em direção à entrada principal do salão. De repente, porém, parou e soltou-a.

— Minha ordem é para que ela não seja tocada — Lachlan falou com o rosto próximo ao do irmão. — Não o faça novamente.

Ulf resmungou, mas obedeceu. Seguiram até a escadaria no canto leste. Em silêncio, subiram os degraus em espiral e, por precaução, Emily manteve-se bem para trás.

Passaram por três patamares na subida, mas Ulf não se deteve em nenhum até chegar a um pequeno salão com uma única porta. Emily entrou no aposento sem esbarrar nele.

A porta foi fechada com força e o som da trave sendo baixada ecoou pelos corredores vazios.

Tremendo, Emily se abraçou e olhou as novas acomodações. A área circular era pequena e espartana. Havia uma cama coberta com a manta dos Balmoral, mas nenhum tapete na janela que impedisse a entrada de luz ou vento, nenhuma tapeçaria nas

paredes, nem lareira ou cadeira. Em uma pequena mesa com um jarro de madeira, uma tigela, uma caneca e uma toalha. Não havia urinol e o guarda-roupa não tinha porta.

Aquele era um local para manter prisioneiros.

E pensar que poderia estar aquecendo a cama de Lachlan.

Cait estava no centro de seu novo lar, tremendo. Estava casada novamente e contra sua vontade.

Parte dela queria muito ser uma companheira para a vida toda do lobisomem encostado na porta com negligência, disfarçando o corpo que pulsava com energia. Já não podia imaginar a vida sem ele, o que a atemorizava mais do que o fato de ter sido raptada e forçada a um casamento nascido da vontade de Lachlan de retribuir um insulto.

Não deveria sentir nada depois de um conhecimento tão exíguo.

Também não se sentira daquela maneira com Sean, nem antes nem depois do casamento. Ela havia se casado por ordem de Talorc, mas nunca se apaixonara pelo marido. E temia que o inverso estivesse acontecendo com Drustan. Ele fora cuidadoso até quando ela tentara fugir e quando a beijara, experimentara anseios desconhecidos que não a haviam acometido mesmo no cio quando se deitara com Sean na lua cheia.

— Você parece preocupada.

Cait sentiu arrepios ao ouvir a voz dele, quase engasgou ao vê-lo aproximar-se e foi para o lado oposto, — Estou me familiarizando com meu novo lar.

Os aposentos de Drustan ficavam em cima do alojamento dos soldados no lado oposto à torre para onde Emily fora levada. A porta fechada e as paredes grossas permitiam um nível de privacidade desconhecida entre os membros da matilha dos Sinclair e que a agradava.

O recinto onde se encontravam não era apenas um quarto de dormir, pois tinha uma mesa e cadeiras a um canto perto da lareira, o que era uma extravagância que ela só conhecia nos aposentos de lordes. Dois bancos se alinhavam na parede oposta, perto de uma grande arca. Uma porta aberta próxima a um dos bancos devia ser a passagem para o dormitório.

Cait se pôs atrás da mesa.

— Onde você dorme?

— Nós dormiremos ali. — Drustan indicou a porta aberta.

— Gostaria de conhecê-lo melhor antes de nos deitarmos.

Ele apenas mostrou os dentes brancos antes de se aproximar e com a habilidade de um predador, prendeu-a de encontro à parede, e abaixou a cabeça até seus lábios quase se tocarem.

— Eu lhe prometo que até amanhã cedo, terá me conhecido muito bem.

O beijo que se seguiu reduziu a cinzas a última resistência de Cait. E ela, viu-se agarrada nos ombros dele quando interromperam o contato.

O lobo que habitava Drustan olhava para ela através dos olhos que ficaram verde-escuros como esmeraldas.

— Você me pertence. Você é minha mulher.

— Ainda não. — Cait espantou-se quando sua própria loba surgiu para desafiá-lo num ritual de acasalamento tão antigo quanto seu povo.

Com Sean, não houvera desejo que motivasse aquele tipo de comportamento, mesmo porque haviam se unido como humanos. Fora agradável, mas ela não experimentara a atração que sentia naquele momento. Queria unir-se intimamente com Drustan. Contudo não poderia simplesmente submeter-se e deixar acontecer. Ele precisava provar ser um macho forte e valoroso. A necessidade a assustava, mas também a excitava.

Da mesma forma que Cait sentira o cheiro diferente dele, seu perfume de fêmea também era percebido.

— Eu a desejo — ele afirmou com voz gutural. — E eu a terei.

— É mesmo? — Cait passou a língua nos lábios, soltando os braços ao longo do corpo; Ele ainda não demonstrara poder suficiente para o acasalamento.

Seguindo o ritual animal, ele se esfregou nela, marcando-a com seu cheiro, embora estivessem vestidos. Ela pensou em fugir para ser caçada como um lobo caçava sua fêmea.

Drustan a encarou com expressão severa.

— Não posso deixá-la correr.

— Pois deveria...

— Não. Prometi não causar nenhum mal a você e ao bebê. — O desejo se equiparava à grande responsabilidade.

De repente o ar estalou como se houvesse caído um raio, e Drustan assumiu a forma de lobo. Dirigiu-se até a porta, virou-se, rosnou e mostrou os caninos.

Cait conhecera lobisomens e mulheres-lobo a vida inteira, mas nunca experimentara o medo na presença de um deles. Naquele momento sentia-se invadida por um receio primitivo que nada tinha a ver com o medo de que ele pudesse machucá-la. Era um receio sexual de ser submetida, mas mesclada com a vontade de que assim fosse.

Ela não poderia transformar-se durante a gravidez, mas não via como desvantagem encará-lo como mulher em vez de uma loba.

— Você não me fará nenhum mal. — Ela deu um passo em direção à porta.

Ele bloqueou a porta como uma parede de pedra. Era um lobo grande, quase tão alto quanto ela, mesmo nas quatro patas.

— Por quanto tempo você manterá sua forma de lobo? — Ela sorriu, provocante. — Não poderá me possuir dessa maneira. — O desafio vibrou no ar.

Ele começou a rondá-la de novo, rosnando, orelhas para trás, cauda para cima, mais intimidador a cada movimento sinuoso do corpo animal. Cait recuou. Seus instintos exigiam que ela evitasse o lobo que a fitava com inteligência humana e determinação.

Nisso ela entrou no quarto de dormir que estava às escuras. O ar pesou de novo e Drustan voltou à forma humana, não menos intimidativa por ela saber que seria possuída pelo antigo ritual de acasalamento.

Não houve um toque de aviso antes de Emily escutar a tranca ser levantada do lado de fora da porta. Na certa Ulf acompanhava a governanta Marta naquela manhã. Grosso modo como sempre, ele não se preocuparia com uma cortesia comum.

Na noite anterior Angus viera com a governanta e esperara pacientemente. As duas tinham conversado tanto que ela pouco comera.



Emily se levantara ao amanhecer depois de uma noite insone preocupada com Cait. Para se ocupar, fizera a cama, limpou o quarto com a água do jarro e escovou os cabelos com a escova que Marta lhe trouxera.

E quando a porta se abriu, ela viu não se tratar de Ulf, mas de Lachlan, a quem procurou ignorar.

— Muito obrigada pela comida, Marta. Imaginei...

Lachlan não permitiria que nada a distraísse naquele confinamento onde só pensava no triste destino de Cait.

— Sim, milady?

— Eu gostaria de saber se você teria alguma tarefa para me ajudar a passar o tempo.

Inquieta, Marta olhou para Lachlan que negou com um leve gesto de cabeça.

— Infelizmente eu não tenho, milady. — Marta expressou piedade no olhar.

— Obrigada de qualquer forma.

Com um aceno de mão, Lachlan pediu a governanta que saísse, e foi prontamente atendido. Emily endireitou a colcha da cama já feita e imaginou quanto tempo ele ficaria ali a observá-la.

— Seu mingau ficará frio se não comer. No momento, uma refeição fria era o último de seus problemas. Assim, ergueu os ombros e deu algumas escovadelas nos cabelos já brilhantes.

— Estou falando com você, Ela continuou a agir como se estivesse sozinha, arrumando as coisas na mesa pequena.

— Não gosto de ser ignorado, inglesa.

Grande novidade! Provavelmente ele era muito arrogante para importar-se com o que ela fazia, mas Emily vangloriou-se ao constatar que ele notara a falta de atenção proposital. De que outra maneira poderia tratar alguém que a havia raptado?

Sem nenhuma explicação lógica, no segundo seguinte ele a segurava pelos ombros, prendendo-a pelo olhar. Ela fechou os olhos. Lachlan suspirou.

— Por acaso viu Cait esta manhã?

— Quando falar comigo, Emily, olhe para mim.

Ela concedeu por entender que a notícia acerca do bem-estar de Cait era mais importante que seu orgulho. Decisão não acertada. A expressão que viu naquele rosto a irritou. Jamais entenderia como que um homem tão bonito como aquele pudesse ter um coração tão empedernido.

— Não.

— E me fez encarar-lo só para me dizer não? — ela indagou, furiosa.

— Não levante a voz para mim. Sou seu lorde.

— Não sou membro de seu clã. Fui capturada e não lhe devo obediência.

— Mas me deve respeito

Ela apenas ergueu uma sobrancelha em resposta. Lachlan deu um sorriso que o tornou ainda mais atraente.

— Meus guerreiros mais ferozes não falam comigo dessa maneira. E você ousa me desafiar. — Não tenho medo de milorde.

— Não tem. — Ele pareceu se divertir. — Eu não espero ver Cait ou Drustan por um dia ou dois.

— Bem, não tenho experiência nesses assuntos, mas estou preocupada com ela. Mal dormi a noite, pensando no que poderia acontecer.

Emily corou diante do olhar de Lachlan.

— O que poderia ter acontecido em uma noite de núpcias?

— Ela poderia tê-lo recusado.

— Ela não o fez. Não viu como ela correspondeu ao beijo no barco? Ela o desejava.

Emily tampou-lhe a boca.

— Não diga isso, não é decente.

Lachlan beijou-lhe a palma, e ela arrancou a mão como se queimasse. O que não adiantou, pois sabia que estaria eternamente marcada com a impressão dos lábios dele.

— Você os observou e sabe que estou falando a verdade. Vê-la naquele estado me deixou acalorado.

— Como é? — Emily meneou a cabeça, incapaz de acreditar que estivessem tendo aquela conversa.

— Você entreabriu os lábios como se estivesse pronta para ser beijada.

— Ora, não fiz nada disso! Foi uma grosseria ter reparado nisso!

— Acha que sou um bárbaro.

— Um bárbaro que fala latim.

— Eu me interesso por muitas coisas

— E eu estou interessada no bem-estar de minha amiga. Por que não me permite visitá-la?

— Não há necessidade. Acredite em mim, ela está bem. Drustan empenhou a palavra que não lhe faria nenhum mal.

— E milorde deu a sua palavra de que não me prejudicaria.

— Sim.

Então seus motivos de preocupação eram fundamentados.

— Não acredite que minha escolha da reparação por insulto é algum destino horrível que se abateu sobre sua amiga. Ela está bem.

Emily riu. Lachlan era um insensato.

— Mas é um destino horrível.

— Não mais do que o de qualquer outra mulher dada em casamento.

— Ela não teve escolha!

— A maioria das mulheres tem pouca escolha:

— Você escolheu por ela.

— Por acaso ela escolheu o primeiro marido? Você decidiu se queria ou não se

casar com Talorc?

Em parte sim, porque pedira ao pai que a mandasse em lugar da irmã.

— Não. — Emily suspirou. — E foi o irmão de Cait quem decidiu sobre o primeiro marido dela.

— Ah. — Lachlan mostrou-se satisfeito. — O primeiro casamento foi arranjado pelo irmão que também era seu lorde e o novo lorde escolheu o segundo marido. Não há diferença.

Como ele podia ser tão teimoso?

— Ela não escolheu ser membro de seu clã. Ela nasceu uma Sinclair.

— E agora se tornou uma Balmoral.

O que também não fora por decisão própria.

— Você está tentando me confundir.

— Não. Estou apenas tentando fazê-la ver a verdade. Eu nada fiz de reprovável em ordenar esse casamento.

— Você disse que minha opinião não importava.

— Mudei de idéia. Quero que pare de pensar que sou um monstro. — Ele a fitou com severidade. — Você não jantou ontem à noite nem tocou em seu mingau esta manhã.

— O que isso tem a ver com nossa conversa?

— Estou ordenando para comer!

— E se eu não o fizer, qual ameaça usará para me fazer obedecer? Por acaso me levará para sua cama como uma rameira? — Emily surpreendeu-se com a própria pergunta.

— Aquecer minha cama não a tornará uma rameira.

— Não? Como os habitantes das Terras Altas chamam as mulheres que vão para a cama com homens que não são seus maridos?

— Obsequiosas.

Emily espantou-se. '

— Não pode estar falando a sério.

— Pois estou. Não sou inglês para falar uma coisa e pensar outra.

— Como ousa me ofender?

— Eu ousa o que eu quiser. Sou o lorde aqui.

E de acordo com ele, o título era equivalente a ser um rei, mas não o dela. Com um suspiro, Emily virou-se.

— Se quiser ver Cait, terá de comer primeiro.

— Isso é uma ameaça? — Ela só esperaria Lachlan sair para comer o mingau, mas ele estava certo. Frio ficaria intragável.

— Sim, se isso a fizer agir razoavelmente.

— Não sabia que prisioneiros tinham de ser razoáveis. — Ela sentou-se na cama e

começou a comer.

Lachlan aproximou-se e apoiou um pé na estrutura da cama.

— Você não é prisioneira, Emily.

Ela procurou não olhar a perna musculosa, mas foi difícil. Lachlan era tão masculino que despertava sua libido mesmo que sua vontade fosse atirar o mingau na cabeça dele.

— Então a minha porta não ficará trancada? — ela zombou.

— Eu a avisei de que a trancaria numa torre caso houvesse uma nova tentativa de fuga.

— E cumpriu a ameaça, mas não me disse que pretendia me torturar com tanto tédio.

## Capítulo III

Emily teria fugido de novo se pudesse ler os pensamentos de Lachlan ao observá-la comer. Estava claro que ele desejava aqueles lábios macios em qualquer lugar de seu corpo, menos em uma colher.

Na noite anterior ameaçara levá-la para a cama, sabendo que convenceria Cait a prestar o juramento. Mas o contrário também não o desagradaria.

Lachlan não se abalava com mulheres, mas passara boa parte da noite insone e ansioso. Tudo por culpa daquela mulher intrigante.

— Eu não a estou torturando.

Era ela quem o torturava, deixando-o angustiado para senti-la e tocá-la, sabendo que não poderia fazê-lo.

— Por que impediu que Marta me desse um encargo, quando sabemos que há dezenas de tarefas para serem feitas numa fortaleza desse tamanho.

— Não precisa prestar-se a esse papel.

— Prefiro ser uma criada a ficar sentada o dia inteiro sem ter o que fazer.

— Por isso suas mãos estão ásperas de tanto *não fazer nada* na casa de seu pai?  
— Ele havia reparado o fato na véspera.

Emily escondeu as mãos nas dobras da saia.

— Você me deixa irritada. Por que não para com isso?

— Eu sou o lorde.

— Essa é a sua resposta para tudo? — Emily estava tão enfezada, que ele teve de disfarçar para não rir.

— Sim, quando ela é correta.

— O que parece ser o tempo inteiro na sua opinião

— Emily resmungou.

Lachlan afastou-se da cama por já ter cumprido seu objetivo. Ela já havia comido e ele tinha deveres importantes para cuidar.

— Por favor, não me deixe aqui sem nada com que me ocupar. — Implorou ela, segurando no braço forte.

— Na propriedade Sinclair, eu ajudava Cait a administrar a fortaleza. Na casa de meu pai eu fazia o mesmo com a minha madrastra, além das minhas próprias tarefas. Estou acostumada a trabalhar.

— Tenho uma governanta e várias mulheres para ajudá-la. Emily entristeceu-se, recuando cabisbaixa.

— Está bem. Não o importunarei mais com meus problemas tão pouco importantes e não o impedirei de cuidar de seus deveres.

— Não são pouco importantes. — Há poucos segundos ele dissera o contrário para si mesmo. — Só não sei o que seria possível fazer para resolvê-los. Não quero que a tratem como criada. É preciso esperar até Cait e Drustan saírem dos aposentos deles.

Claro que ele poderia pensar em algo para ocupar o tempo dela, mas isso nada tinha nada a ver com trabalho e tudo com vê-la nua. E certamente aquela solução não seria apreciada.

— Pelo menos me deixe ficar num ambiente que não seja uma prisão.

— Se não me engano, eu a ouvi dizer que preferia ficar afastada de meu povo.

— Eu estava muito nervosa ontem. Não fui nada racional quando fugi.

— Por quê?

Era preciso perguntar?

— Fui raptada e vi a minha única amiga nas Terras Altas ser forçada a um casamento como uma vingança sua. Depois me fizeram sentar naquele barco minúsculo

para o mar, enquanto seu irmão olhava para mim como se eu fosse sua pior inimiga. Estava esgotada quando chegamos em terra firme.

— Por que a água a apavora? — Lachlan ficara surpreso ao escutá-la comentar com Cait. Engraçado ele não ter sentido o cheiro do medo. Humanos não eram treinados para mascarar seu odor.

— Não gosto da água e tenho pavor do mar.

— Por quê?

— Não importa. — Emily desviou o olhar com uma máscara impassível, bem diferente da usual expressividade.

— Conte-me, eu serei o juiz.

— Você é mais exigente de que meu pai.

— Seu pai lhe incutiu o medo da água por receio de que se afogasse? Melhor ensinar uma criança a nadar do que a ter medo.

Emily não se moveu nem respondeu. A opacidade dos olhos sempre tão brilhantes refletia uma agonia insuportável.

Sem pensar, Lachlan sentou-se na cama e a puxou para seu colo. Ela nem mesmo se rebelou e o turbilhão interno a fez esconder o rosto por entre a manta dele. Ao senti-la tão próxima e frágil, ele se envergonhou de reagir com intensidade primitiva.

— Estou esperando para saber do seu medo... — Mudando o assunto o ajudaria a camuflar o desejo evidente.

— É um fato muito antigo.

— Mas que a persegue como um espectro da noite.

— Sim. — Ela estremeceu.

— Conte-me e eu destruirei seu fantasma.

— Você é um homem, não um mágico.

— Sou um lorde.

— Ai vem você com a resposta de sempre. Nenhuma dúvida. Nenhum questionamento. Certeza absoluta de seu poder.

Seria possível cauterizar a ferida que sangrava havia tanto tempo? Nem mesmo Abigail sabia sobre aquela história.

— Minha mãe morreu ao dar à luz um menino que também morreu. Até então, meu pai me adorava e me chamava de filha preciosa. Ele amava minha mãe e sofreu muito com sua morte, mas a afeição por mim se transformou em ódio. Ele me culpava por ter nascido menina e pela morte de mamãe tentando dar a ele um herdeiro. Nos primeiros meses após a morte dela, meu pai bebia vinho a cântaros.

Emily ainda se lembrava do bafo dele e do cheiro de vinho nas roupas. Ela era uma menina pequena assustada com a morte da mãe e pelo retraimento do pai.

— Uma noite fui tentar confortá-lo. Ele não me deixou sequer tocá-lo. Gritava me chamando de inútil. Disse também que os animais afogavam suas crias sem valia. — Emily sentiu um nó na garganta e teve de inspirar várias vezes antes de continuar. — Papai então se levantou cambaleando e me agarrou. Levantou-me como um saco de farinha, e me levou ao pequeno lago atrás de casa. Comecei a gritar, mas ninguém apareceu. Então ele me jogou dentro da água.

Falar sobre isso trouxe de volta a sensação de água fria sobre sua cabeça e o terror de não conseguir respirar. Naquela noite, ela se debatera na água, mas sem saber nadar, voltara a afundar. Tivera certeza de que morreria naquela noite fria. Por sorte o pai havia mudado de idéia, salvando-a.

Arrependido, ele a carregara nos braços de volta ao castelo como se ela fosse um bebê.

Quando chegaram, Emily se desvencilhara do colo do pai e se jogara aos pés da governanta, soluçando.

— Meu pai disse a ela que me desse um banho e saiu da sala. No dia seguinte ele foi ao meu quarto e eu gritei ao vê-lo. Ele saiu de casa e quando voltou, veio com Sybil, minha madrastra, e duas meio-irmãs.

Durante anos Emily fora incapaz de aproximar-se do pai, embora precisasse de seu carinho. Sybil se encarregara de separar pai e filha, e quando Emily teve idade suficiente para começar a entender a dor do pai, a crueldade de bêbado, já não fazia diferença.

— Desde então meu pai não tomou mais nenhuma gota de vinho, nem mesmo, quando a esposa quis brindar o nascimento do primeiro filho. Ele bebeu água.

O olhar de Lachlan mostrava-se irado, mas também com uma compaixão que a tocava em lugares indizíveis. Emily levantou-se do colo dele, que não fez nenhuma menção de retê-la, e foi para o outro lado do quarto, cruzando os braços na altura do peito.

— Meu medo da água não seria um problema e se não fosse o rapto, eu não precisaria ter entrado no barco — continuou ela, conferindo outro tom à conversa.

— Não me diga que não sabe nadar?

— Não!

— Eu a ensinarei a nadar.

— Não. — Horrorizada, ela sacudiu a cabeça com veemência.

— Isso é necessário, tanto para sua segurança como para derrotar seu fantasma.

— Estamos falando de memória e não de um fantasma,

— Chame como quiser, mas vou ajudá-la,

— Ensinando-me a nadar? — Emily indagou, incrédula. — Está louco? Quero ficar longe da água e não entrar nela. Acha que fazendo isso afastará minhas lembranças?

— Sim, se eu a ensinar.

De novo *o lorde* se achava o único capaz de fazer algo importante. Ela esforçou-se para não cair em uma risada histérica. E se ele estivesse certo? Se perdesse o medo, talvez conseguisse tocar o pai, se porventura chegasse a vê-lo novamente.

Além do mais, se não perdesse o medo da água, jamais poderia fugir dali. Ainda não se achava capaz de fazer a viagem de volta num bote.

— Eu me afogarei.

— Você tem pouca fé em mim.

— Não confio em você desde que quebrou a promessa de não me fazer mal... — Deveria ter se lembrado disso antes de contar-lhe um segredo. Por que ele conseguia espalhar sua lógica aos quatro ventos? Por que se sentia segura ao lado desse homem?

— Ora, do que está falando? Eu não lhe fiz nenhum mal. — A voz de indignação assemelhava-se a um rosnado.

Lachlan às vezes parecia um animal. Isso devia ser uma característica dos habitantes das Terras Altas. Os soldados de seu pai, por mais ferozes que fossem, nunca a faziam lembrar lobos predatórios.

— Fui raptada! Antes de eu lhe dizer que era casada com Talorc, sua intenção era me deixar na floresta para ser devorada por um animal selvagem. Depois me forçou a cruzar o mar em um bote. E ainda me beijou só para me testar. Como se não bastasse disse a seu irmão que eu não sabia beijar, por isso devia ser inocente. — A raiva dela crescia ao enumerar as afrontas sofridas.

— O rapto salvou-a de se casar com Talorc. É sabido o quanto isso seria uma bênção.

— Isso não vem ao caso, pois sua intenção era me ferir e o fato de seus atos me beneficiarem de alguma forma não o exime de seus muitos outros pecados.

— Estou surpreso de que seu pai não a tenha levado para um convento. Suas palavras me lembram uma abadessa. De qualquer forma, saiba que eu jamais permitiria que fosse comida pelos animais.

— E como teria impedido isso? Afinal, pretendia que eu voltasse sozinha ao castelo.

— Meus soldados a teriam vigiado.

— Quando você demonstrou a intenção de mandar-me de volta para Talorc, seus soldados iriam junto?

— De certa forma sim. Deixei para trás dois guerreiros. Além de assegurarem sua volta, eles observariam os Sinclair.

Mesmo sem saber o motivo, a explicação fez Emily sentir-se melhor.

— Ainda assim, você me forçou a cruzar a água num pequeno bote.

— Aquela é uma embarcação muito confiável e eu não sabia de seu medo de água quando decidi levá-la.

— Teria feito diferença?

— Eu poderia tê-la desacordado.

— E isso teria melhorado as coisas? — Emily irritou-se com a afronta.

— Melhor do que passar mais de uma hora mergulhada no terror.

Ela foi incapaz de pensar numa resposta para um comentário tão audacioso.

— Admita que mantive minha promessa.

— Você me magoou com aquele beijo. — Na verdade, muito mais do que tirá-la de um clã ao qual não queria pertencer.

— Foi um beijo suave — ele afirmou como se houvesse feito uma concessão.

A simples lembrança a aqueceu por inteira, de prazer e de vergonha.

— Você me humilhou na frente de seu irmão.

— Não foi isso que aconteceu.

— Por que tem de discordar de tudo o que eu digo?

— Se estiver errada. .

— Fui obrigada a corresponder a seu beijo. Mal sabia que estava apenas sendo testada e da pior maneira possível — Emily sussurrou de cabeça baixa. Será que ele podia compreender o que representava para uma mulher imaginar que era desejada e descobrir depois que tudo não passara de um stratagema?

— E isso a aborreceu?

Seriam todos os homens, ou apenas aquele, ignorantes a respeito dos sentimentos das mulheres?

— Muito...

— Então a culpa é sua e não minha.

— Minha culpa? Não o convidei a me beijar!

— Diante da sua mentira, não me restou alternativa a não ser testar a veracidade de suas palavras. E conforme admitiu, não foi meu beijo que a magoou, e sim sua resposta.



Lachlan ficou orgulhoso de sua lógica masculina, e ela teve de admitir que ele estava certo.

Se não tivesse correspondido ao beijo, teria se irritado com o comportamento grosseiro dele, mas não teria ficado humilhada. O que mais a ferira fora a própria fraqueza.

Emily sentiu um nó na garganta. Por que a vida era tão dolorosa?

Olhando para trás, viu um mesmo modelo que cortara sua alma em pedaços. Tinha sido a reação negativa a seu pai, no dia seguinte à tentativa de afogamento, que o afastara de casa e o fizera encontrar Sybil.

Arruinara as próprias chances com Talorc por ter respondido de maneira intempestiva, em vez de entender a impaciência e a rudeza dele. Destruíra a oportunidade de resgatar Cait e deixara-se raptar. Agora lançara as sementes de sua humilhação por ter correspondido àquele beijo.

Talvez estivesse exagerando ao pintar um quadro tão lúgubre, mas só pensava no próprio sofrimento. Era de se admitir que atraía a rejeição por onde quer que fosse. A mágoa doeu-lhe na alma, deixando-a com os olhos marejados.

— O que houve? — Lachlan pareceu preocupado.

A voz grave a trouxe de volta de seus pensamentos. Antes de responder, enxugou as lágrimas.

— Tenho certeza de que tem razão. — Ela detestou gaguejar, mas disse a si mesma que as lágrimas não a fariam perder novamente o controle.

— Corresponder a meu beijo não deveria tê-la desconcertado tanto.

Se não estivesse tentando controlar as lágrimas, ela teria dado risada.

— Eu não deveria culpá-lo por minha falta de habilidade. Não sou melhor do que uma rameira — ela admitiu.

— Elas têm muito mais experiência.

— Isso é um consolo? — Emily o fitou com raiva. Pior do que se comportar como uma mulher de má fama era escutar que lhe faltavam habilidades.

— Sou um lorde, não uma babá.

— Não teria adivinhado se não me dissesse. — O tom zombeteiro infelizmente terminou em mais um soluço.

Lachlan abraçou-a com tanta ternura, que ela se esqueceu de que ele era seu inimigo. Ajustaram-se um ao outro como se tivessem sido feitos para se harmonizar.

Era um conforto que ela precisava e foi impossível afastar-se, apesar dos conselhos de sua mente lógica para fazê-lo.

Lachlan acariciou-lhe as costas.

— Diga-me o que a aflige, pois eu não a entendo.

— Admito que gostei do beijo que trocamos. — Emily suspirou. — Fiquei brava ao descobrir que se tratava de um teste. Esse abraço não o afetou, sua reação foi bem diferente da minha. Isso deve significar que sou uma leviana.

Lachlan sorriu com uma simpatia incompreensível para ela.

— Isso não é ser leviana.

— Sei que sou, apesar de tentar me consolar. — Ela suspirou. — Talvez o casamento com Talorc não seja de todo mau.

— Do que está falando? — Aquele tipo de divagação era a última coisa que ele desejava ouvir.

Emily, porém, não imaginou por que o aborrecera. Aliás, não sentiu receio no círculo daqueles braços fortes. Entretanto, seria preciso começar a agir como uma lady se queria ser uma. Na verdade, jamais viveria de acordo com os padrões de Sybil, embora tivesse seu próprio código de honra.

Ela se desvencilhou e indicou a porta.

— Tenho certeza de que outros assuntos importantes o aguardam.

— Sim. Mas preciso fazer algo antes...

Emily arregalou os olhos quando os lábios se tocaram. O que teria sido divertido se ele não estivesse tão ansioso pelo fato de ela ter dito que gostara de seus beijos.

Como ela ousara dizer que poderia encarar o casamento com Talorc? Só em pensar naquilo, Lachlan teve vontade de estrangular o outro.

Aproveitando a boca entreaberta pelo espanto, ele deslizou a língua pelos lábios macios para sorver o néctar que o aguardava. Ainda não concebera o fato de ela ter acre-

ditado que aquela carícia tão plena tratava-se apenas de um teste. Embora, naquele instante, ela não o impedisse de saborear-lhe o gosto, tampouco preocupava-se em esconder o perfume de sua feminilidade.

— Não há vergonha nisso. Quero sua resposta e a desejo — disse ele, afastando os lábios.

— Esse é outro teste? — A vulnerabilidade brilhava nos olhos dela.

— Não. Eu a desejo.

— Mas eu não quero ser uma libertina.

— Não permitirei que isso aconteça — ele prometeu. Lachlan tornou a beijá-la. Sua exaltação aumentou quando ela deixou escapar um gemido. Ele era um tolo em beijá-la de novo, por tentar o animal que habitava dentro de si.

No entanto, aquela mulher era perfeita. Apesar de destinada a seu rival, ela exalava um aroma delicioso e tinha um gosto de ambrosia. Sua fera interior uivava querendo sair. Seus ossos doíam com o desejo de se transformar e de exibir seu poder. Era insano e ele não podia ceder, mas seu corpo respondia com tremores de desejo. Um rosnado oprimiu-lhe o peito, embora os ouvidos humanos não pudessem ouvir.

Se não tomasse uma atitude drástica, ele a deitaria na cama, tiraria suas roupas e faria amor até que nenhum dos dois pudesse caminhar. Emily não apenas era muito frágil, mas também era humana e inglesa. No entanto, se cedesse aos impulsos, ela acreditaria que estavam prestes a se casar. Droga... até mesmo o *chrechte* Sinclair pensava dessa forma!

Lachlan a afastou, mas tornou a pegá-la antes que ela caísse de costas.

— Teremos nossa primeira aula de natação agora. — Ele esperava que a água fria do lago pudesse restaurar um pouco de autocontrole.

Emily oscilou nos braços dele e piscou com o olhar cheio de paixão.

— Sou realmente uma vadia.

— Gostar de meus beijos não a transforma em uma meretriz.

— Mas estou prometida a outro.

— Isso não importa.

— Existem aqueles na Igreja que pregam contra a tentação representada pelas mulheres. — Ela interrompeu o que dizia para fitá-lo. A respiração ofegante, projetava os seios para cima e para baixo, pressionados no corpete. — Quero que me beije de novo e isso significa que sou depravada.

— Quer dizer que despertei sua paixão e é bom saber disso. — Lachlan pôs a ponta do dedo no pescoço dela e sentiu a pulsação rápida. O sangue de Emily disparava por ele e não por outro. E isso a tornava a mulher mais atraente que já conhecera. — Estou tentado por sua doce inocência e fui eu quem a beijou e não o contrário.

— Você é muito arrogante — insinuou ela.

Emily não tinha idéia do quanto o irritava imaginá-la atraída por outro. Por sua vez, ela não tentava provocar ciúmes, estava realmente preocupada com sua moral.

— Por acaso já teve vontade de tocar num dos soldados de seu pai?

— Não, embora alguns fossem bem bonitos. Mas eu não senti por eles o que sinto quando estou a seu lado. Claro que eu não passava muito tempo com eles, não seria decente.

— Ao andar no cavalo de Angus a proximidade dele a afetou? Eu a vi sorrir. — Aquele sorriso o deixara enlouquecido, principalmente porque se sentira ignorado.

— Fiz isso para confundi-lo... — confirmou ela, feliz por ter atingido seu intento. — Não, a proximidade dele não me afetou como a sua me afeta. Quero preservar minha moral, mas me preocupo com meus impulsos. Você desperta o que há de pior de mim.

— Creio que faço aflorar a fêmea que existe em seu interior.

— Tenho de ser uma dama, mas você me faz ter pensamentos impuros. Isso é errado.

Sentindo-se prestes a perder qualquer consciência, e assustá-la ainda mais, Lachlan decidiu que tentaria aplacar a urgência de possuí-la o mais breve possível. Respirando fundo, dirigiu-se à porta do aposento.

— Está na hora de nossa aula de natação.

— Não vou tirar minha túnica, não seria decente.

Emily não podia acreditar em como alguém que enfatizava tanto o fato de ser um lorde poderia sugerir algo tão inapropriado?

— Não se pode aprender a nadar usando isso.

— Minha camisa é fina e não atrapalhará em nada.

— Então não a use na água. — Lachlan fez a sugestão atrevida sem nem ao menos piscar.

Emily corou, porém não perdeu a postura.

— Não me importo em tirar a roupa, desde que seja na privacidade de meu quarto,

mas nunca na sua frente.

Era sabido que os habitantes das Terras Altas encaravam as coisas de maneira diferente, mas aquilo era ofensivo.

— Você não pode querer que homens e mulheres nadem juntos e sem roupas.

Ele deu de ombros.

— Os Balmoral aprendem a nadar quando ainda são bebês.

Emily hesitou antes de fazer a pergunta que o comentário exigia.

— Por acaso pretende tirar sua manta?

Ele a fitou com malícia, deixando claro que se divertia com o desconforto dela.

— E por que não?

— Está louco! Como se seus beijos já não bastassem, não pode estar esperando que eu aceite sua sugestão.

— Eu já lhe disse que *louco* não é um termo cortês para chamar um lorde.

— É muito mais grosseiro exigir que eu tire minhas roupas. — Pensando melhor, Emily tentou esquivar-se da situação: — Essa idéia de nadar não é boa. Teremos de aceitar que não sei nadar e encerrar o assunto.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não estou sugerindo que tire a roupa em frente de meus soldados.

— Apenas da sua...

— Emily, não duvido de que cedo ou tarde isso irá acontecer. Você não achou meus beijos tão ruins, eles a aqueceram. E a sua proximidade me deixa mais quente do que o inferno no verão. Tentarei preservar sua virgindade, mas quero vê-la nua, acariciá-la e aprender os segredos de seu corpo.

O fato de ela sentir calor e de ele estar certo nada mudava.

— Não posso, estou prometida para Talorc.

— Não me lembre disso com tanta frequência. Isso me deixa transtornado a ponto de desejar me transformar...

Será que realmente considerava seu desejo como um animal separado de sua mente? Talvez fosse. No entanto, aquele assunto teria de ser tratado em outra ocasião.

Emily, por sua vez, sentia impulsos nada racionais. Era como se ela fosse outra pessoa quando estava na companhia de Lachlan. Uma mulher que tinha anseios que as damas não deveriam sequer pensar.

— Por ele ser seu inimigo?

— Por você não pertencer a ele.

— Como pode ter tanta certeza?

— Se tivesse reagido a ele como reagi diante de mim, não teria visto o rapto apenas como um adiamento.

— Tenho de me casar com ele, não tenho escolha.

— Por que não fica com os Balmoral?

— Eu teria um abrigo aqui?

— Certamente que sim.

No entanto, omitiu propositadamente sobre a intenção de querer deitar-se com ela o quanto antes. De fato, por mais que a desejasse, não fizera promessas para o futuro. Não procurava por uma esposa, mas por uma mulher que mitigasse o desejo que o invadia.

— Não posso ficar.

— Posso saber a razão?

Ela contou sobre Abigail e seu receio de que a irmã fosse enviada em seu lugar. O relato fez Lachlan quedar-se em pensamento por algum tempo.

— Era sua vontade trazer sua irmã para viver nas Terras Altas?

— Sim.

— Talorc não a receberia de bom grado.

— Eu tinha esperanças de mudar a opinião dele.

— Acho mais fácil aprender a nadar...

Ele era muito inteligente para o gosto de Emily. O artifício da comoção funcionara com sua madrastra e seu pai mais de uma vez, contudo provara-se ineficaz para um bárbaro.

— Talvez... Mas francamente, não pode esperar que eu tire minhas roupas na sua frente. Isso sem mencionar a possibilidade de alguém aparecer.

— Eu ouviria a aproximação antes que pudessem vê-la. — Ele realmente tinha uma visão exagerada de seu sexto sentido. — Venha cá, inglesa.

— Para quê? — Ele pretendia despi-la? Ela devia mesmo ser uma depravada, pois a idéia não a chocava, mas sim a excitava.

— Quero beijá-la.

— Não acho que seja conveniente. Estou prometida a Talorc.

— Que seja essa é a última vez que discutimos o assunto — Lachlan afirmou, tenso. — Não quero mais ouvir falar em Talorc. Entendeu?

— Mas...

— Talorc disse diante de testemunhas que não se casaria com você. — Aquela altura a formalidade era a última coisa a ser lembrada.

— Enquanto ele não retomar a afirmativa, não se considere noiva.

— Nossos reis...

— Já lhe disse que nós, lordes das Terras Altas, fazemos nossas próprias leis. Cooperamos com o rei da Escócia apenas quando nos convém.

— Está dizendo que todos são dessa maneira?

— Sim. Até os lordes que são apenas humanos ainda são celtas. Eles nunca se submeterão a um poder absoluto de outrem.

— Você se acha mais do que humano? — Emily divertiu-se com a arrogância.

Bem, se não pertencia a Talorc, então sua honra não estaria comprometida pelas sensações que Lachlan despertava em seu corpo e em seu coração.

— Se me deixar beijá-la, poderá avaliar melhor. Emily estremeceu diante da promessa implícita.

— Será mesmo apenas um beijo? — Claro que não, concluiu ela, contagiada pelo mesmo desejo de Lachlan em dominá-la por completo.

— Talvez sim... talvez não...

— Quem sabe eu o permita fazê-lo — afirmou ela com mais coragem do que juízo.

Se precisasse descrever o que sentia nos braços dele, não encontraria palavras. Era certo que cedo ou tarde deixaria o castelo de Balmoral, jamais o veria novamente; por isso decidiu experimentar o que ele ansiava em lhe proporcionar. Acreditava na promessa de ter a virgindade preservada, e contava com aquilo, pois sabia o que se passava com as mulheres fora do casamento.

Tomada a decisão, foi ela a estreitar a distância que os separava. Estendeu os braços para tomar o rosto dele nas mãos, ficou na ponta dos pés, oferecendo-lhe a boca.

Com um grunhido, Lachlan abaixou a cabeça e retribuiu o carinho com ardor. Beijava-a como se quisesse devorá-la, entremeando as línguas e impregnando-as com um sabor pungente.

Emily sentiu os joelhos fraquejar e largou-se de encontro a ele com paixão. Ao segurá-la, ele a beijou, demonstrando todo o desejo que o consumia. Quando a levantou do chão, foi correspondido com toda paixão que ela mantivera represada até então. Barreiras vencidas, preocupações longe daquele universo só de dois, ela o abraçou com as pernas também.

Percebendo-a mais solta, Lachlan soltou uma das mãos para acariciar-lhe o seio. Depois foi deslizando pelo corpo escultural, até segurá-la pelas nádegas, apertando-a gentilmente.

Apesar de desfrutar de uma intimidade jamais vivenciada, Emily queria mais, mas sua inexperiência não lhe permitia determinar o que seria. Encontrava-se zonzinha com a miríade de sensações.

Sem que ela percebesse, um de seus pés tocou a água. Afastando-se um pouco encarou-o com espanto ao ver-se dentro do lago.

— Oh, meu Deus, estou na água! E ela está fria! Lachlan aproveitara do momento mais íntimo para enganá-la, embora ele próprio, até aquele momento, esquecera-se por completo do que faziam ali.

— Não está fria o suficiente... — A temperatura da água ainda não havia aplacado o desejo de possuí-la. Notando o quanto ela estava arrepiada, desejou aquecê-la com cadeias. — É melhor começarmos logo com essa aula. Vou ensiná-la a boiar.

— B-boiar?

Emily estava com frio, mas Lachlan supôs que o gaguejar fosse o resultado do medo e nervosismo que se percebia em seu olhar.

— Eu não a deixarei afundar.

— Não sei se poderei me controlar. — Ela se resignou, mas a força de vontade venceu o medo.

O corpo delicado se tornava cada vez mais rígido pelo pavor, que mascarava a excitação anterior. Lachlan odiou vê-la apavorada e estava determinado a ajudá-la,

independente da vontade de dominá-la.

— Se me soltar, vou cair num abismo escuro onde a água me prenderá até meu ar se esgotar e eu morrer. Se o lago for fundo eu ficarei perdida para sempre.

— Não há com o que se preocupar. — Lachlan procurou confortá-la, doía-lhe vê-la sofrendo tanto. — O lago tem pouca profundidade.

— Eu sei, mas...

— Estou de pé no fundo e a água não está cobrindo minha cabeça.

— Então vamos começar por aqui. Lachlan beijou os lábios entreabertos.

— Está bem, querida.

Emily corou a ponto de enlouquecê-lo de vontade de ir além dos beijos. Aquela mulher era preciosa e o fazia sorrir. Ele havia se tornado lorde dez anos atrás, desde que o pai morrera numa batalha. Muito cedo aprendera a restringir e a considerar o dever

mais importante do que o prazer. Passara os últimos dez anos provando aquilo para si mesmo.

E quando menos esperava, havia se deparado com uma mulher de olhos cor de violeta, que o fizera ansiar pelo prazer. Era perigosa, porém irresistível.

Um grito agoniado o trouxe de volta de seus devaneios. Emily estava agarrada a seus ombros quando tentou soltá-la. .

Foi preciso uma hora para conseguir que ela boiasse, apoiando-a levemente nas costas. Orgulhoso por ela ter conseguido a proeza, sorriu quando ouviu um soldado se aproximar.

Ele admirou o corpo adorável exposto a seu olhar e à luz do sol e, viu-a como o soldado poderia vê-la. O busto, o ventre e as coxas flutuavam acima da água, enquanto o restante era revelado através da água cristalina. Já tinha nadado antes com mulheres-lobo, e até fizera amor com elas depois, mas nunca antes sentira aquela necessidade de posse que o invadia no momento.

Emily não era sua mulher, mas ele não queria que ninguém a visse daquela maneira. Os mamilos róseos estavam túrgidos por causa da água fria e os pelos castanho-dourados do monte de Vênus brilhavam com as gotículas de água. Desejou percorrer aquela extasiante geografia com as mãos, mas o soldado estava cada vez mais perto. Infelizmente não poderia dar asas à sua imaginação, ou mesmo tentar seduzi-la novamente.

— Alguém vem vindo. — Lachlan suspirou.

Seguindo as instruções dele, Emily boiava de olhos fechados. Ela os arregalou e tentou se sentar. Como estava na água, começou a afundar. Foi preciso segurá-la para evitar que o rosto fosse para debaixo da água.

— Onde? Quem é? — Ela olhou ao redor, agarrando-se no pescoço dele. — Não vejo ninguém.

— Ele estará aqui em poucos segundos.

— Imagino que possa ouvi-lo — ela falou com desconfiança.

— Exato.

— Isso não faz sentido, mas não sei por que acredito em você. Bem, preciso de

minhas roupas agora.

Apesar de concordar, Lachlan precisou de um momento para forçar seus músculos a obedecer ao comando de deixar a água. Gomo não estava concentrado em ensiná-la a nadar, o desejo por Emily precedia seu bom-senso. Naquele momento, era o lobo que desejava tocar e saborear as deliciosas curvas de Emily.

— Lachlan!

O lobo teria de esperar junto com toda necessidade humana. Usando a velocidade animal, ele a carregou até a beira e enrolou-a em uma manta. A percepção o avisava de que o soldado se aproximava correndo e dentro de alguns segundos apareceria por entre as árvores.

— Vá até ali e vista-se. — Ele jogou para ela a túnica, e apontou uma moita que a esconderia até de um lobisomem, embora o homem que se aproximava fosse apenas humano.

Lachlan não precisava estar na forma de lobo para sentir o cheiro de Ulf a distância.

Emily pegou as roupas e se escondeu.

— Vai esperar pelo soldado — ela gritou, jogando a manta de volta para que ele se cobrisse também. — Vista-se.

— Uma cativa não dá ordens a um lorde.

— Pois eu dou.

Lachlan quase riu com o atrevimento dela. Não conhecia nenhuma mulher como ela, humana ou loba. Ele pegava a manta quando Ulf chegou à clareira.

Ele vinha de cenho franzido, o que não era novidade, mas o olhar acusatório irritou Lachlan. Ulf, acreditava que sua posição familiar lhe dava o direito de questionar seu lorde e não poucas vezes Lachlan o tratava com indulgência. Ulf não tinha culpa de não ter nascido lobisomem.

Lachlan tivera pena de seu irmão quando este chegara à idade da primeira metamorfose e a mesma não se dera. O pai de ambos ficara desapontado e a mãe, aliviada. Ulf aprendera desde a infância que não assumiria o comando dos Balmoral, embora o pai insistisse em dizer que os dois filhos eram lobos.

Depois da semana de lua cheia de sua primeira transformação em lobisomem, Lachlan fora treinado para tomar conta do clã no futuro. Ulf nunca protestara. Um humano poderia não sobreviver a um desafio de um lobisomem, e Lachlan teria desafiado a liderança de Ulf se ele tentasse assumi-la.

— Onde ela está? — Ulf indagou à guisa de saudação. Emily fez uma pausa na tarefa de se vestir. Ela também parara de respirar para escutar a resposta de Lachlan.

Ele fez um gesto de cabeça em direção da moita enquanto segurava a manta.

— O que ela está fazendo aí? — Ulf ficou ainda mais carrancudo. — Você está molhado e estava nadando quando cheguei. Por acaso resolveu levar para a água o refugio de seu inimigo? Pensei que fizesse esse tipo de brincadeiras apenas com mulheres-lobo.

Lachlan não se conteve e empurrou o irmão, derrubando-o.

— Cuidado com a língua.



Ulf ficou constrangido ao entender o que dissera. Emily, como a maioria dos humanos das Terras Altas, ignorava a natureza lupina de alguns dos habitantes do clã. Ele conhecia a penalidade de trair os segredos *chrechte* para os que os ignoravam.

A morte. E nem o fato de ser irmão do lorde o salvaria.

Lachlan não imaginava o que Emily faria se soubesse o segredo de seu clã. Como ela era humana, eles não poderiam facilitar. Por isso tratou de disfarçar o deslize.

— Ela não é refugio de inimigo, como eu já lhe disse. Emily murmurou qualquer coisa sobre homens arrogantes e deixou claro que ouvira a conversa.

Ulf levantou-se sem demonstrar ter ouvido os resmungos dela.

— O líder dos Sinclair a recusou. — Lachlan estava farto de tanto falar no lorde Sinclair.

—E você planeja ficar com ela no lugar dele? — Ulf disse com escárnio.

— Não. — Lachlan respondeu seco, pois não entendera a razão da ironia do irmão.

Emily não era propriedade de Sinclair, portanto se pretendia ficar com ela, ninguém poderia objetar. A menos que Ulf também estivesse preocupado com a possibilidade de que os filhos de Lachlan não nascessem lobisomens.

Ulf, mais do que ninguém, sabia o preço a pagar quando uma criança nascida de um *chrechte* e um humano não tomava a forma de um lobo. Além da raça deles não se reproduzir com facilidade, não ter descendentes *chrechte* era uma tragédia.

— Você está fazendo uma boa imitação de um homem governado por seu desejo em vez de sua cabeça. — A crítica de Ulf atingiu a meta.

Contudo Lachlan era muito orgulhoso para admitir a verdade.

— Estou ficando cansado de suas arengas, Ulf. Você mais parece uma velha resmungona.

— Melhor do que um homem à mercê de sua fera.

Em geral, Lachlan relevava tais comentários, mas havia chegado o momento de dar um basta.

— Tome cuidado para que eu não a solte em você.

A ameaça foi sentida, pois Ulf estremeceu e rapidamente controlou suas feições. A energia de sua face diante de uma ameaça *chrechte* impressionava Lachlan. Ele sempre admirara Ulf e mesmo penalizado com a incapacidade de passar pela metamorfose, nunca cometera o engano de pensar que o irmão mais velho fosse fraco.

Lachlan não pretendia que Emily ouvisse algo que traísse os segredos do clã e por isso levou Ulf para longe da moita onde ela se escondia. Ela terminara de se vestir e não saía por estar envergonhada ou por não gostar de Ulf.

— Diga o que veio me dizer. — Lachlan parou a uns dez metros adiante.

Ulf fechou as mãos em punhos.

— Primeiro diga-me se planeja se casar com essa mulher.

— Você deveria saber que não me casarei com uma humana.

— Nem sendo uma mulher de seu clã? — Não.

— Então está preocupado que os segredos dos *chrechte* sejam revelados.

— Em parte.

Casamentos interracialis sempre eram um risco e houvera um tempo que eram proibidos. Mas isso tinha sido antes de os *chrechte* se unirem aos clãs célticos. No entanto, muitos ainda mantinham os costumes antigos.

O que não acontecera com o pai deles.

— Você tem medo que todos os seus filhos, e não apenas um, sejam iguais a mim, não é? — Ulf perguntou com amargura.

— Os *chrechte*, e principalmente seus líderes, têm a responsabilidade de não permitir que nossa raça seja extinta.

— Não sou menos *chrechte* do que você por não ter uma fera que predomine sobre minha lógica humana.

Lachlan não concordava, mas não podia explicar o que significava saber que a fera dentro de si lhe conferia força e habilidades superiores. Longe de diminuir seu raciocínio lógico, o animal conferia à sua mente uma sagacidade muito superior a dos humanos.

— Não há necessidade de discutirmos. Já lhe disse que não pretendo ficar com a inglesa. O motivo não importa.

— Talvez para você.

— Nem para você. Minhas decisões e meus pensamentos não estão sujeitos à sua aprovação.

— Essa mulher não deixa de ser uma inimiga. Além de ser inglesa, ela está prometida ao lorde Sinclair. Isso a torna minha adversária.

— Ela é uma prisioneira Balmoral, o que a deixa sobre minha proteção. Considere isso da próxima vez que você for tentado a tratá-la com hostilidade. — Aquilo estava longe de ser um pedido, e sim uma ordem.

— Vim até aqui para dizer que Duncan chegou e trouxe o relatório.

A falta de urgência de Ulf indicava que o relatório do espião não era para dizer que os Sinclair haviam reunido suas tropas nem cruzavam o mar para cercar o castelo.

— Voltarei à fortaleza em seguida.

Ulf anuiu com os lábios contraídos e se afastou. Lachlan resolveu ficar para voltar com Emily.

Emily andava de um lado a outro de seu quarto na torre com as emoções e pensamentos em turbilhão. Fizera e sentira tantas coisas chocantes que a impossibilitavam de decidir qual fora a mais surpreendente.

Expusera seu pior medo e contara a Lachlan seu segredo mais profundo. Ele não caçara de seus receios nem a culpa, embora ela sempre imaginasse que se fosse mais amável o pai não a teria rejeitado.

Entretanto ainda não aceitava o fato de ter confiado nele tão completamente,

Não achara a boca de Lachlan ou o toque dele inconvenientes, mas diabolicamente tentadores. Retribuíra os beijos com um ardor inimaginável para uma dama. Deixara que ele a despiu e longe de fugir, como uma donzela deveria fazer, quando ele tirara as próprias roupas, ela o devorara com os olhos.

Sentiu calor ao lembrar-se da escultura magnífica que formavam ao se abraçarem,

beijando-se com volúpia. Havia sido nobre da parte dele não possuí-la ali mesmo como Ulf insinuara. Ao contrário, havia sido um *gentleman* em todos os sentidos.

Teria sido um sonho ter flutuado no lago com apoio daquelas mãos fortes?

Ele não rira diante de seu nervosismo e também não a expusera ao irmão. Havia mandado Ulf de volta ao castelo antes de chamá-la para escoltá-la no caminho de volta.

Lachlan a acompanhara até o quarto da torre e não trancara a porta. Aquilo significava que ela poderia sair quando quisesse.

A despeito do rompante emocional da véspera, ela não acalentava o desejo de esconder-se dos Balmoral, pois não era fraca de espírito. Se tinha encarado Sybil todos os dias de sua vida desde os oito anos até a partida para as Terras Altas, poderia enfrentar algumas escocesas hostis.

Desejou que Lachlan tivesse ficado mais alguns minutos no quarto para poder sanar algumas de suas dúvidas. No entanto, ele se limitara a avisá-la de que repetiriam a aula de natação no dia seguinte e se afastara. Foi preciso controlar-se ao extremo para não deixá-lo sair.

Dali em diante, era certo que sentiria falta dele como se estivesse acostumada a vê-lo a todos os instantes de sua vida. Ainda não definira ao certo a emoção estranha diante de um homem a quem conhecera na véspera e com quem partilhara segredos nunca antes ditos a ninguém. Lembrou-se de ter lido um poema sobre amor à primeira vista e pensado que era uma tolice. No momento, porém, a idéia não lhe pareceu tão insana.

Sentou-se na cama e começou a escovar os cabelos úmidos. Como pudera ter sido tão tola? Teria de amar Talorc, seu futuro marido. Como podia seu coração tê-la traído dessa maneira? Ou seriam seus sentimentos nada mais que uma confiança instintiva num homem forte e na imensa sensualidade que ela não podia controlar?

Esperava poder recuperar-se daqueles sentimentos fortes. Caso contrário estaria fadada a ter o coração partido.

Fosse amor ou desejo, não agira como uma dama, contudo não lamentava o que acontecera, por mais surpreendente que tivesse sido.

A partir daquele momento, estava pronta para a aula de natação da manhã seguinte. Se Lachlan a beijasse, retribuiria o beijo. Se fosse tocada, usufruiria do prazer e não se arrependeria.

Emily adorara cada momento na companhia daquele homem, exceto quando o ouvira dizer para Ulf que não se casaria com ninguém. Aquilo a ferira, embora não devesse. A posição dele não deveria ser uma surpresa. Ele já lhe dissera a mesma coisa, usando outras palavras.

Somente um tolo amaria sabendo que o coração partido seria a consequência inevitável, e ela não se deixaria sucumbir. Aproveitaria o tempo de cativo como uma pausa antes de voltar à vida que lhe fora destinada.

Afinal, os guerreiros das Terras Altas não eram os únicos que conheciam seu dever.

Cait, com o prazer saciado, aconchegava-se em Drustan. Em seu primeiro casamento, jamais conhecera um prazer como aquele, mas nada diria ao marido, um lobisomem bem arrogante.

Fora uma noite plena de prazeres inacreditáveis e quando haviam acordado naquela manhã, ele a possuía novamente.

— Querida, você é uma mulher-lobo ardorosa. — Drustan acariciou-lhe o corpo. — Será um prazer tê-la na minha cama.

Naquele momento, bateram na porta. Ainda era cedo para o almoço e tarde demais para estar na cama. Cait geralmente acordava com os primeiros raios do sol que despontara havia horas.

— Deve ser minha mãe que veio para saber o que descobrimos sobre os apuros de Susannah — Drustan afirmou. — Ela se conteve para não fazer perguntas ontem à noite.

Cait deu um pulo, saiu da cama e começou a apanhar as roupas.

— Susannah não está em apuros. Ela se casou e é feliz. Não posso acreditar que sua mãe veio até aqui em nossa manhã de núpcias.

Drustan saiu da cama e tirou a manta das mãos de Cait.

— De hoje em diante, você terá de usar as cores dos Balmoral — repreendeu-a, indicando uma manta dobrada sobre a pequena arca. Depois beijou-a na testa. — Vá se lavar e se arrumar. Conversarei com mamãe enquanto isso.

Cait o viu sair do quarto, esperando que ele vestisse a manta antes de falar com a mãe. Não demorou a escutá-lo convidando a senhora para entrar. Arrumou-se com pressa, pois desejava ouvir a conversa dos dois no cômodo ao lado.

Moira perguntava sobre Susannah e se o filho a tinha visto. Drustan explicou que apenas a ouvira e que ela parecia feliz. Cait sentiu um calafrio ao pensar que os soldados Balmoral haviam chegado tão perto sem serem detectados pelos lobisomens Sinclair.

Havia lobos em seu clã que podiam esconder o cheiro e talvez seu irmão fosse um desses. Isso significava que ele seria capaz de ludibriar a segurança da fortaleza Balmoral? Se fosse assim, ele a levaria embora?,

Um receio incomum a invadiu.

Como uma mulher-lobo não se transformava durante a gravidez, restavam a ela poucas opções de proteção. O bebê devia ser mantido em segurança a qualquer preço. Ela quase se esquecera desse detalhe na véspera quando lutara por sua liberdade, mas aquilo não se repetiria. A responsabilidade de reproduzir-se era um dever sagrado para os *chrechte*.

Esperava que Drustan fosse tão eficiente para protegê-la quanto fora como amante, mas que não matasse Talorc no processo. Por mais intratável que seu irmão fosse, ela o amava. Sabia que ele não viria atrás dela, mas sim do bebê, uma vez que vivia de acordo com os costumes antigos e respeitaria a ligação dela com Drustan. Contudo, Talorc não toleraria a perda de um futuro guerreiro *chrechte* para o clã de Drustan, nem o insulto do rapto dela sem uma compensação.

Ele e Lachlan eram muito semelhantes nesse aspecto.

Provavelmente ele exigiria a volta do bebê para os Sinclair e aceitaria a hipótese de ela ir com o filho para viver como uma viúva. Mas não havia esperança de consentir que os Balmoral ficassem com a criança, ainda mais se ela desse à luz um menino. Havia também a possibilidade de o irmão declarar guerra pelo insulto do rapto bem antes de o bebê nascer.

Com o coração pesado e a mente girando, Cait terminou de se vestir, escovou os

cabelos e foi para o outro recinto.

— Susannah está feliz com Magnus — afirmou à guisa de uma saudação e desejou que a verdade fizesse diferença. — Ela encontrou muitos amigos entre os Sinclair.

Drustan e Moira olharam para ela. Drustan fez sinal para ela sentar-se a seu lado.

Ela aceitou, mas sentiu-se estranha.

— Você a viu, minha filha? — Moira perguntou, demonstrando esperança nos olhos tão verdes quanto os do filho.

— Sim. — Cait apertou a mão de Moira. — Magnus vive numa cabana no pátio interno. Ele é o ferreiro de nosso clã e muito bom por sinal. Meu irmão confia muito nele e a senhora gostaria dele também.

— Por que ele levou minha filha?

Cait sabia que a resposta irritaria Drustan, mas não pôde mentir.

— Magnus não a levou propriamente. Ele a possuiu em forma de lobo e então, de acordo com o costume de nosso clã, insistiu para que ela se tornasse sua esposa. E isso aconteceu nas terras dos Sinclair.

Ela mesma não entendia o que Susannah fora fazer em terras alheias, mas sabia que o ferreiro não tinha mentido.

— Susannah disse a Magnus que tinha a permissão de seu lorde para caçar fora da ilha durante a lua cheia. Ela afirmou ainda que não estava pronta para um companheiro permanente.

— E não estava mesmo — Moira confidenciou. — Ela tinha entrado no cio e sabia que se andasse com a matilha durante a lua cheia, acabaria copulando em forma de loba.

Cait não podia imaginar os pensamentos da moça. Os lobisomens e as mulheres-lobo não ignoravam que se uma fêmea andasse com os machos da matilha quando estivesse no cio, a natureza lupina acabaria por vencê-los. Os machos não comprometidos lutariam pelo privilégio de possuí-la, mesmo que um não gostasse do outro sob a forma humana. O vencedor cortejaria a fêmea e eles acabariam se unindo em um interlúdio físico. Isso era inevitável.

O que a mente da mulher-lobo lhe dissesse na forma humana não tinha domínio sobre a forma animal. A maioria entendia o fato e agia de acordo com o mesmo.

Susannah havia pensado que protegeria sua independência caçando sozinha. Nos tempos antigos, ela não teria permissão de fazer isso, apesar de seu desejo pessoal. Quando as mulheres-lobo entravam no cio, era esperado que seacasalassem e tivessem filhos para aumentar o número de lobos.

A maioria dos clãs ainda aderiu a essa tradição, assim como pais humanos insistiam para que suas filhas se casassem quando atingiam a idade certa. Cait já estava casada quando entrara no cio a primeira vez, mas sabia que seu irmão teria insistido para que arrumasse um companheiro na ocasião, caso não tivesse um.

— Para mim, os lobos Balmoral não achavam que o acasalamento representasse um compromisso para toda a vida.

Moira suspirou.

— O acasalamento na forma animal quando a mulher-lobo está no cio em geral

resulta em gravidez e Susannah sabia disso. Em nossa matilha, gerar uma cria significa um compromisso para a vida toda, que não pode ser quebrado sob nenhuma circunstância.

O clã dos Balmoral não era o único a ter uma matilha que praticava acasalamento sem nenhuma forma de compromisso. Como a cópula fazia com que muitos lobisomens ganhassem controle de sua metamorfose, depois de atingirem a maioridade, algumas matilhas acreditavam que esta devia ser praticada sem conseqüências perpétuas. No modo de pensar de Cait, aquilo significava ceder demais à natureza lupina.

No entanto, ela não queria entrar em argumentos morais com o marido e a sogra.

— Por que sua irmã foi encorajada a caçar nas terras dos Sinclair? — indagou ao marido.

— Ela não foi encorajada — Drustan respondeu com brusquidão.

Cait estranhou a mudança de atitude do marido, mas não recuou.

— Sua irmã disse a Magnus que tinha sido instruída para caçar na lua cheia. Ela não sabia estar nas terras dos Sinclair, mas não creio que os machos de sua matilha fossem tão ignorantes. Esse é um ponto bem conhecido dos lordes.

Havia um segredo falho, mas jamais revelado. As matilhas se espionavam e sabiam muito mais sobre as outras do que admitiam.

Houvera um tempo em que todos os *chrechte* formavam uma só matilha sob o comando de um rei, mas não era como viviam atualmente, depois da traição de MacAlpin. Mesmo assim, elas não entravam em combate umas com as outras como faziam com os clãs humanos e com os do sul. Havia leis implícitas e aquelas que governavam o acasalamento com uma mulher-lobo de outra matilha eram algumas das mais sagradas. Entretanto, elas não tinham sido quebradas pelos motivos que Drustan supunha.

Talorc respeitava as tradições e leis antigas. Assim, jamais teria permitido que Magnus ficasse com Susannah sem um pedido formal ao lorde de Balmoral. Se o pedido fosse negado, ele então teria ordenado ao ferreiro que a levasse de volta a seu clã de origem.

Talorc não fizera o pedido formal por ter considerado a presença de Susannah nas terras de caça dos Sinclair o resultado de uma negligência vergonhosa do lorde e de sua família para a segurança dela. Guerreiros tão peritos em esconder seu cheiro saberiam que as terras para onde haviam mandado Susannah eram dos Sinclair. Era inconcebível que não soubessem.

— Claro que sabemos onde a matilha Sinclair caça — Drustan resmungou, confirmando os pensamentos de Cait. — Nem Lachlan nem eu teríamos instruído minha irmã para caçar lá e ainda mais sozinha.

— Bem, não perguntei a ela quem havia lhe dado as ordens, apenas presumi tratar-se de Lachlan.

— Você estaria certa se ela houvesse falado com alguém. Para fazer tal coisa ela deveria ter pedido permissão a mim ou a Lachlan. — Drustan, irado, não parecia ser o mesmo homem que passara horas mergulhado na paixão. — Ela não falou com nenhum de nós e se tivesse falado, não a teríamos deixado caçar onde provavelmente acabaria sendo copulada contra sua vontade.

Cait segurou-lhe o braço.

— Ela não se deitou contra a vontade. Isso não funciona dessa maneira e você sabe disso.

— Susannah ainda não queria se acasalar! — ele afirmou, desvencilhando-se do contato.

— Mas ela está feliz casada com Magnus. Ele é muito gentil com ela. — Enquanto Cait falava em tom brando, Drustan praticamente gritava. — Agora eles se amam.

— Ela está grávida? — Moira quis saber.

— Sim, e estão muito felizes por isso. — Cait acariciou o ventre abaulado quando o bebê deu um pontapé. — Isso é uma bênção.

— Jamais verei meu neto. — Os olhos de Moira encheram-se de lágrimas.

— Tenho certeza de que Talorc lhe dará permissão para visitá-la. Fique tranqüila, falarei com ele.

— Você não poderá ver seu irmão.

Foi difícil ignorar o tom áspero do marido.

— Creio que há um mal-entendido que precisa ser corrigido. Meu irmão não ignorou as leis antigas. Ele e Magnus acreditam que seu clã falhou no dever de proteger Susannah. Por isso é que o pedido formal pela mão dela nunca foi feito a você nem a Lachlan. Tenho certeza de que se eu falar com ele e explicar, a situação poderá ser

resolvida.

— Você não vai se aproximar das terras de Sinclair.

Cait ficou magoada, apesar de já ter previsto que o marido assumiria aquela posição. Ela tinha se casado por ordem do lorde. Drustan não a escolhera e ela nada mais era do que uma prisioneira com quem ele se casara. Seria melhor lembrar-se disso, antes de ficar com o coração partido.

— A senhora deseja água ou vinho? — Ela ofereceu à Moira depois de olhar o aparador.

Cait os serviu de água, antes de voltar a se sentar.

— Gostaria de ver Emily.

— Emily está confinada na torre — Drustan franziu o cenho —, e não sei se Lachlan permitirá que ela receba visitas.

— Não creio que ele a considere uma prisioneira — Moira respondeu.

— Por quê? — Drustan perguntou.

— Ele a levou para nadar no lago e escoltou-a pessoalmente ao quarto há não mais de trinta minutos.

— Ele a levou para nadar? — Cait espantou-se. — Emily tem pavor de água.

Não era possível que Lachlan fosse tão cruel a ponto de torturá-la. Se bem que também não nadaria por vontade própria. E o pior, os dois não poderiam ter entrado na água vestidos.

— Tenho de ver Emily agora!

Dito isso, ela saiu correndo com velocidade, uma das poucas habilidades lupinas que haviam permanecido na gravidez, mas foi detida por Drustan no meio da escada.

— O que pensa que vai fazer?

— Eu já lhe disse. Vou ver minha amiga.

— Você não pediu permissão, nem teve a cortesia de despedir-se de minha mãe ou agradecê-la pela visita. Além disso, correndo dessa maneira poderá cair e machucar o bebê ou a si mesma.

— Nada disso vai acontecer. — Ela virou-se ao sentir a aproximação de Moira. — Desculpe-me e obrigada pela visita. Adorarei conversar com a senhora em outra ocasião.

— Tenho certeza de que sim.

Para os ouvidos sensíveis de Cait, as palavras de Moira pareceram mais uma ameaça do que uma cortesia, mesmo sem ser proposital. Na certa fora para lembrá-la de que, agora, pertencia aos Balmoral, destino que lhe parecera aceitável até entender que o marido pretendia mantê-la afastada do irmão.

Depois de Moira afastar-se, ela voltou-se muito séria para o marido.

— Solte-me, preciso falar com Emily.

— Você tem de pedir permissão para isso.

— Por favor, posso falar com minha amiga agora? — E não escondeu a irritação.

— Falarei com Lachlan e se ele concordar, você poderá ir.

Cait engoliu a vontade de gritar.

— Vai perguntar a ele agora?

— Eu preferia voltar a nossos aposentos.

— Pois eu preferia que você pedisse autorização a ele — Cait insistiu.

— Você está se arriscando ao me desafiar.

— É mesmo? O que mais poderá fazer comigo, Drustan de Balmoral? Você me raptou, forçou-me a casar com você e decretou que terei de manter-me afastada de minha família pelo resto da vida. Não sei o que mais lhe resta fazer, a menos que pretenda me bater. Nós dois sabemos que ninguém fará isso enquanto eu estiver grávida.

Com o olhar em fogo, Drustan carregou-a escada acima, fechou a porta com o pé e

colocou-a no chão.

— Como está preocupada com a inglesa, farei uma concessão.

— É mesmo?

— Jamais baterei em você, estando grávida ou não. Isso ela sabia. Um guerreiro *chrechte* se envergonharia de bater numa mulher, mas nem por isso ela se desculparia pelo insulto.

— Você é muito teimosa.— Drustan sorriu. — Falarei com Lachlan na hora do almoço.

Fazê-la esperar por mais duas horas para saber se poderia falar com Emily era uma crueldade, mas ela não era a única obstinada naquele quarto. De nada adiantaria argumentar.

No entanto, para sua surpresa, ele deixou os aposentos antes de ela questioná-lo.

Emily escutou uma batida na porta e correu para abrir. Cait estava na entrada,



usando uma manta dos Balmoral.

— Está tudo bem? — indagou, puxando a amiga pelo braço. — Você parece preocupada. O que houve?

— Nada.

— Ainda bem. — As duas sentaram-se na cama. — Lachlan disse que eu não a veria hoje. Fico feliz que ele tenha se enganado. Ele achou que recém-casados como você e Drustan não deixariam o quarto por dois dias no mínimo.

O alívio inicial de Cait por encontrar a amiga bem mesclou-se a um pouco de ansiedade.

— Eu estava preocupada com você.

— E eu, com você. — Emily observou a outra e não notou sinais de sofrimento. — Diga-me a verdade. Como está você? Foi horrível?

— O quê? — Cait perguntou com um sorriso.

— A noite de núpcias, oras!

Cait olhou ao redor, levantou-se, fechou a porta e voltou a sentar-se no mesmo lugar.

— Então? — Emily incentivou-a a falar.

— A noite passada foi a mais surpreendente da minha vida. — Os laivos de tristeza na voz estavam em desacordo com tal declaração.

— Você não parece feliz por isso.

— E não estou, pois tenho certeza de que o mesmo não aconteceu com Drustan.

— Ele disse isso? — Emily escandalizou-se.

— Não com essas palavras. Ele não acreditou em mim quando eu disse que Susannah afirmou ter recebido permissão para caçar nas terras dos Sinclair.

— Por que uma mulher caçaria sozinha? Essa não é tarefa dos soldados? — Tudo ali era diferente e Emily não sabia o que aquilo tinha a ver com as emoções diversas entre Drustan e Cait.

— Não é comum, mas ela teve permissão e foi caçar. Por causa disso ela se aca... ela encontrou Magnus e eles se casaram. Mas Drustan está convencido de que Magnus veio até a ilha e raptou Susannah.

— Isso é ridículo! Como um soldado poderia cruzar o mar sem ser detectado? Se Susannah estivesse dentro das muralhas do castelo, nada daquilo teria acontecido. Qual é a versão dele?

— Ah, é muito difícil explicar.

— Desculpe-me, eu não deveria me intrometer.

— Não é isso. É que você não sabe de tudo.

— Por que não me conta? — Emily ficou sentida com a falta de confiança.

— É uma pena, mas...

— Não se preocupe e diga apenas o que puder.

— Bem, você sabe que eu fui levada em retaliação pelo que aconteceu com a irmã

de Drustan. De acordo com a lei do clã, Magnus ou meu irmão deveriam ter pedido permissão de Lachlan ou Drustan para manter Susannah nas terras dos Sinclair.

— E eles não fizeram isso.

— Não. Eles acham que o clã Balmoral falhou na responsabilidade de protegê-la e, portanto, não eram merecedores da cortesia.

— Entendo. Os habitantes das Terras Altas são muito orgulhosos, não são?

— E os *chrechte* ainda mais.

— *Chrechte*? Eu ouvi Lachlan referir-se a si mesmo com essa palavra. O que isso significa?

— Lachlan disse isso na sua frente? — Cait espantou-se.

— Sim.

— Estou surpresa, mas suponho que não fará mal que você conheça alguma coisa sobre nosso passado. Há uns cem anos havia um povo nas Terras Altas chamado *chrechte* e os romanos nos chamavam de pictos.

— Nos?

— Eu também sou *chrechte*.

— Eu me lembro de ter ouvido falar desse povo. Eles tinham tatuagens parecidas com as que Lachlan tem no braço e nas costas. Talorc também tem as tatuagens?

— Tem, mas a tatuagem no braço dele é diferente da dos Balmoral.

— Os pictos não tinham seu próprio rei até MacAlpin unir os clãs das Terras Altas e das Terras Baixas sob a égide de um rei escocês?

— Sim. Ele se declarou rei, usou de tramóias para assassinar os *chrechte* reais remanescentes e nosso povo foi devastado. Depois de muita discórdia e discussões, foi finalmente decidido num conselho que nós nos deveríamos reunir aos clãs celtas. Embora tenha se passado um século, os *chrechte* nunca esqueceram a traição de MacAlpin. Nenhum habitante das Terras Altas se submete inteiramente a nenhuma regra que não seja a do chefe do clã. O atual rei na verdade é mais inglês do que escocês. Se a população deixar, ele acabará transformando a Escócia num posto avançado normando.

— Entendo que seu irmão se sinta ofendido por um rei tentar impor-lhe uma esposa.

— "Ofendido" é uma palavra muito suave para o modo como o clã se sente.

— Exceto você. Cait sorriu.

— Eu também me sentia assim até conhecê-la. Gostei de você à primeira vista. E estava preocupada com você.

— Por que Lachlan me trancou aqui? Aprecio seu empenho, mas você não deve se preocupar. Estou bem e como pode ver a porta nem está trancada.

— Na verdade, isso é só uma parte do que me aflige. — Cait escolheu bem as palavras para se expressar. — Moira disse que Lachlan a levou para nadar esta manhã.

Emily sorriu, lembrando-se do triunfo de ter boiado quase sozinha.

— Sim, e foi maravilhoso. Ele está me ensinando a nadar e eu não terei mais medo da água.

— Isso é mesmo surpreendente. Engraçado, mas a paciência e a bondade em

ensiná-la a nadar não combinam com o que eu pensava a respeito dele.

— Como assim?

— Bem, não acredito que Susannah tenha mentido — Cait procurou convencer Emily. — E por que ela mentiria? Para que Magnus não pensasse mal dela? Essa seria uma possibilidade, mas estou quase convencida de que Lachlan mentiu.

— Por que ele faria isso?

— Por desejar guerra com nosso clã e não querer que os Balmoral o culpem por iniciar as desavenças. Por isso mandou Susannah sozinha e fingiu-se ofendido quando o acasalamento aconteceu.

— Na minha opinião, você está atribuindo a ele uma desonestidade que não creio que ele seja capaz de ter.

— Acha que ele não trapaceia?

— Não exatamente, mas creio que ele é muito orgulhoso para acreditar que mentir seria necessário. Se quisesse, poderia simplesmente declarar guerra e ponto-final. Nunca ocorreria a um homem com o temperamento dele, enganar seu povo.

Cait se pôs a rir.

— Emily, você está atraída por Lachlan?

— Como é que você sabe? Não deveria ser assim tão óbvio. Ele é grosseiro e impaciente exceto quando me ensina a nadar. Não imaginei que meus sentimentos por ele fossem tão evidentes.

— Você não pode aprender a nadar de vestido. Se ele a convenceu a tirar a roupa, deve ter sido muito persuasivo.

— E foi mesmo.

— Talorc não se casará com você se deixar de ser pura.

— Lachlan disse que preservaria minha virgindade. No entanto, permiti que ele me ensinasse a nadar e me beijasse de um jeito muito sensual. Eu me sinto bem na companhia dele. Quero saborear a felicidade antes de me submeter ao dever.

— Você o ama?

— Espero que não.

— Entendo, isso a faria sofrer muito, não é?

Uma batida na porta interrompeu a conversa. Drustan irrompeu no quarto, com a expressão impassível.

— Está na hora do almoço — anunciou.

— Emily também vai? — Cait perguntou.

— Sim.

Emily sorriu, aliviada pela notícia. Estava livre para deixar o quarto e poderia ver Lachlan.

Os três entraram juntos no salão nobre. Lachlan estava sentado na cadeira central da longa mesa que ficava na extremidade oposta do recinto e todos os lugares estavam ocupados exceto por dois à sua direita. Eram para Drustan e Cait.

Emily viu um lugar vago na mesa de Angus, onde também se encontrava Ulf. Angus notou sua intenção e encantado, afastou o homem sentado perto dele. Sorriu e Emily retribuiu, agradecendo. Mas antes de sentar-se ela observou que Angus e mais dois soldados empalideceram depois de olhar para Lachlan que se mostrava carrancudo, o que na verdade não era nada de novo.

Angus levantou-se do banco.

— Lady Emily, milorde deseja que a senhora se sente à mesa principal.

— Engano seu. Não há lugar para mim naquela mesa.

— Ele pediu que um dos soldados saísse.

Havia pelo menos setenta e cinco soldados comendo ali e o barulho abafava até uma conversa em tom alto.

— O senhor não deve ter ouvido com esse alarido. — Emily segurou o braço de Angus para sentar no banco sem cair.

— Por favor, não me toque. Quero que meu pescoço fique onde está.

Ela não entendeu o comentário, mas tirou a mão para não parecer atrevida.

— Desculpe-me, eu não pretendia...

— Acho melhor trocar de mesa agora — Angus disse, aflito.

Emily olhou para a mesa principal. O lugar ao lado de Lachlan estava vago, e ele a chamava com o dedo. Todos viram o gesto, que a deixou vestida com uma máscara carmim de vergonha. Com o canto dos olhos ela notou a fisionomia preocupada de Cait.

Angus apressou-se em escoltá-la até a mesa do senhor daquelas terras, para depois puxar a cadeira que deveria ser ocupada.

Lachlan não olhou para ela de imediato, pois conversava com Drustan. Porém surpreendeu-a ao servi-la.

Ainda assim não estava claro porque ele fizera questão de sua presença tão próxima se a ignorava o tempo inteiro.

Tímida para conversar com desconhecidos, ela decidiu-se pelo sacerdote que estava à sua frente e parecia amável. Depois de comer e tomar um cálice de vinho, sentiu-se mais à vontade para iniciar uma conversa.

— Padre? — Inclinou-se para a frente, sem querer que outros a escutassem. — Eu estava pensando sobre os sacramentos matrimoniais.

— O que lhe ocupou a mente?

— A Igreja não determina que o sacramento deve ser dito pela manhã?

— Sim, na tradição de Roma.

— Mas o senhor o pronunciou a *noite* anterior.

— Por vontade de milorde.

— E o enlace será válido? .

— A senhora está insinuando que a cerimônia de casamento que eu realizei não é válida? — Ele a fitou como se Emily tivesse perdido o juízo.

De repente todos se calaram e ela viu-se alvo das atenções. Vermelha, desejou

não ter feito a pergunta, mas já era tarde.

— O senhor deve entender que estou preocupada com a posição de minha amiga diante de Deus e da Igreja. Se o sacramento não for válido, o casamento também não será.

— Eu lhe asseguro de que o enlace é válido.

— Reconhecido pela Igreja? — Ela ainda não estava convencida.

— O casamento tem validade — Lachlan dirigiu-lhe a palavra pela primeira vez naquela noite.

— Milorde está querendo dizer que está não apenas acima do rei, mas também do papa? — Emily franziu o cenho diante de tamanha pretensão.

— A senhora pensa dar uma desculpa para minha esposa escapar de mim? — Drustan perguntou antes de Lachlan responder ao atrevimento.

— Oh, não! Estou apenas preocupada com a posição de Cait diante da Igreja. Agora, se o sacerdote não está preocupado, eu também não ficarei.

Os habitantes das Terras Altas viam o mundo de maneira diferente, com pontos de vista e crenças distintas. No entanto o que realmente importava naquele momento era que todos acreditavam que Cait estava casada de verdade.

Ainda bem.

Depois do almoço, Emily encontrava-se indecisa se deveria ou não voltar para a torre. Lachlan saíra antes sem nada dizer, o que a levou a imaginar uma possível liberdade.

— Drustan disse que poderíamos aproveitar o tempo para conhecer o castelo — Cait falou atrás dela.

— Ah, eu adoraria. — Ela virou-se feliz pela autorização, qualquer coisa era melhor do que ficar confinada.

Como tinham a permissão, dirigiram-se ao lago que ficava fora das muralhas do castelo.

— Que lugar lindo! — Cait exclamou, ao chegarem à clareira perto da água.

Emily olhou a água resplandecente pelo sol e não acreditou que já tivesse nadado ali. Lachlan podia ser austero, mas se portava com gentileza, procurando ajudá-la. O que, apesar da arrogância, o tornava um herói diante de seus olhos.

— Amanhã cedo terei nova aula de natação.

— Bem, tenho certeza de que você não ficará sozinha. Haverá outros soldados por perto.

— Se eles estavam aqui esta manhã, eu não os notei.

— Mesmo assim tenho certeza de que Lachlan estava acompanhado de guardas. — Cait demonstrou uma ansiedade incompreensível.

— Lachlan é tão seguro de si que provavelmente achou que não precisava de guardas, ainda mais estando nas próprias terras. Ele conta com ouvidos apurados, pois até sabia que Ulf se aproximava, mesmo sem tê-lo visto.

De repente, Cait deu um gemido de aflição, olhando para a outra margem do lago.

Emily virou-se e viu um grande lobo cinzento. Ele estava muito longe para pular sobre elas, mas a aura ameaçadora as fez estremecer. Contudo ele não parecia um animal faminto, não demonstrando vontade de atacá-las. Lobos eram criaturas tímidas quando não estavam com fome ou demarcavam território.

— Estou casada agora — informou Cait. — O casamento foi a noite passada... e a posse também...

— Sim, eu sei. — Emily considerou um assunto estranho diante do animal que enfrentavam.

O lobo sacudiu a cabeça para elas e rosnou, mostrando os dentes afiados. Emily pulou para trás embora o lago a separasse do animal. Depois de alguns instantes sob uma palpável tensão, o animal desapareceu por entre as árvores da floresta.

— Esse chegou perto.

— Mais perto do que você pode imaginar. — Lágrimas deslizavam pelo rosto de Cait. — Emily, você não deve vir amanhã para a aula de natação.

Alguma coisa perturbava Cait.

— Explique o motivo.

— Não posso. Acredite apenas que não é seguro. Acho que Lachlan planeja seduzi-la.

— Sei o que ele pretende fazer comigo e quero isso. Sinto muito que você não entenda, pois não queria desapontá-la. Eu quero um pouco de felicidade em minha vida e preciso disso para recordar nos anos de solidão que me aguardam.

— Talorç a rejeitará se desconfiar de que Lachlan a possuiu, mesmo se isso não for verdade.

— Ele já me rejeitou.

— Se ele souber o que irá acontecer aqui, na certa a mandará de volta para a Inglaterra, desacreditada.

— Bem, se mantivermos segredo...

Cait não respondeu e começou a puxar a amiga no caminho de volta. Só parou quando entraram no quarto da torre e trancaram a porta.

— Você anda muito depressa para uma mulher grávida. — Emily arfava pela rapidez com que haviam subido a escada.

— Mulheres-lobo são assim mesmo.

— Como?

— Emily, preciso lhe contar algo. — Cait rodeou-a, com expressão de desespero.

— Assim você entenderá e poderá me ajudar a impedir uma guerra e a morte de meu irmão ou de Lachlan.

— O que?

— Lembra-se do que lhe contei sobre o povo *chrechte*. Pois bem, você é humana, querida, e eu não. Não inteiramente. — O relato era contado cada vez mais rápido.

— Você está perturbada, Cait. Muitas coisas aconteceram e você está grávida. Quer beber um pouco de água para clarear a mente? — Emily simplesmente ignorou o

que havia ouvido.

— Estou ótima. Por favor, acredite em mim! —Cait estava com o olhar vidrado. — Ouça, os *chrechte* mudam de forma!

Boquiaberta, Emily deixou-se cair da cama.

— Eles têm a forma humana e a animal.

Na certa a noite anterior fora uma provação para a amiga e ela estava transtornada. Era preciso ajudá-la?

— Você já ouviu contar histórias sobre lobisomens?

— Sim — Emily sussurrou, com o coração disparado, mas de preocupação e não de medo.

Não suportava ver Cait naquele estado. Se Lachlan ou Drustan estivessem ali, ela os teria atacado com a faca de comer por terem enlouquecido.

— Os *chrechte* são uma raça de lobisomens e mulheres-lobo. O lobo cinzento que você viu perto da água era meu irmão Talorc. — Cait parecia tão sincera que, mesmo que se tratasse de uma fantasia, Emily quase acreditou.

— Alguns lobos não podem controlar a metamorfose até que estejam acasalados, mas Talorc foi capaz de transformar-se em lobo desde a primeira noite de lua cheia. Eu também posso. Nossa mãe era uma loba branca e passou essa habilidade para nós,

— Lobos brancos podem controlar a transformação?

— Emily perguntou à-toa, por não saber como reagir a tudo aquilo.

— Você não acredita em mim, não é? — Cait fechou as mãos em desespero.

— Creio que esteja falando sobre histórias infantis e não sobre a realidade. Pense um pouco, o que está dizendo é impossível de acontecer.

Cait negou com um gesto enérgico de cabeça.

— Não é. Quero lhe mostrar algumas provas. Não posso me transformar agora por estar grávida, mas quero que você reflita sobre algumas coisas.

— Está bem.

— Lembra-se de ontem na floresta quando eu ouvia coisas que você não escutava e como Lachlan escutou a aproximação de Ulf hoje pela manhã? Bem a audição aguçada é uma característica dos lobisomens.

— Audição aguçada?

Não podia ser. No entanto, nos dois casos eles tinham ouvido e ela não. Talvez fosse melhor crer no inacreditável. Era melhor do que aceitar a hipótese de a amiga estar ficando louca.

— Isso não é tudo — Cait continuou. — Somos mais fortes e rápidos do que os humanos.

Sem avisar ela levantou-se da cama. Emily piscou, viu uma mancha em movimento, que retomou a forma humana em outra extremidade do quarto.

— Você viu? — ela indagou e riu da expressão de espanto da outra. — Não se preocupe, não está vendo coisas, nós nos movemos muito depressa. Acredita em mim agora? Bem, o mais importante é saber que Talorc, como um lobo cinzento, ouviu nossa conversa inteira. Imagine sua raiva ao saber das aulas de natação. Pode estar certa de que ele desafiar  Lachlan e um dos dois acabará morrendo.

— Como Talorc pode estar na ilha sem Lachlan saber?

— Ele nadou sob a forma de lobo e sua perícia em mascarar o próprio cheiro é grande. Bem melhor do que a minha nesse caso.

— Isso é impossível. — Embora ainda relutante, uma parte de Emily começava a acreditar.

Fosse como fosse, já vira e ouvira muitas coisas estranhas desde que tinha chegado às Terras Altas. O que Cait lhe contara explicava a maioria delas.

—É complicado aceitar, eu sei. Os *chrechte* coexistem com os humanos desde os primórdios da civilização, mas sempre tivemos de nos manter escondidos.

— Por quê? Como MacAlpin pôde trair os pictos... isto é, os *chrechte*, se eles são mais fortes de que os humanos?

— A força não é tudo. MacAlpin era um *chrechte*, mas não podia se transformar. Isso pode acontecer quando um humano se acasala com um lobisomem. A mãe dele era uma mulher-lobo, mas o pai escocês. MacAlpin tinha a esperteza animal, mas não todas as características dos *chrechte*. Ele se cercou de lobisomens dispostos a trair seu povo pela ambição do poder. Por centenas de anos, a guerra diminuiu nossa população e a traição de MacAlpin dizimou os remanescentes. Quando nos tornamos parte dos clãs celtas, estávamos protegendo o futuro de nosso povo. Era a nossa única esperança.

— Mas então nem todos os clãs têm lobisomens entre eles?

— Não. Nosso número se elevou, mas menos de um entre dez homens pode se transformar. Quando uma matilha existe dentro de um clã, pode ter certeza de que o lorde é um dos nossos. Não aceitamos a liderança de outros.

— Isso é fantástico!

— Você tem de acreditar em mim. — Cait ajoelhou-se diante da amiga. A humilhação do orgulho *chrechte* foi mais convincente do que as palavras. — Eu imploro, você tem de manter Lachlan afastado do lago amanhã.

— Não posso — Emily sussurrou, sentindo-se péssima. — Ele jamais aceitaria uma negativa como resposta.

— Tente, pelo menos; — Cait bateu com os punhos fechados na parede coberta de junco. — Sei que pode fazer isso. Lachlan a deseja e isso tem de significar alguma coisa. Como afirmou seus direitos, na certa a ouvirá.

— Cait, sente-se na cama. Essa agitação não pode ser boa para o bebê. — Emily puxou Cait para se levantar.

— Sei que está certa, mas estou muito assustada. Amo meu irmão e não quero guerra entre meu novo clã e o clã de meu nascimento.

— Nem eu. Cait, o que você quis dizer com Lachlan afirmou seus direitos?

— Ele rosnou para os outros lobisomens na mesa. Você pode não ter notado, mas ele o fez principalmente para Angus quando você pôs a mão nele. Sem contar com a decisão de fazer questão de tê-la a seu lado na mesa. Concorde que essa não é uma atitude normal entre um lorde e uma prisioneira.

— Pensei que fosse uma idiossincrasia peculiar das Terras Altas — Emily admitiu. — Apesar disso ele me ignorou durante toda a refeição.

— Não acho que Lachlan esteja feliz em desejá-la, mas ele deixou claro para que



nenhum outro ouse ter a mesma pretensão.

— Eu não entendo.

— Nem eu. — Cait já estava mais calma. — A matilha Balmoral faz coisas diferentes às quais estou acostumada. Por exemplo, um acasalamento físico não implica num compromisso para a vida toda a menos que resulte numa gravidez.

— Eu posso ficar grávida dele?

— Sim, se vocês formarem um par verdadeiro. Quer dizer, quando um ser capaz

de se transformar se une a um humano, eles podem algumas vezes escutar as vozes interiores um do outro e a ligação resultará em filhos.

Emily já tinha ouvido os mágicos se vangloriar disso, e Sybil os chamava de charlatões. E escutar pensamentos alheios lhe parecia tão inacreditável quanto a idéia de humanos se transformarem em lobos.

— E os lobisomens?

— Bem, mulheres-lobo não ficam no cio com frequência e somos independentes por natureza. Antes da união dos clãs, as mulheres como eu podiam passar a vida toda sem se acasalar.

Não era de se admirar que os *chrechte* achassem tão difícil sobreviver.

— Mas os lobisomens não têm de estar verdadeiramente acasalados para gerar filhos?

— Não, mas se eles estiverem, poderão falar com a mente. E também podem sofrer as conseqüências de um acasalamento sagrado.

— Quais seriam?

— Quando os *chrechte* encontram seu par verdadeiro, tornam-se incapazes de acasalar-se com outro até a morte do companheiro.

— Incapazes?

Cait mordeu o lábio e continuou num murmúrio:

— Os machos não têm ereção a não ser com sua fêmea, e o corpo de uma mulher-lobo não aceita a penetração de outro macho.

De repente, Emily lembrou-se dos olhos ameaçadores do lobo que tinham visto havia pouco e sentiu um frio percorrer-lhe a espinha.

— Será que Talorc veio buscá-la?

— Não. Ele respeita muito as leis do acasalamento para ignorar o direito de Drustan sobre mim. Entretanto, talvez estivesse fazendo um reconhecimento para guerra, ainda que suas ações não sugerissem isso. Creio que ele deseja meu filho, mais um guerreiro *chrechte* para seu clã.

— Mas isso é bárbaro. Ninguém pode tirar seu filho de você.

— Meu irmão pode muito bem ir à guerra pelo bebê, isso se não raptá-lo primeiro.

— E se for uma menina?

— As mulheres são valorizadas por sua habilidade de gerar mais guerreiros e os homens pela de lutar.

— Acontece o mesmo com humanos. — Céus, estava quase acreditando totalmente naquela história fantástica!

— Num certo ponto, sim.

— O que pretende fazer?

— Não sei, mas não quero a morte de nenhum lorde.

— Você acha que Talorc esteve por aqui essa manhã? — Emily sentiu-se mortificada ao imaginar que ele a vira sem roupas com Lachlan.

— É possível. Ele poderia estar esperando para desafiar Lachlan até saber onde eu estava e o que aconteceu comigo.

— Tem certeza de que ele irá ao lago amanhã cedo?

— Não, mas é provável que vá. Se ele matar o lorde dessas terras, seu clã pensará duas vezes antes de ficar com meu bebê.

— Isso é brutal.

— É a maneira como se vive aqui.

— Talvez eu pudesse manter Lachlan longe da água, oferecendo-me a ele.

— Oh, não! Você não pode fazer isso. Sei que sugeri usar o desejo dele, mas isso não seria justo com você. Desculpe-me, foi um erro.

— E se eu lhe dissesse que partilho desse desejo? Passei a vida inteira vivendo à sombra da nova família de meu pai. Quando estou com Lachlan, parece que o sol me ilumina. E por vários motivos sei que isso não pode durar. Mas assim mesmo quero experimentar o que puder dessa paixão. Acha que sou terrível por me sentir dessa maneira?

— Não, creio que você seja muito corajosa. Aliás, Lachlan poderia se casar com você, se quisesse.

— De acordo com o que você disse, haverá o risco de eu não engravidar. Nenhum homem, muito menos um lorde, enfrentaria esse futuro por vontade própria.

— Tem razão. Muitos *chrechte* desencorajam casamentos com humanos também pela possibilidade de ter filhos humanos que não se transformam.

— Acha que isso pode acontecer?

— Sim. A mãe de Lachlan deve ter sido humana por que Ulf humano.

— Ele não é *chrechte*?

— Não.

— Você irá falar com Talorc amanhã no lago? — Emily resolveu voltar ao assunto anterior.

— Não, não tenho certeza do motivo de ele estar aqui. Talvez ele estivesse apenas sondando, mas receio que queira me levar de volta até receber um pedido formal por minha mão. Ou então Lachlan pode declarar guerra depois de o bebê nascer. Também é possível que Talorc declare guerra, sem respeitar os laços de casamento. — As possibilidades não eram nada animadoras. — Eu deveria contar a verdade para Drustan, mas não posso trair meu irmão, ainda mais quando não tenho certeza das intenções dele.

— Se eu puder manter Lachlan afastado do lago amanhã, você não terá com que

se preocupar. Seu pequeno engano não prejudicará ninguém.

— Isso significa que você acredita em mim?

— Não tenho certeza — Emily admitiu com honestidade —, mas é impossível descartar tudo o que disse, e sei que você acredita nisso. Entendo que esteja apavorada e quero fazer o que puder para ajudá-la.

— Obrigada. — Os olhos de Cait ficaram rasos d'água.

— Farei o possível para manter Lachlan longe do lago amanhã.

— Ah, por favor, não deixe ninguém saber que você está ciente da natureza verdadeira dos *chrechte*. Poucos humanos dentro dos clãs sabem e os que sabem guardam o segredo com suas vidas. Uma revelação é punida com a morte.

— Entendi. — Emily empalideceu.

— Talorc, como seu noivo, tem o direito de contar, mas eu não.

— Você poderia ser morta por me revelar tudo? As duas deram-se as mãos.

— Não creio que isso venha a acontecer desde que você esteja comprometida com Talorc.

— Então, arriscou sua vida ao contar-me a verdade. — Não me restava outra saída.

Cait saiu logo depois, quando uma criada veio avisá-la de que Drustan a estava chamando.

Os pensamentos de Emily fervilhavam. Imagens e palavras se juntavam numa massa tão incompreensível como a primeira cartilha de latim. Gostaria de contar com a ajuda da abadessa para decifrar a situação atual, assim como a superiora a ajudara a entender a linguagem da Igreja.

Ansiosa por ar fresco, saiu do quarto e começou a descer com cuidado a escada circular.

As primeiras imagens que lhe ocorreram foi as das histórias de lobisomens, monstros, contadas em inúmeras noites por Joan, governanta de seu pai, ao lado do

fogão. Ela enfeitava as narrativas com tantos detalhes que muitas vezes Emily sonhava com tudo. E quando era pequena, costumava desejar ser tão poderosa quanto as criaturas das fábulas para nunca mais ter medo.

Nem da água. Nem de seu pai. Nem da desaprovação de Sybil. Nem da morte de sua mãe. Nem de nada.

Porém nunca, nem nas piores fantasias, sonhara encontrar um lobisomem de verdade. Cait dissera ser uma mulher-lobo e que Lachlan era um lobisomem. Sentiu os pelos da nuca se eriçar.

Encontrara um prazer extraordinário nos beijos de Lachlan e desejava ser tocada por ele, mas se o que Cait dissera era verdade... Seu desejo era pelas carícias de um animal. Isso a tornava uma depravada? Mas ele não era um animal... não totalmente. Era alguém que podia assumir a forma de um animal. Não era a mesma coisa, era? Cait não agia como uma besta, mas sim como mulher, e ela tinha certeza de que sua amiga não era depravada, embora estivesse contente com o leito matrimonial. Certamente ela era parte animal também.

Mais um surto de confusão e finalmente chegara ao final da escadaria. Ficou feliz ao descobrir que a porta não estava trancada, mas teve de fazer muita força para abri-la.

Cait a abriu com facilidade. Seria pela força da mulher-lobo?

Perturbada pelo pensamento, ela anuiu para um grupo de soldados que subia a escada. Analisou-os tentando descobrir quem era e quem não era lobisomem. Não havia diferenças visíveis. Como Cait sabia que Ulf era humano? Os soldados a fitaram com olhar estranho, que a fez corar. Desviou o olhar, mas logo se viu observando-os novamente. Cait dissera que poucos podiam se transformar. Seriam todos humanos? Impossível saber.

Pela conversa de Lachlan, ele se via mais do que humano, mas sendo um lobisomem, aquilo fazia sentido.

Ele era naturalmente arrogante, e mesmo assim suas atitudes pareciam implicar que havia mais do que o mero conceito de um poderoso líder de um clã. Ele se referira ao animal dentro dele e seu senso de audição era muito apurado, assim como o olfato.

No caminho, ela parou e falou com algumas crianças que brincavam perto da cozinha. Tentou novamente, mas não viu diferenças entre elas. Todas se mostraram curiosas sobre a Inglaterra e se deliciaram ao escutá-la falando em gaélico.

— Na Inglaterra há monstros que comem as crianças más?— uma menina pequena perguntou.

— Alguns pais dizem isso para seus filhos, mas eu nunca vi nenhum— respondeu ela, sorrindo.

— Nossos lobos são maiores que os de outros lugares e os porcos selvagens podem matar um guerreiro com suas presas enormes — relatou um garoto.

Emily fingiu estremecer.

— Eu os evitarei sempre que possível.

As crianças riram e um dos meninos adiantou-se.

— Não se preocupe, dama inglesa, nossos guerreiros protegem o clã e ninguém pode derrotar um guerreiro Balmoral. Ninguém possui um *chrechte* para destruí-los.

— *Chrechte*?— Ela prendeu a respiração.

— Meu pai é um ótimo guerreiro e não é um *chrechte* — outro garoto afirmou.

Emily interveio para apaziguar os ânimos.

— Tenho certeza de que os pais de ambos são valentes e ferozes.

O garoto *chrechte* anuiu, mas ele em nada se diferenciava dos outros, a não ser pela arrogância.

Emily continuou perturbada e as crianças voltaram a brincar. A certeza deles de

que uma criatura não precisava ser vista para existir lembrou-a de muitas coisas análogas na vida. Nunca vira o rei pessoalmente, mas sabia que ele existia pelo relato de outros. Nunca vira Deus, mas não duvidava de sua existência. Fez rapidamente o sinal da cruz.

Sabia que o Criador e o rei eram reais, e que sua mãe a esperava no Paraíso. Cait lhe dissera que os lobisomens eram de carne e osso e ela podia acreditar ou duvidar até ter uma prova irrefutável. Uma evidência poderia ser o comportamento estranho dos habitantes das Terras Altas.

A confiança na amiga seria suficiente para convencê-la da verdade impossível?

Ainda cismada com o assunto, entrou na cozinha e ofereceu-se para ajudar. As

mulheres recusaram sem muita cortesia, mas também sem rudeza.

Independentemente das próprias dúvidas e sabendo o quanto Cait amava o irmão, teria de impedir que Lachlan fosse ao lago no dia seguinte.

Com esse pensamento em mente, ajudou algumas crianças a tirar água do poço e voltou para o castelo com a intenção de aprontar-se para a refeição da noite.

Sentada num dos bancos, Cait escovava os cabelos e esperava a volta de Drustan aos aposentos deles. Quando ele havia mandado chamá-la, imaginou que fariam amor novamente.

Porém ao chegar, encontrara a frieza implacável do marido e a governanta que a aguardava. Drustan informara a Cait que suas novas obrigações incluíam a administração do castelo, pois Lachlan não tinha esposa. Ele a apresentara à governanta e se retirara.

Marta lhe mostrara as dependências da torre ao porão. O castelo tinha o dobro do tamanho do castelo de Talorc, o que a deixou desesperada.

Uma caserna com mais de vinte soldados ficava sob os aposentos dela e de Drustan. A governanta, o marido e os dois filhos moravam em acomodações que davam para o salão nobre. Os aposentos de Lachlan ficavam no andar de cima e eram ligados a um solar que não era usado desde a morte da mãe dele.

Cait se imaginara ao lado de Emily no solar, rodeada de crianças. Tivera de piscar várias vezes, pois a visão que lhe parecera real demais. No entanto, não pôde deixar de pensar se Deus não havia trazido Emily para as Terras Altas, mas não para Talorc, e sim para Lachlan.

A idéia não lhe saía da cabeça e tinha se transformado em sonho quando se deitara para descansar, depois que voltara aos seus aposentos. Acordara havia pouco, intrigada com as quimeras que não a abandonavam.

Drustan ainda não tinha voltado. Talvez tivesse resolvido ocupar-se com as próprias tarefas depois do pouco entusiasmo que ela demonstrara em permanecer em sua companhia. Com os olhos lacrimejantes, tratou de pensar em outra coisa.

As preocupações lhe ocuparam a mente. Contara a um humano os segredos do clã sem pedir permissão ao lorde. Deveria confessar a Lachlan o que fizera? Se fosse Talorc, ela o faria, embora soubesse do quanto ele iria berrar. A verdade era que confiava no irmão e ainda não tivera tempo de sentir o mesmo em relação ao novo lorde.

Se contasse a Drustan, ele levaria o caso a seu superior. Deveria ao menos revelar ao marido sobre seu irmão?. A lealdade a seu novo clã ditava que deveria fazer isso, mas ela não podia. Se expusesse a presença de Talorc na ilha, os guerreiros do clã procurariam por ele e se o encontrassem em propriedade alheia o matariam.

Se dissesse a Drustan sobre as revelações que fizera a Emily, teria de mentir os motivos que a tinham levado a fazer isso.

Imersa nos pensamentos caóticos, só se deu conta da presença do marido quando ele parou à sua frente.

— Ah, você voltou. — Cait assustou-se ao percebê-lo de repente.

Drustan segurou-a pelos ombros e roçou os polegares nos ombros dela. Franziu as

sobrancelhas vermelho-escuras e fitou-a intensamente.

— Você está bem?

— Estou ótima. — Ela apavorou-se, imaginando ter seus pensamentos desvendados. — Por que eu não estaria?

— Você não me ouviu entrar.

— Como sabe?

Era óbvio que ele notara sua distração, mas não pudera ler seus pensamentos. Mesmo que eles formassem um casal verdadeiro, a leitura da mente se referia apenas aos pensamentos dirigidos à sua pessoa.

A questão era que não formavam um casal verdadeiro. Ela não passava de uma esposa tomada por vingança. Nada mais.

Só então notou um corte ensangüentado no peito dele, uma equimose no braço e manchas de terra pelo corpo. Ela se levantou e se afastou.

— O que aconteceu? Houve uma luta? — Cait sentiu um aperto na garganta pelo terror de imaginar que eles teriam encontrado Talorc.

Drustan mostrou-se aturdido sem entender a reação dela diante de ferimentos tão pequenos.

— Eu estava treinando com os soldados. Ela suspirou, aliviada.

— Limparei seus ferimentos com um pano molhado.

— Tenho somente um corte, mas se achar necessário, pode me lavar inteiro. — A entonação sensual de sua voz deixou-a perturbada. Felizmente a frieza anterior cedera.

Cait foi até a jarra com água fresca e derrubou o líquido na mesa ao despejá-lo na bacia.

— Se você quiser, ficarei feliz em ajudá-lo — disse ao umedecer uma toalha.

Drustan cruzou os braços na altura do peito e encostou-se na parede, aguardando-a aproximar-se. Primeiro ela limpou uma mancha no rosto dele. Ela reagiu instantaneamente à proximidade, mas continuou o que estava fazendo. Ao terminar de limpar a ferida do peito, passou a tirar as manchas do braço.

— Como foi sua visita à inglesa? — Cait surpreendeu-se com o interesse repentino.

— Eu precisava ver pessoalmente se ela estava bem. Acho que me preocupei à toa. Imagine que Lachlan a está ensinando a nadar.

— Seus receios foram infundados. Você deveria ter confiado em mim, seu marido.

— E o que isso importa? Pessoalmente eu nada significo para você. Estou aqui apenas pela vingança a um insulto.

Drustan segurou-a pelos ombros com força.

— Fui eu quem ficou com você e tenho tanto direito como Lachlan à vingança contra os Sinclair.

— O que o torna meu Captor e não meu marido. Não passo de um instrumento de vingança para os dois.

— Sou seu marido.

— É verdade, você é meu marido pelas leis da Igreja.

— Com a sua concordância a noite passada.

— Isso não quer dizer que tenha afeição por mim.

— Você quer que eu a ame?

— Que mulher não gostaria disso? Afinal, sou sua esposa. Ficaremos juntos por uma eternidade.

— Não importa por que nós nos casamos. Você é agora minha esposa e não uma mulher que esquenta minha cama quando a ocasião me convém. Levará no ventre meus filhos e será minha companheira na velhice.

— Quero confiar em você — Cait admitiu. Seria muito mais fácil se tivesse certeza de que os sentimentos e desejos importavam para Drustan, e que ele agiria de acordo com interesses mútuos. — Porém, tenho receio de que acabe matando meu irmão.

— Somente se ele declarar guerra ou tentar tomá-la de mim.

As duas circunstâncias eram prováveis.

— E quanto ao meu bebê? Drustan acariciou-lhe o ventre.

— O que tem ele?

— Talorc vai querer que o sobrinho seja um Sinclair.

— É errado separar a mãe de seu filho.

— Ele não se importará com isso. — Ela amava o irmão, mas Talorc era dogmático. — Não o deixarei levar o bebê.

— Eu não quero guerra. — A afirmativa a deixou aliviada, mas temerosa. — Esse é o modo de ser de nosso povo.

— E nós quase morremos por isso. Drustan, essa não é a maneira correta.

— Você gostaria que eu ignorasse um insulto? Preferiria que eu entregasse o bebê para seu irmão? Você só ficará contente quando os Balmoral forem espezinhados pelos Sinclair?

— Não!

*Então o que quer, droga?*

Cait ouviu as palavras embora Drustan não as houvesse pronunciado.

*Você está falando na minha mente?*, ela perguntou com os pensamentos direcionados para ele.

Ele arregalou os olhos e depois os estreitou.

*Não intencionalmente.*

— Formamos de fato um casal verdadeiro.

Cait sacudiu a cabeça, incapaz de acreditar. Aquilo não podia ser verdade apenas por terem trocado duas frases por telepatia, ou pela noite de amor que haviam compartilhado. De qualquer forma, o casamento deles era resultado do desejo de vingança. De repente ela sentiu frio e estremeceu. O quarto tornou-se escuro e a imagem de Drustan dançou diante de seus olhos.

Acordou na cama com Drustan inclinado sobre ela. Ele sorria, apesar da expressão preocupada.

— Não me lembro de ter ouvido falar de uma mulher-lobo desmaiando por saber que o marido era seu par sagrado.

O coração de Cait confrangeu-se diante do termo antigo.

— Mas isso é impossível.

— Só por que você é uma Sinclair e eu sou um Balmoral? Nós dois somos *chrechte*.

Cait sempre havia pensado que para ser um casal verdadeiro incluísse o amor. Estava confusa. Será que Drustan sentia mais do que desejo por ela? Ele dissera querer sua confiança. Seria essa uma postura machista ou a expressão de uma necessidade mais profunda? Ou o acasalamento verdadeiro seria tão básico e físico quanto entrar no cio?

— Querida, não importa por que nos casamos, mas quero que essa união seja forte. E acima de tudo, quero que você seja feliz. — Drustan sorriu. — Será que deseja o mesmo para mim?

Mesmo tendo sido coagida a casar-se com ele, parecia-lhe óbvio que se importasse com a felicidade de seu companheiro.

— Sim, eu quero.

— Então nós seremos felizes.

— Contudo não serei feliz se você matar meu irmão. Ela a fitou com olhar feroz.

— Não tente usar nossos laços para me manipular. Farei o que for preciso como guerreiro.

Cait tentou em vão soltar-se dos braços fortes que a prendiam.

— Você quer que eu seja feliz mesmo fazendo o que tiver de ser feito?

— Um guerreiro nem sempre pode se dar o luxo de fazer o que deseja, e sim o que for preciso.

— Se você conversasse com Talorc em vez de lutar, acabaria por descobrir que não há razão para uma guerra entre nossos clãs.

— Não creio que ele vá concordar.

— O bebê ainda não nasceu. Se Deus quiser, teremos chegado a um acordo que não me despedace o coração antes disso, mas essa não é a consequência imediata.

Drustan suspirou e deitou-se de costas.

— Lachlan jamais teria deixado Susannah caçar sozinha e minha irmã jamais mentiria.

— Então você afirma que estou mentindo? *Não estou* — ela gritou para a mente dele.

Drustan virou-se e puxou-a para perto dele.

— Não quero discutir isso agora.

Embora ansiasse por um beijo, Cait evitou os lábios do marido.

— Você não quer admitir que está errado, mas pare e pense. E se Susannah atravessasse a água pensando que seria sua única esperança de passar a lua cheia sem se acasalar? Depois ela acabou se unindo a Magnus e não queria fazê-lo pensar que fosse desleal ou desobediente, portanto ela...

— Mentiu? Minha irmã não é uma mulher fraca.



— Por favor, Drustan, considere essa possibilidade. Ele sacudiu a cabeça e beijou-a embora não tenha sido correspondido. Aquela era a tarefa mais difícil que ela já enfrentara, mas não poderia entregar-se a um homem que a imaginava ser uma mentirosa.

— O que isso importa?

— Você pensa que sou mentirosa.

— Eu não disse isso.

— Mas pensou. Ou Susannah mentiu ou eu.

— Conheço Susannah a vida inteira. Ela não mente.

— Você me conhece há dois dias e uma noite, mas eu também não minto. — Por que se sentia arrasada com a falta de confiança dele?

— Talvez Magnus tenha convencido minha irmã a contar essa história.

— Com que propósito? Ele não é tão tímido a ponto de não ter pedido a mão dela. Além do mais, existe a possibilidade de uma gravidez, e o casamento seria a única alternativa; não importando como eles se encontraram.

— Quer que eu denuncie minha irmã como mentirosa?

— Não. Eu quero que fale com ela e com Talorc. Por favor.

— E como propõe que eu faça isso?

— Você poderia ir até a propriedade Sinclair para uma negociação aberta.

— E levá-la junto, não é?

— Talorc me ouviria melhor, mas se você não acha que assim é melhor... — Cait lidara a vida toda com soldados irritadiços e sabia a hora de recuar.

— E se eu me recusar, não mais dividiremos a mesma cama?

— Não.

## Capítulo IV

Mais uma vez, Lachlan insistiu para Emily sentar-se a seu lado na refeição noturna. Com a ausência de Cait e Drustan, Ulf ficou do outro lado e monopolizou a atenção do chefe do clã, alijando Emily da conversa. Ela, então, concluiu que a antipatia era mútua.

Passou a refeição inteira observando os guerreiros no salão nobre. Sabendo que Angus era *chrechte*, procurou distinguir diferenças em seu comportamento.

— Por que está olhando para meu soldado, inglesa?

— Talvez ela prefira a companhia dele — Ulf resmungou.

Emily franziu a testa para aquele verdadeiro criador de casos.

— Isso é verdade? Prefere sentar-se à mesa dele? — Lachlan a fitou, sério.

— Você bem sabe a resposta.

— Sim, mas fiquei curioso apenas. Ulf fez um som depreciativo.

— Precisa sempre ser tão rude? — Emily desafiou o cunhado, que levantou-se no

mesmo instante.

— Por acaso espera que eu tolere também esse insulto?

— Se acha a verdade um insulto, talvez devesse mudar seu comportamento para não ser chamado a atenção por isso — ela disse antes de ele abrir a boca.

— Todas as inglesas têm a língua tão ferina? — Lachlan perguntou enquanto Ulf espumava seu desagrado.

Ela corou, envergonhada.

— Não. Minha madrasta teria odiado a minha sinceridade. — Quanto tempo levaria para ele a rotular como uma inconveniente desagradável à maneira de Sybil? Ela suspirou e encarou o olhar furioso de Ulf. — Sinto muito que minhas palavras o tenham ofendido.

Ulf não respondeu, mas voltou a sentar-se e a comer com gosto.

Aborrecida, Emily tentou mastigar e perscrutou o salão. Não ousou fitar Lachlan com receio de ver nele a mesma expressão de desgosto que marcava o rosto de Sybil com frequência, quando se dirigia a ela. Igualmente penoso seria ser ignorada.

— Em outras circunstâncias, eu poderia pensar que você está espionando meus homens com intenção de fazer um relatório para Sinclair — Lachlan disse.

— Sou uma prisioneira, não uma espiã.

— Certamente seria um grande desafio relatar suas descobertas para Talorc.

A imagem de Cait enfrentando o irmão a fez engasgar com o vinho que tentava tomar.

Lachlan estreitou os olhos para o homem que se prontificou a bater nas costas dela. Ao sentir-se melhor, ela inspirou fundo antes de agradecer ao soldado.

— Acho que você é inocente e tenho certeza de que não se deitou com seu "noivo". — Lachlan fitou-a com olhar especulativo. — Por isso não pode ser espiã dele.

— Precisamos discutir isso aqui?

— Você é muito franca para ser tão tímida.

— Posso não ser uma dama como minha madrasta gostaria que eu fosse, mas ainda tenho um pouco de decoro. E também não gosto de discutir assuntos pessoais diante de seus soldados.

— E qual sua preocupação com eles?

Evitaria ao máximo revelar que sua intenção era descobrir quais deles eram lobisomens.

— Tenho curiosidade a respeito do seu povo.

— Eu a vi passar muito tempo no pátio hoje.

Por ser uma inglesa cativa, não era de se espantar que fosse vigiada.

— Foi um prazer encontrar tantas pessoas do clã e saber que só Ulf me trata como

inimiga.

Ela já tinha se desculpado, no entanto mantinha a firme opinião de que era errado vingar-se raptando uma mulher inocente. Mesmo assim, ela e Ulf não eram destinados a ser amigos.

— Angus não se aborreceu comigo.

— Você o tem uma alta conta. — Ela deu de ombros.

— Ele tem sido bondoso.

— Então eu e Ulf não temos sido.

— Não pretendi dizer isso. Na verdade, foi muita bondade de sua parte querer me ensinar a nadar.

— Inglesa, não sou um homem bondoso.

Lachlan era contraditório. Primeiro se ofendera por não ser considerado tão bom quanto Angus, depois se aborrecia por ser chamado de bondoso.

— De qualquer forma sua generosidade me agradou.

— Não teve medo quando foi com Cait até o lago? Seria melhor não discutir aquela parte do dia.

— Não tenho receio de ficar perto da água, basta não ir até o fundo... antes desta manhã.

— Por que foram até lá? Não dei permissão para saírem do castelo.

— Você permitiu que visitássemos a propriedade, e esta se estende para além das muralhas. E Cait queria ver o lago.

— Não é seguro ir até lá sem nenhum guarda para acompanhá-las.

— Não era necessário. O lago fica próximo de muitas cabanas.

— Assim como não foi preciso um guarda para acompanhá-las para fora das muralhas do castelo Sinclair?

— Nós tínhamos um guarda, mas seus guerreiros o dominaram.

— Eu não teria sido dominado com tanta facilidade.

— Mas já que fomos raptadas, o que mais poderia acontecer conosco? — Emily usou de lógica.

— Cait está grávida e não teria defesa contra os animais selvagens.

— S-selvagens? — Ela pensou em Talorc.

— Porcos selvagens e... lobos.

— Ah! — Ele teria dado ênfase na palavra final?

— Não quero que vá ao lago sem mim.

— Está certo.

— Eu esperava uma discussão. — Lachlan surpreendeu-se.

— Talvez eu não seja tão complicada como você imagina.

— Ou talvez exista outra razão para essa aquiescência. Ela não queria dizer o que vira.

— Apareceu algum animal selvagem no lago hoje?

— Somente se você considerar um lorde como animal selvagem. — Emily não queria mentir e esperava que ele tomasse como pessoal a referência.

— Algumas vezes é exatamente o que um lorde é.

A frase a atingiu como um golpe, mas ela ficaria louca se tomasse sempre as palavras em duplo sentido.

Ulf tornou a falar com Lachlan e logo Emily pediu licença para retornar à torre. O dia fora exaustivo e ela pretendia dormir cedo, mas ficou alerta depois de escovar os cabelos e fazer as abluções noturnas. Era como se o ar estivesse impregnado de uma energia mágica e a impedisse de descansar.

Tornou a vestir-se, decidida a voltar ao salão. Esfriara e talvez houvesse uma

lareira acesa. Olhar as chamas sempre a deixava sonolenta. No mínimo descer e subir a longa escada espiralada a deixaria cansada.

Ao aproximar-se do seu destino ouviu Lachlan e Ulf conversando. E de tão compenetrados que se encontravam, não a viram entrar. Ela também não quis interrompê-los. Se esperasse nas sombras, eles acabariam por sair, e ela poderia sentar-se diante da lareira acesa.

— Não sei por que não aceitar que Sinclair fará alguma coisa em retaliação — Ulf disse com sarcasmo.

— Quem sabe não se convenceu que eu estava certo em querer uma compensação com a irmã dele — Lachlan respondeu sem se irritar.

— Tenho certeza de que ele planeja uma guerra.

— Nossos espiões não encontraram nenhuma evidência preocupante.

— Não se esqueça de como ele é esperto.

— Pois eu afirmo que se deve atacar antes de ser atacado.

Emily se apavorou e deu um passo adiante. Será que as mortes, que fatalmente se sucederiam nos dois clãs, não os abalavam?

Lachlan olhou por cima do ombro do irmão e ela teve receio de que ele a visse. Impossível, pois estava num canto escuro atrás de um dos arcos de pedra que suportava o teto.

— Escolhi uma forma diferente de retribuição que não a guerra — sentenciou o líder dos Balmoral.

— Isso não é suficiente. Deveríamos pegar Susannah de volta e matar o ferreiro.

Aturdida, ela tampou a boca para não gritar.

— Não sei por que essa sede de sangue, Ulf.

— Esqueceu-se de quem somos filhos? Lachlan mostrou-se exasperado.

— O que espera que eu faça? Sitiar o castelo?

— Liderar um ataque sobre as muralhas, efetuar a vingança e partir.

— Já rejeitei essa sugestão da primeira vez em que a ouvi.

— Apenas por que lorde Balmoral prefere evitar um derramamento de sangue? — Ulf foi ferino.

— Porque essa é uma forma estúpida de se vingar e gosto mais do meu plano — Lachlan disse com frieza como se a paciência estivesse esgotada.

— Como ousa me chamar de estúpido?

— Eu me referi ao plano e não a você, mas agora sou eu que pergunto, como ousa me desafiar?

Ulf apertou os dentes e não respondeu. A atmosfera tornou-se pesada.

Emily concordava com Lachlan. A sugestão de Ulf era estúpida, horrível e traria sofrimento para os dois clãs. E diante da alternativa, entendeu que pegar Cait tinha sido a solução para evitar uma carnificina.

As duas estavam bem entre os Balmoral. Cait já estava apaixonada pelo marido, e ela ficava nauseada em imaginar-se com Talorc da maneira como havia se portado com Lachlan.

Conforme a história que ouvira, Susannah encontrara a felicidade com Magnus e ficaria infeliz se ele fosse morto pelos líderes de seu antigo clã.

A decisão de Lachlan valorizava a vida e não a vilipendiava. Emily duvidou de que seu pai tivesse sido tão inteligente.

Os irmãos ficaram imóveis por alguns segundos e Emily prendeu a respiração, aguardando o desfecho.

Lachlan pôs as mãos nos quadris e olhou para o irmão.

— Mostre o pescoço ou pegue a espada.

— Esse é o procedimento para lobos, e eu sou humano.

— Você é *chrechte* e é meu irmão.

Ulf fez um movimento brusco, virou a cabeça de lado e expôs o pescoço.

Lachlan disse algo que Emily não entendeu. A resposta veio também com palavras incompreensíveis. Logo em seguida, o guerreiro virou-se e deixou o salão.

Emily soltou a respiração e começou a tremer.

— Venha cá, inglesa — Lachlan a chamou, olhando para onde ela se escondera.

Foi então que Emily entendeu o que Cait lhe dissera. Ulf não sabia onde ela se encontrava, ao contrário do irmão que a vira desde o começo. Porém o fato mais convincente de todos fora o pedido para que o pescoço fosse exposto. Não era uma tradição humana e, no entanto, o acalmara diante de uma fúria terrível.

O pai dela teria exigido que um soldado se ajoelhasse a seus pés e, mesmo assim, teria batido no pobre coitado por insubordinação.

Sem opção ela adiantou-se na claridade das velas que iluminavam o salão.

— Por que não me denunciou?

— Você desperta o pior dos sentimentos em meu irmão e a situação poderia ficar ainda mais tensa.

— Eu não pretendia irritá-lo.

— Eu não a culpo.

— Não? Mesmo sabendo que tenho uma língua ferina?

— Gosto de sua franqueza, mas Ulf não é tão tolerante. Ela mordiscou a ponta do lábio.

— Que dizer que posso usar de franqueza que você não ficará ofendido?

— Se me ofender, procurarei uma retribuição, mas não do mesmo gênero que as de Ulf.

Emily pensou em tirar a prova e Lachlan sorriu como se adivinhasse seus pensamentos.

— Bem, admito que errei... sobre a vingança. Você poderia ter feito muito pior do que pegar Cait e fazê-la se casar com seu comandante.

— Acha mesmo? -Emily sentiu-se atraída pela energia que emanava daquele corpo viril, e Lachlan se aproximou-se até eles quase se tocarem.

— Sim e também acho que se você quisesse ferir o orgulho de Talorc e fosse tão insensível como eu o acusei, poderia ter me usado e descartado.

— Somente um homem fraco empregaria o recurso de usar uma mulher.

Incapaz de se conter, Emily pôs a mão no peito dele, sobre o coração.

As narinas de Lachlan se alargaram, e Emily poderia jurar que seu perfume havia se alterado pelo desejo que a invadira pelo simples toque.

— Meu pai também não era fraco, mas quando perdeu minha mãe, foi como ficar sem uma parte de si mesmo. Por mais que se esforce em escondê-los, acredito que qualquer guerreiro tenha os mesmos sentimentos.

— Não negue que ele tenha sido um canalha com você.

— Ele nunca mais me fez sofrer depois do episódio do lago.

— Fisicamente talvez, mas ele feriu seu coração.

— Isso é tão evidente? — Emily murmurou.

— Ele a mandou para se casar com um lorde das Terras Altas desconhecido. A idéia era que você pagasse por um erro dele, sem a valorizar como um pai deveria fazer com a filha.

— Já lhe disse, eu pedi para ser mandada. — Por temer que eles enviassem sua irmã?

— Sim.

— Ele forçou a união.

— Sybil o fez.

— Mais uma vez, engana-se a meu respeito.

— Como assim? — Emily sorriu, começando a gostar da arrogância dele.

— Abigail não seria infeliz aqui.

— Tem razão. Com o tempo, tenho a impressão de que até Talorc teria gostado dela. Ela é a uma moça muito doce.

— Então vocês têm muito em comum.

Emily não soube o que responder e fitou os olhos escuros de Lachlan, principalmente aqueles intrigantes halos dourados. Ele passou a ponta do indicador sobre os lábios dela, deixando-a trêmula.

— Percebi que se tornou uma boa amiga de Cait.

— Gosto muito dela.

— E ela retribui essa afeição. Ela discutiu com o marido porque queria vê-la.

— Drustan achou que ela devia ter acreditado quando ele garantiu que eu estava bem? — Emily começava a entender esses guerreiros.

— Sim.

— Ele tem uma arrogância similar à sua.

— E Angus?

— O que tem ele? Não o imagino cruel, por exemplo, exceto se fosse forçado pelos superiores.

Lachlan demonstrou descontentamento com a explicação.

— Eu a vi demonstrar preferência pela companhia dele.

— Prefiro a sua acima de todas as outras. — Uma parte de Emily precisava confessar como ele se tornara importante.

— É bom saber disso, embora não devesse ser assim. Emily não perguntou a razão. Supunha do que se tratava e não queria pensar no futuro impossível para ambos.

— Posso parecer leviana, mas não sinto por nenhum outro homem o que experimento por você.

— E Talorc?

— Terei de pedir que não me mande de volta para casa, mesmo sabendo que nosso casamento não se realizará. Creio que ele não se importará.

Sendo um lobisomem, não seria de sua vontade se casar com Emily. Diferente de Lachlan, uma vez que a chama da paixão os unia incondicionalmente.

— Diz isso por que nos beijamos?

— Claro.

— Está preocupada que ele vá considerá-la maculada por outro homem?

— Não.

— Não quer que ele a acaricie da mesma maneira, não é?

O assunto, dito de maneira displicente, era constrangedor.

— Eu mal comecei a tocá-la, Emily. Há muitas maneiras de se ter prazer sem romper a virgindade e ter muito mais intimidade do que possa imaginar.

Ela não se ofendeu pela crueza das palavras, mas ficou envergonhada por não poder rivalizar com a honestidade dele no assunto.

— Fiquei despida a seu lado. — Poderia haver maior intimidade do que essa?

— Aprendendo a nadar. — De súbito, Lachlan a tomou nos braços. — E agora está na hora de eu ensinar-lhe algo mais.

Ele a carregou até uma cadeira ao lado da lareira e sentou-a em seu colo.

— Aqui? — Estranho não ter sido levada para um lugar mais privativo, embora o salão estivesse vazio.

— Se a levar de volta a seu quarto, eu a possuirei e danem-se as consequências — ele admitiu com voz gutural.

— E isso não seria admissível.

— É verdade...

Os motivos eram compreensíveis, mas aquilo a magoava terrivelmente. Lobisomem ou não, ela amava o lorde orgulhoso, forte, mas compassivo. Não importava se a emoção não fazia sentido, mas existia e fizera do coração dela sua morada definitiva. Triste era constatar que Lachlan só queria seu físico. Não mais relutaria em presentear-se a ele, sem impor qualquer condição. Ao menos ficaria com a lembrança.

Emily segurou o rosto dele nas mãos e o beijou com ternura.

Ele correspondeu, movendo os lábios com sensualidade. Mesmo sem se mexer, evocava nela o desejo.

Cega pela paixão, ela imitou os movimentos, inalando a fragrância de sua masculinidade. O amor recém-descoberto floresceu e consumiu o coração de ambos, deixando apenas uma dor que queimava de maneira deliciosa.

Ela tentou aprofundar o beijo, mas ele a puxou para trás com uma imprecisão.

— Temos de parar com isso.

— Por quê? — Ela não queria parar. Mal haviam começado.

— Pensei que pudesse tocá-la, dar-lhe prazer, mas sinto que será difícil me conter.

— Não entendo.

— A confrontação com meu irmão deixou uma emoção que eu preciso extinguir, mas se eu a queimar da maneira como desejo, quebrarei a promessa que fiz a você.

— Não me importo... — Emily admitiu, quase implorando. Tinha afastado o rosto, porém continuou sentada no colo dele. — Por que não quer se comprometer comigo?

— Não quero violar sua inocência.

— E se pedir que o faça?

— Se isso ocorrer, é porque eu a fiz sentir coisas a que não está acostumada, porque estamos na lua cheia, porque estou perto da minha... perto de você. Eu não deveria ter começado isso essa noite, mas a seu lado eu perco a cabeça.

— Então estamos os dois fora de controle?

— É o que parece.

— Sei o que estou fazendo ao me oferecer a você.

— Tenho minhas dúvidas. Há coisas acerca desta noite que você não conhece e ou entende.

— E por que isso importa tanto?

— Não quebrarei minha palavra. Não me aproveitarei de minha fera.

Lachlan não usava aquele termo como eufemismo para desejo, mas se referia literalmente ao lobo que havia dentro dele. O que Emily não entendia era a relação que havia entre o fato de ele ser lobisomem e a oferta que fizera.

Engolindo o gosto acre da rejeição, ela baixou o rosto, fingindo delinear a tatuagem do braço musculoso, quando na verdade, escondia as lágrimas. Tratava-se da marca *chrechte*, ou pelo menos, uma delas. A fera simplificada nas costas dele na certa era um lobo. No entanto, a que adornava o bíceps protuberante era diferente e nenhum dos outros guerreiros a possuía.



— Essa é a marca do chefe do clã? — indagou ela, querendo distrair-se dos pensamentos do amor.

— Sim — Lachlan respondeu seco, afastando a mão dela com gentileza.

A atitude a feriu como uma lança afiada. Ele não permitiu ser tocado nem daquela maneira inocente.

— É muito bonita... — As marcas azuis ficaram borradas diante do olha

umedecido.

— Se Deus quiser, meu filho terá a mesma marca algum dia.

— Seu filho?

— Terei de ter herdeiros um dia.

— E filhas?

— Elas também serão bem-vindas.

Estava evidente que ele sequer a cogitava como parceira, ou esposa. Mesmo se sucumbissem ao forte desejo, e porventura um filho fosse gerado, ainda haveria o risco de a criança ser humana e incapaz de se transformar.

— Por não se casou ainda?

— Minha voz mal havia engrossado quando passei a liderar o clã. Houve pressão para que me casasse, mas não era da minha vontade. Eu era muito selvagem e tive de aprender muito para me tornar um bom líder do clã. Agora é uma questão de tempo para eleger uma esposa. Minha posição me consome todas as horas do dia.

— E esta manhã quando me ensinava a nadar?

— Por sua causa esqueço meus deveres.

— Isso é bom ou ruim?

Lachlan fitou-a por um longo tempo. Os círculos dourados quase sobrepujaram as íris castanhas. Mais do que nunca os olhos dele assemelhavam-se aos de um lobo.

— Essa é uma coisa preciosa. — Ele a beijou levemente na boca.

Naquele instante, ela sonhou em ter alguma importância para ele, mesmo que não tivessem um futuro juntos.

— O que eu sinto por você é também de grande valor para mim.

De súbito, ele a ajudou a se levantar, fazendo o mesmo.

— Isso é apenas desejo.

— Para você, talvez. — Não me ame...

A prepotência de Lachlan era tamanha a ponto de supor comandar os sentimentos alheios.

— Eu o amarei se eu quiser. E será problema meu se meu coração acabar despedaçado por isso.

Depois do desabafo, Emily precisou conter a raiva ao lembrar-se da promessa feita para Cait e tentou um plano de sedução fadado ao insucesso.

— Você virá ao meu quarto amanhã, antes da aula de natação?

— Suponho que seja melhor arrumar outro professor. Tenho negligenciado meus deveres para passar algum tempo a seu lado.

Bem, o importante era mantê-lo longe do lago.

— Como queira. — Ela se virou rumo à porta.

Lachlan a alcançou e segurou-a pelo ombro nas sombras entre um arco e a parede. Eles ficaram em silêncio por alguns segundos.

— Precisa de alguma coisa? — ela perguntou, cínica. Ele a virou de frente para ele, com expressão inescrutável.

— Não escutei um pedido de permissão para se retirar.

— Não acredito nisso — desafiou Emily com as mãos fechadas em punho. — Não sou membro de seu clã e sim sua prisioneira. Não devo nenhum tipo de cortesia.

— Primeiro a ouvi falar de amor, depois que não sou merecedor de seu respeito. Pode esclarecer o que pretende?

— Eu disse apenas que o amaria se quisesse. Nesse campo você não pode ditar regras. Só uma mulher estúpida se apaixonaria por um homem que vê como desperdício de tempo cada momento passado em sua companhia.

— Eu não pretendia magoá-la.

— Não afirmei que tenha ficado sentida. Aliás, é muita pretensão sua afirmar isso.

— Pode ser... Talvez o fato de os seus lábios tremerem quando tenta não chorar ou mesmo quando se recusa a ouvir algumas verdades desagradáveis sejam apenas mera impressão.

— Suas constatações não são nada que eu já não soubesse. Não se preocupe. Se meus lábios tremem é provável que eu queira beijá-lo novamente. Aparentemente o desejo não tem limites, mesmo para uma mulher inteligente.

— Ou para um homem semelhante — ele murmurou. — Talvez eu deva beijá-la novamente.

— Será que vale a pena perder tempo?

Um beijo ardoroso selou a discussão. Ele forçou a língua por entre os lábios dela e assumiu controle do interior da boca como um invasor. As mãos dele estavam em toda parte, tocando-a nas intimidades mais improváveis através da roupa. Emily não protestou, ao contrário, exigiu mais, arqueando o corpo de encontro às carícias enlouquecedoras.

Ela foi erguida e encostada na parede de pedra, mas não sentiu frio. Sua pele queimava.

Lachlan pressionou-a com seu corpo grande e musculoso, roçando o membro endurecido em suas coxas. Ela estremeceu de prazer e retornou a pressão, procurando um alívio para a desconhecida agonia que a inundava.

Não demorou para que as saias fossem içadas. As mãos quentes de Lachlan acariciavam as coxas roliças, subindo até as nádegas. Foram as sensações arrebatadoras que a incentivaram a abraçá-lo com as pernas, da mesma forma como já havia feito. Ao sentir a força do desejo másculo, moveu os quadris, roçando o membro rígido sob a manta, sentindo flechadas de prazer a cada movimento. Ele se encostou mais, aumentando o deleite de Emily para além do que ela imaginava suportar.

Então, de repente, ele se afastou.

— O que houve?

— Não estamos mais sozinhos — ele sussurrou, desvencilhando-se das pernas de Emily e colocando-a no chão.

Emily ficou em pé, oscilando diante dele. Foram precisos alguns segundos para que as palavras dele começassem a fazer sentido.

Vozes de um grupo de soldados, reunindo-se perto da lareira, interromperam a intimidade dos dois. Pelos comentários, era óbvio que esperavam que Lachlan se reunisse a eles. Emily não conteve as lágrimas de frustração.

Em uma fração de segundos, ele disse algo incompreensível, abraçou-a e beijou-a novamente. Com a mesma pressa, insinuou a mão por baixo da saia e tocou-a no cerne da feminilidade. Ainda surpresa, Emily entregou-se à carícia, movendo os quadris no mesmo ritmo. A sensação era de que galgavam juntos rumo às estrelas. Não demorou para que ela visse o céu multicolorido, seguindo espasmos do corpo entregue ao maior dos prazeres possíveis. Só então ele interrompeu o beijo, deixando-a com as pernas fracas demais para se sustentar. Não foi preciso procurar apoio, uma vez que ele a levantou com a delicadeza com que se carrega um bem precioso, e dirigiu-se até a escada.

Quando chegaram à porta do quarto no alto da torre, Lachlan a soltou.

— Não quero que deixe o quarto esta noite.

— Pretende me trancar? — A voz de Emily soou indistinta, como se ela tivesse tomado vinho demais.

— Não, mas prometa que não sairá, por nenhum motivo.

— Você tem a minha palavra.

Ela virou-se, tropeçou para dentro do quarto e fechou a porta. Livrou-se da túnica e

da camisa e jogou-se debaixo das cobertas. A luz da lua cheia se insinuava pelas janelas altas e iluminava o quarto como se fosse dia.

Apesar de aturdida pela incrível experiência que tivera e do corpo relaxado, as dúvidas invadiram sua mente, a ponto de não a deixarem dormir.

Será que o instinto animal dificultava o controle sobre os sentimentos, tal como o de um desejo nascido com a lua cheia? Era de se supor que sim. Teria ele se transformado em lobisomem e empreendido caçadas ao luar, conforme Cait dissera? Ele teria se aventurado a ir ao lago?

Nesse caso, certamente Talorc teria sido esperto o suficiente para deixar a ilha. Imaginou se os lobisomens podiam perceber outro da sua espécie, distinguindo-o de uma fera comum. Uma coisa era certa; para ela, lobisomens em sua forma humana eram idênticos a qualquer outro homem.

Virando-se para o lado, Emily percebeu que seu corpo ainda palpitava com a lembrança do prazer. Que mágica ele havia feito para deixá-la daquele jeito?

Passado o feitiço, recordou-se da maneira como correspondera às investidas de Lachlan e sentiu o rosto corar de vergonha. Ainda mais porque tinha certeza de que seus gemidos tinham sido audíveis até para ouvidos humanos,

Teria de conversar com Cait para dirimir uma série de dúvidas. Claro que a amiga não elucidaria o fato de ela ter se entregado, sem reagir, àquelas carícias íntimas. Não

revelaria o que tinha acontecido, e muito menos o fato de desejar que ele não tivesse parado de maneira tão súbita. Por outro lado, não poderia afirmar que Lachlan encontrara o mesmo prazer, pois ele agira como se nada tivesse acontecido.

Os pensamentos se sucederam até que ela, cansada, fechou os olhos. E quando adormeceu, escutou o uivo solitário de um lobo, e algo lhe confienciava que se tratava de Lachlan sob a luz fria do luar.

Perto do lago, Lachlan podia ver a torre do castelo onde sua amada se encontrava. Balançou a cabeça, procurando tirar da memória o que terminara de acontecer. Sua parte humana negava ser Emily o par ideal, mas o lobo gritava por ela. Ansiava vê-la através dos olhos de lobo e não apenas sob a ótica humana. Queria cheirá-la, esfregar nela seus pelos e marcá-la com seu cheiro. Nunca sua força de vontade fora mais desafiada do que naquela noite. Deixar Emily do lado de fora do quarto consumira toda a sua força. Se tivesse entrado, teriam feito amor noite adentro. A necessidade de se transformar teria sido suplantada pelos prazeres do amor.

Contudo, não se permitira a concessão e saíra com a matilha para caçar. Aquele ritual noturno era tão antigo quanto os votos maritais e outros laços humanos.

Ao final, os outros haviam se dispersado. Algumas fêmeas haviam tentado atraí-lo, mas ele permaneceu impassível.

Agora estava ali, no alto da montanha, sozinho.

Pensou em Drustan. Ele deveria ter saído para caçar, mas com o intuito de levar comida para que a esposa cozinhasse. Não se incomodava de voltar mais cedo ao castelo, pois sabia que havia alguém que o receberia de braços abertos.

Que droga, por que esperara tanto para se acasalar?

Lachlan sabia que se estivesse casado, não se debateria entre o que desejava e o que era melhor para a matilha.

A imagem do corpo alvo e perfeito de Emily invadiu seus pensamentos. Ela seria uma fêmea perfeita se fosse uma mulher-lobo. Era corajosa, compassiva e extremamente leal. No entanto, não poderia arriscar o bem-estar da matilha com um casamento interracial.

Instintivamente ergueu a cabeça para a lua e uivou. Desolado, entendeu que teria de deixá-la partir. Entretanto não se furtaria de observá-la pelo menos uma vez, enquanto

estivesse na forma de lobo.

Passadas algumas horas, ele voltou ao castelo, mudando de forma antes de chegar à ponte levadiça. Ao chegar no alto da escadaria, empurrou a porta de supetão.

Emily estava deitada de lado, virada para a porta, com os cabelos soltos sobre a manta dos Balmoral. Certificando-se que ela dormia, Lachlan se transformou e fitou-a através da visão aguçada de lobo.

Sob as pálpebras fechadas, os longos cílios de Emily acariciavam a face rosada. O perfume dela era mais suave do que o de uma mulher-lobo, menos pungente, mas igualmente atrativo para os sentidos animais. Não se recordava de ter sentido uma fragrância tão agradável em nenhuma fêmea, humana ou não.

Um outro aroma, porém, o levou a aproximar-se mais da cama. Emily adormecera sob os efeitos eróticos da experiência que tivera, mas não havia sido plena para nenhum dos dois, embora ela não soubesse como poderia terminar. Mesmo depois do que haviam

tido, ela continuava inocente.

A fera rosnou pela necessidade de marcá-la como sendo sua. Não pôde resistir à necessidade de beijá-la com uma delicada lambida. Ela franziu o nariz e ele arreganhou os dentes num sorriso que logo se desfez. Sabia que as coisas seriam resolvidas com os Sinclair, e ela voltaria para a outra propriedade.

Se possível fosse, não a deixaria partir. Contudo, cada dia que passavam juntos, arriscava seus deveres. Se ela ficasse, seria inevitável que a possuísse, o que não seria justo para sua matilha. A necessidade de juntar os corpos em total unicidade e de plantar nela as sementes, mesmo que não crescessem, aumentava a cada momento.

Naquele instante, desejava arrancar a manta de cima daquele corpo frágil com os dentes. Ansiava cobrir o corpo dela com seu manto de pelos e aquecê-la, cheirá-la, e quando ela acordasse, mudaria de forma e a possuiria.

Depois confiaria todos os segredos a ela, e ensinaria os costumes dos *chrechte*. O desejo era tão forte que o fazia tremer nas quatro patas, esforçando-se ao máximo para não seguir seus impulsos.

Resolvido a ir embora, lambeu a mão delicada como despedida. Emily gemeu e pronunciou seu nome. Era óbvio que sonhava com ele. Era preciso sair de imediato ou ainda estaria ali quando ela acordasse pela manhã. Pulando para o chão, seguiu rumo à porta.

— Lachlan? Segurando a respiração, ele virou-se para encará-la.

Por mais incrível que pudesse parecer, ela não se mostrou receosa de encontrar um lobo gigante no quarto. Apenas piscou, talvez achando que pudesse ser um sonho.

Emily sentou-se e a manta veio até a cintura, revelando os mamilos róseos e a curva perfeita dos seios. Um desejo físico o acometeu a ponto de deixá-lo com a sensação de estar se afogando.

O olhar de admiração e alegria dela deixou-o estupefato.

— É você, não é? Não estou sonhando. Você é um lobo e está aqui.

Ele não se moveu e quase não respirava.

— Posso tocá-lo? Impossível. Lachlan achou que era ele que sonhava.

Lembrou-se de como sua mãe escondia-se do marido quando das transformações. Ela não o tocava nem falava, ignorando-o completamente. Assim, concluíra erroneamente que mulheres humanas não gostavam da forma animal de seus companheiros.

— Por favor...— Emily murmurou com a mão estendida. Lachlan emitiu um lamento abafado e aproximou-se, permitindo-a tocar em sua cabeça.

— Como você é lindo! — Ela acariciou os pelos do pescoço e das costas.— Essa pelagem é tão macia...

Um som grave, ressoante e incomum partiu do peito de Lachlan. Ele nunca sentira

aquele prazer que ia além do contato físico. Era uma felicidade profunda saber que em vez de assustar, conquistara aquela mulher.

Ah, mas teria de lembrar-se de que ela não era sua companheira.

O leve ribombar cessou, mas não a sensação de prazer. Foi então que ele passou a lambar entre os seios. A sensação era indescritível sob os sentidos aguçados de lobo. Na verdade, desejava mesmo pavimentar toda àquela pele macia, deixando ali a marca

eterna de seu desejo.

Emily prendeu a respiração e ficou imóvel. E ele escondeu a cabeça no colo macio para não ser tentado a degustá-la novamente. O doce perfume alcançou-o através da manta, atormentando-o, forçando-o a se transformar sem demora para ceder à tentação de possuí-la.

— É comum sentir-se assim? — Emily indagou com voz baixa e trêmula.

A última coisa que Lachlan desejava era explicar alguma coisa. Assim, encarou-a no fundo dos olhos, esperando que ela descrevesse o que a consumia.

— Não sei como me expressar, mas é uma sensação de magia. É como uma onda de calor em um dia frio; ou a sensação das águas borbulhantes de algumas fontes fazendo cócegas na boca. Ah, estou confundindo tudo, mas quando você me lambeu, senti algo mais do que sua língua em minha pele.

Mesmo sem entender do que ela falava, interessava-o somente o fato de suas atitudes não terem sido rejeitadas. Para expressar agradecimento, ele roçou a cabeça no corpo curvilíneo.

— Está correto que eu goste disso?

Lachlan ergueu a cabeça, anuiu e tornou a repetir o gesto, para ter certeza de que sua aprovação seria compreendida.

Dessa vez um gemido de prazer se fez ouvir, para martírio do lobo que reprimia vontades primitivas. Era preciso continuar a segurar-se, pois não era certo que Emily tolerasse mais do que lambidas rápidas e esparsas.

Se bem que imaginou que Cait havia contado a respeito dos segredos dos *chrechte*, pois apenas conhecendo os segredos de seu povo, uma humana reagiria daquela forma. Mesmo assim, para seu cérebro de lobo, aquela paixão não fazia sentido.

— Seria possível pedir para que se deitasse comigo e dividisse essa magia por essa noite?

Por favor...

Era difícil acreditar que seu desejo acabara de ser colocado em palavras. Tudo o que desejara era aconchegar-se no calor daquele corpo tão feminino, mesmo que só por uma noite.

— Você é surpreendente. Jamais experimentarei nada do que sinto agora a seu lado. Sei que meu tempo com seu clã é limitado e que provavelmente não o verei nessa forma outra vez. Por isso peço que fique comigo até eu adormecer, assim pela manhã acreditarei que foi um sonho e não almejarei o que nunca poderei ter.

Mesmo como homem, Lachlan não saberia como responder a tamanha doçura. Assim, limitou-se a um aceno de cabeça.

— Obrigada. — Ela sorriu, os olhos brilhantes de emoção.

Ela encostou-se na parede, deixando espaço suficiente para acomodar o lobo. Ele pulou na cama e deitou-se, descansando o focinho nas patas dianteiras.

Emily passou um braço sobre o pescoço peludo, conferindo-lhe um contentamento mais forte do que a insatisfação, que se transformava em lava, queimando todo o corpo da fera.

— Jamais esquecerei esse aroma único que você exala. Sinto-me como se tivesse sorvido o melhor dos vinhos, sentido o mais inebriante perfume... — O som das palavras

foi substituído por um ressonar tranquilo.

Encantado pelas palavras, hipnotizado pela beleza, Lachlan teria de enfrentar uma batalha para vencer a vontade de continuar ali deitado.

Logo os raios de sol invadiram o aposento, alertando-o que precisava partir o quanto antes.

Minutos mais tarde, no corredor, ele assumiu a forma humana e correu até seu quarto a toda velocidade para não ser visto. Na cama, com os olhos pregados no teto, sentiu-se solitário.

Cansado como estava, não adormeceu imediatamente. O perfume daquela mulher fascinante estava incutido em sua pele, servindo para mantê-lo naquele estado de excitação, impossível de ser esquecido. Quando finalmente adormeceu, sonhou com Emily grávida de um filho seu, nadando no lago sem nenhum temor.

Algumas horas mais tarde acordou com um aperto no coração. Precisou de todas as suas forças para resistir à vontade de vê-la. Tinha trabalho a fazer, relatórios para ouvir, verificar treinamento de soldados e precisava falar com Drustan. Antes do jantar da véspera uma das mulheres-lobo relatara ter visto um lobo cinzento perto do lago. Não foram precisos maiores detalhes para ele ter certeza de que era Talorc, ou de um de seus bem treinados guardas de elite.

Lachlan não sentira cheiro algum quando fora ao lago para a aula de natação. Ou o lobo não estava lá ou era muito bom em mascarar o próprio odor. Se fosse Talorc, o que estaria espionando? Pensaria em verificar o bem-estar de Cait ou pensava em levá-la de volta? Se fosse essa a intenção, ele teria aparecido quando ela e Emily passeavam nas redondezas. A menos que não confiasse em uma estranha para se apresentar.

Quando perguntara a Emily se vira um animal selvagem, ela respondera que somente se um lorde pudesse ser considerado como tal. No entanto, Talorc era um lorde e ela sabia sobre sua natureza.

Lachlan precisava falar com Drustan, e depois com Emily para desvendar o mistério.

Emily amassava pão, escutando o tagarelar das ajudantes de cozinha. Acordara cedo, sozinha na cama, mas com o cheiro de lobo colado na manta. Mesmo sem isso, ela jamais se convenceria de que tudo fora um sonho. Por mais irreal que fosse o ocorrido naquela noite, as lembranças permaneceriam em sua mente para sempre. Assim como sua família, Lachlan viveria em seu coração para a eternidade. Tudo seria menos complicado se houvesse sentido por Talorc a mesma atração.

Também não conseguia entender por que Lachlan viera até ela sob a forma de animal. Talvez os instintos lupinos o tivessem estimulado pelo que acontecera entre ambos antes de ela ir para o quarto. Mesmo nesse caso, tal atitude exibia um nível de confiança que ela não esperava do senhor dos Balmoral.

Ele viera procurá-la como um lobo, permitira que ela o acariciasse e a beijara como lobo. Depois se deitara e a esperara adormecer.

Sentir na pele as carícias daquela língua quente tinha sido uma experiência tão extraordinária como a explosão de prazer que ele lhe proporcionara antes. Não fora físico, pelo menos não inteiramente. Delicioso e, de certa forma, bizarro.

Como se parte dos dois tivessem se mesclado com a dela.

No entanto Lachlan não viera buscá-la para a aula de natação, como se a noite

anterior não importasse para ele.

— A massa do pão está pronta — uma das mulheres falou para Emily, tirando-a do breve devaneio.

Voltando a prestar atenção ao que fazia, notou que a massa branca parecia sovada o suficiente. Assim ela deu o formato do pão, deixou-o de lado e pegou outra bola

de farinha para sovar.

Ao recomeçar o movimento, as lembranças voltaram. Não era fácil entender alguém como Lachlan. Primeiro afirmara que ela nada significava em sua vida, depois a tocara como um amante. Após levá-la em uma viagem alucinante pelas estrelas, carregara-a para cima com carinho. O mais surpreendente, porém, fora o fato de ele ter voltado como lobo.

Emily sovou a massa com uma força desnecessária,

— Eu disse a Marta para não lhe destinar tarefas domésticas. — Lachlan chegara à porta e a olhava com desagrado. O corpo portentoso do guerreiro fazia a cozinha parecer menor.

— Foi Cait que me pediu ajuda.

Ele a questionou sem palavras, apenas levantando uma das sobrancelhas.

— Uma mulher grávida precisa descansar e ela bocejava muito. Na certa não dormiu o suficiente a noite passada, por isso me ofereci para cumprir suas tarefas.

Antes de Cait se recolher, ela a havia inquirido sobre o ritual da caça na lua cheia. No entanto, não soube de muita coisa, pois a amiga havia ficado em casa esperando pelo marido. Emily não contou da experiência que tivera na noite anterior. O assunto era íntimo demais para ser revelado até a quem considerava como irmã.

—É uma sorte Cait ter alguém que se preocupe tanto com seu bem-estar.

— Eu também me sinto abençoada pela amizade dela. As outras mulheres olhavam para eles, intrigadas. Lachlan as fitou, antes de prosseguir com a conversa.

— Precisamos conversar.

— Estou quase terminando. — Emily sovou mais um pouco a massa do pão, escondendo o quanto estava abalada pela presença dele.

— Isso pode esperar.

— Não pode.

Duas mulheres sufocaram um grito e outra fitou-a com olhos arregalados. Fingindo nada perceber, ela continuou o que fazia.

— Ousa recusar meu pedido? — Lachlan perguntou com dureza.

— Você disse que gostava da minha franqueza.

— Mas não afirmei que a desobediência me agradasse.

— Eu não lhe desobedeci, apenas disse a verdade. Quer sobrecarregar as outras mulheres só por não ter paciência de esperar mais um minuto?

— Sempre me esqueço da sua teimosia. — O sorriso enigmático levou-a a suspeitar de que talvez Cait tivesse contado a Drustran sobre o fato de terem visto Talorc. — Está me escondendo alguma coisa?



— Pode ser, mas antes de mais nada, quero saber dos seus segredos.

— E eu terei o mesmo privilégio?

— Você já sabe o maior deles.

Emily engoliu em seco. Ficava então comprovado que a noite anterior fora um sonho. Talvez ele até explicasse por que a havia procurado. O dia tornou-se subitamente mais brilhante.

— Pronto, terminei. A espera não foi ruim, não é? Lachlan não respondeu e virou-se para sair. Ela o seguiu em silêncio. Depois de atravessarem o salão nobre, subiram uma escada de madeira, passaram pelo solário e entraram num aposento imenso, onde havia uma cama grande coberta com peles e uma manta.

— Por que estamos aqui? — Emily procurou esconder a apreensão.

— Privacidade.

— Lobisomens podem escutar o que humanos não podem.

— Sim e estou imaginando como é que .sabe disso. A confiança de Cait não

poderia ser traída.

— Na verdade, esse conhecimento só pode ter vindo de duas formas. Por intermédio de Talorc ou de Cait. E eu suponho que não foi Talorc esteja fora de cogitação...

— Nós somos como irmãs — Emily sussurrou, rezando para que a amiga não fosse punida. — Isso não dá a ela razão para colocar em suas mãos não só a vida dela, mas também a da matilha.

— Não pretendo trair nenhum dos dois.

— Eu sei, mas me surpreende que ela o tenha feito. Eu não teria contado a outro guerreiro, mesmo que fosse meu amigo.

— Mas diria a seu irmão.

— Sim.

— Então...

— Vejo que milady e Cait têm muita sorte nessa amizade.

— Tem razão. — Emily umedeceu os lábios. — Achei que você fosse dizer que não veio a meu quarto ontem à noite.

— E eu achei que pretendesse dizer a si mesma que se tratava de um sonho.

— Não adiantou. Você deixou seu odor no ar, além de não ter me abandonado em meus sonhos. — Não havia razão alguma para se arrepender da confissão. Seus sentimentos seriam mesquinhos se ela se envergonhasse de admitir a existência deles.

Lachlan suspirou e foi incapaz de decifrar as emoções de seu olhar.

— Não posso mantê-la a meu lado, Emily.

— Por que sou humana, não é?

— Tenho um dever para com meu clã e minha matilha.

— Seu pai casou-se com uma humana.

— E teve um filho humano.

— Ulf.

— Sim. E nós conhecemos nossas raças.

— Eu não saberia dizer a diferença.

— Por que não é uma das nossas.

— Não sou. — Emily franziu o nariz, consternada.

— Que coisa! Não quero magoá-la, mas as coisas têm de ser dessa forma.

Qual seria a razão de tamanha ira, se não o havia cobrado de nada?

— Eu sei, mas isso não diminui meu desejo.

— Eu também a quero, mas não posso tê-la. — O rosto de Lachlan assumiu uma expressão de intensidade assustadora.

— Por quê? Soube que você não segue as mesmas leis de outros clãs. Se me possuir, não nos casaremos como os Sinclair, por exemplo.

— Nem Talorc se casará com você.

— E quer que ele o faça? — Ela temeu pela afirmativa audaciosa.

— Não! — Lachlan grunhiu e o som não parecia humano.

Emily estremeceu, mas não por causa da reação feroz.

— Eu já lhe disse que não posso entregar-me a Talorc. Além do mais, ele não me quer.

Por sua vez, Talorc provavelmente pensava que a relação entre eles tivesse acontecido, pois a vira nua com ele.

— Sei que é virgem.

Seria aquela uma insinuação que inexperiência não lhe proporcionaria prazer?

— E você não é.

Uma sonora gargalhada ecoou no quarto.

— Não, não sou. Para ter controle sobre a metamorfose, é preciso ter praticado o acasalamento. Como já sabe, permitimos o acasalamento sem compromisso, se for do interesse da matilha.

— Então por que não faz amor comigo?

— Você não é uma mulher-lobo.

— Está me dizendo que os lobisomens Balmoral nunca fazem sexo com humanas sem o beneplácito do casamento?

— Não, mas há o risco de se formar um vínculo verdadeiro.

— Suponho que não seja esse o seu objetivo.

— Não. — A seriedade dele foi assustadora.

A dor provocada por aquela negativa foi a mesma de quando o pai a acusara de provocar a morte da mãe. Ela não era mulher-lobo e não tinha valor para Lachlan.

— Nossos filhos poderão todos ser humanos. Toda vez que um *chrechte* e um humano se unem, há o risco de não passar adiante a descendência lupina.

— E isso é tão importante? — Emily sabia que era. Mais uma vez fora rejeitada, assim como havia sido pelo pai, por Sybil e pelas irmãs, exceto Abigail, a única que a amava de verdade.

— Como pode duvidar disso? — Lachlan se enfezou. — Nós fazemos parte de uma raça especial e seria errado não se preocupar com a preservação da nossa espécie.

Emily controlou a vontade de chorar, que de nada adiantaria. Não ouvia nada surpreendente, apenas doloroso. E esse sofrimento não a deixaria por muito tempo, talvez para sempre.

Entretanto estava decidida a não desistir. Um pouco de alegria era melhor do que nada.

— Você me disse que poderia mostrar-me o prazer sem macular minha inocência.

— É verdade.

— Quero que me mostre como poderei proporcionar o mesmo tipo de prazer que me proporcionou a noite passada.

— Emily...

— O que foi? — Ela o encarou sabendo que não encontraria amor, nem mesmo uma aceitação incondicional

— Nem mesmo isso o agrada?

— Claro que sim. Fiquei surpreso, apenas.

Pelo menos havia um brilho de paixão no fundo daqueles olhos misteriosos. Era o que bastaria para que ela seguisse com a intenção de deitar-se com ele.

Contrariando tudo o que sempre acreditara, planejava fingir, por apenas um momento, que a paixão dele era amor. Lachlan jamais descobriria, mas era de vital importância sentir-se amada pelo menos uma vez na vida. Passaria o resto de seus dias apegada àquelas memórias, assim como prendia-se às lembranças do carinho do pai antes da morte de sua mãe.

Cada toque seria motivado pelo amor e por um desejo similar ao dela, os sons seriam o de aceitação, prazer e êxtase. Em vão esperou ser beijada. Limitando-se a sorrir, ele passou os dedos por entre os cabelos dela em uma carícia terna.

— Seus cabelos são bonitos e sedosos. Ontem à noite, desejei enterrar meu focinho bem aqui para melhor sentir seu perfume.

— Se quiser repetir...

— Isso não a incomodará?

Emily balançou a cabeça e olhou, fascinada, enquanto ele tirava a manta, revelando-se dono de uma sensualidade de tirar o fôlego. Estufando o peito, exibiu-se em uma nudez gloriosa.

— Gosta do que vê? Emily anuiu, muda.

— Ainda assim deseja que eu me transforme?

Uma vulnerabilidade inexplicável à rejeição brilhou naqueles olhos de contornos dourados.

— Claro que sim.

Atendendo ao pedido de imediato, a fera apareceu diante dela.

Nem em imaginação, Emily vira algo tão assombroso. Seria uma tragédia não passar essa habilidade para os filhos. Lembrou-se da primeira vez em que vira uma lagarta transformar-se em borboleta, mas aquela metamorfose era ainda mais extraordinária.

Sentiu-se privilegiada de haver presenciado o milagre secreto, feliz como se tivesse ganhado um presente de valor inestimável.

Como homem, Lachlan era tudo o que uma mulher poderia desejar. Como lobo, completava as fantasias mais íntimas. A altivez estava presente tanto em um como no outro.

A pelagem brilhante era negra e cumprida, avantajando ainda mais o tamanho do animal. Nas quatro patas, era quase da altura dela. Os olhos, acentuados pelos contornos dourados, eram mais atilados. A inteligência humana brilhava naquele olhar.

Insegura quanto ao que fazer, ela ajoelhou-se e estendeu a mão. Ele se aproximou, emitindo o mesmo ruído estranho da noite anterior. Parou a centímetros de Emily e baixou a cabeça, enquanto enviava mensagens secretas para a mente dela. A alegria tímida expulsou a dor ali existente. Uma lambida no rosto capturou uma lágrima furtiva.

A mesma sensação gratificante da noite anterior tremeluziu entre os dois, e ela a rotulou de amor, empurrando mais um pouco de sofrimento para o recesso do coração.

Acariciou o focinho e o alto da cabeça dele. Imóvel, Lachlan esperou que ela entremeasse os dedos nos pelos de seu pescoço.

— As carícias o agradam. — Lachlan anuiu e sentou-se nas patas traseiras. — Eu também gosto de receber suas carícias.

Quando o lobo mostrou os dentes, não foi uma ameaça e sim um sorriso. Lachlan escondeu o focinho nos cabelos dela e inalou a fragrância. O ressonar no peito do animal tornou-se mais intenso. Emily continuou a acariciá-lo, agora nas costas, explorando os músculos rijos. A troca de afagos alongou-se por minutos sem fim. Até que ele se transformou novamente. E, ajoelhado, abraçou-a, cobrindo-lhe o rosto e o pescoço de beijos.

— Obrigado por aceitar a fera que habita em mim

— E como não aceitar essa sua parte maravilhosa?

Lachlan beijou-a de novo, dessa vez com mais insistência, deslizando para o pescoço, seguindo a linha do maxilar até morder-lhe o lóbulo da orelha.

— Pois eu a acho mais exuberante.

— Mas não especial o suficiente para gerar seus filhos. Os dois ficaram imóveis. No mesmo instante ela se arrependeu do que tinha dito. A triste realidade ameaçava rasgar o tecido fino da fantasia com que Emily imaginara se vestir. Se pudesse retroceder no tempo, jamais teria abdicado daquele gosto de alegria e prazer por menor que fosse. Se pudesse não encararia uma verdade que não poderia ser mudada... e que ela conhecia havia muito tempo.

— Por favor, esqueça o que eu disse.

— Sinto muito.

— Está bem. Beije-me novamente. Quero sentir seus lábios nos meus. — Emily queria voltar para o sonho de permanecerem juntos para sempre.

— Com o maior prazer.

O beijo de Lachlan passou de suave a voraz em segundos.

Mesmo que não a amasse, ele a desejava tanto quanto ela ansiava por ele. Encantada, Emily alimentou o coração com a trama que jogava consigo mesma até que a dor foi quase completamente eclipsada pelo prazer.

Ele se afastou, respirando com dificuldade.

— Eu a quero nua.

Emily não perdeu tempo. Tirou a túnica e depois a camisa, expondo sua nudez ao olhar abrasador daquele homem.

Em um movimento rápido que ainda a surpreendia, Lachlan aproximou-se e enquanto a beijava, empurrava-a para a cama. Deitou-a sobre as peles e Emily gemeu de prazer pela suavidade daquela superfície.

Ele sorriu com malícia e recomeçou a beijá-la.

Lachlan esfregou-se nela, aumentando o ardor até deixá-la em brasa, mesmo sem a tocar, como fizera nas ocasiões anteriores.

Emily gemia sem controle e se contorcia por baixo do corpo musculoso. Lachlan beijou-a no rosto, parou no pescoço. Encantou-se com a pele elevada pela veia que pulsava descompassada, delineou-a até o colo, terminando no vão entre os seios.

— Eu a estou marcando — disse ele com voz gutural. — Quando os outros virem esta marca, saberão que você me pertence.

Envolvida no jogo de faz de conta, a dúvida se ouvira aquela declaração ecoou em sua mente. Porém, logo se esqueceu. Não importava. Ele a marcara e esfregava-se nela de uma maneira estranha e excitante.

Quanto mais ela gemia, mais Lachlan se empenhava nas carícias alucinantes. Com delicadeza, massageou os seios, beliscou os mamilos e rodeou-os entre o polegar e o indicador, com um vagar torturante. Lágrimas de alegria deslizaram por baixo das pálpebras fechadas.

Ele então seguiu viajando pela extensão da pele macia, deliciando-se com a perfeita geografia. Quando alcançou o umbigo, Emily afastou as pernas, ergueu os quadris, mas não encontrou o alívio que procurava. Queria ser tocada da mesma forma como havia sido na véspera. E, insensata pelo prazer, pediu o que desejava com voz rouca.

Lachlan ergueu a cabeça e brindou-a com o mais lindo dos sorrisos, que a fez se derreter antecipando os prazeres seguintes. Ele deslizou a mão para baixo até parar com o dedo acima do local que ela desejava.

— Minha doce companheira, eu a tocarei de maneira diferente da noite passada.

Dito isso, ele a percorreu com uma trilha de beijos em sentido descendente até ficar com o rosto entre as coxas bem torneadas. Sem nenhuma vergonha, ela exprimia seus desejos com gemidos.

Ao sentir a boca quente no epicentro de todos os prazeres, Emily perdeu a noção de quem era ou do que ele fazia naquele momento. As sensações se sucederam e ficaram mais tensas enquanto ele se esmerava com lábios, dentes e língua. Ela estremecia, curvando-se em espasmos do mais pleno delírio.

A experiência foi maravilhosa, surpreendente e intensa. Uma loucura indescritível subiu em espiral até o pico da perfeição. Foi então que ela perdeu o fio que a conectava à nova realidade de ser amante de um guerreiro *chrechte*.

Quando as ondas de prazer retrocederam e Emily recuperou a consciência, Lachlan a cobriu com seu peso, exibindo um sorriso de felicidade.

— Descanse agora. Depois eu lhe mostrarei como me dar prazer.

— Não quero dormir. Quero agradá-lo agora. — Para que sua fantasia fosse

completa, ela precisava enlouquecê-lo.

— Não o quero controlado.

— Se não parar de me provocar, acabarei por possuí-la. Nunca nenhuma mulher me deixou tão fora de meu auto-controle.

— Não pretendo fazer nenhum truque para forçá-lo a assumir qualquer coisa. Minha intenção é agradá-lo. Por favor, acredite em mim.

— Eu sei. — Ele suspirou, vencido.

— Se sua vontade é esperar, é o que faremos. Lachlan fechou os olhos, a fisionomia mostrando a ânsia com a qual se debatia.

— Ponha sua mão em mim.

— Tem certeza?

— Sim, quero que sinta meu desejo por você.

Emily estava determinada a tornar verdadeiras aquelas palavras. Deixou-se à mercê de seus instintos de fêmea, empurrando-o para trás.

Surpreso, ele a encarou ao sentir a língua ardente circundar-lhe os mamilos. Gemeu quando a mão delicada circundou seu membro enrijecido com uma habilidade inusitada, acariciando-o da ponta até a base.

Lentamente ela beijou a trilha de pelos escuros que dividia o corpo musculoso, deixando que os cabelos longos atuassem como coadjuvantes naquele contato glorioso. Aos poucos, substituiu a mão pelos lábios, permitindo-o invadi-la na boca macia e quente. Depois iniciou evoluções com a língua, levando-o a loucura.

Enquanto o acarinhava, estudava a mudança nas feições dele, contemplando-o e deixando-se contagiar pelo prazer proporcionado. Empenhou-se ainda mais em fazê-lo deslizar, entrando e saindo de sua boca, causando arrepios em ambos.

Quando percebeu que o corpo de Lachlan se contraía em espasmos seguidos, entendeu que havia chegado a hora de empenhar-se ainda mais. Assim, abocanhando-o inteiro até que ele explodiu com um grito de alívio.

— Ah, minha doce companheira...

Por fim, com extremada delicadeza ele a empurrou e largou-se na cama de olhos fechados, o rosto tranquilo e o corpo relaxado.

Sorriu quando a viu adormecer com a pequena mão sobre o coração dele. Agradeceu silenciosamente a paz que experimentava naquele momento.

Com cuidado para não acordá-la, afastou os fios de cabelos sedosos do rosto de traços finos. Emily era adorável e perfeita exceto num ponto. Ela não era *chrechte*. Mesmo esbanjava coragem tal como uma mulher-lobo e aceitava completamente sua

metamorfose. Aquela havia sido a primeira vez em que se transformara diante de uma humana, e não se sentira nem um pouco inibido.

O ajuste deles era tão perfeito que ele a chamara de companheira no calor do momento. Ela pareceu não notar ou talvez não soubesse o significado de tal reivindicação.

Se estivesse lidando com uma mulher-lobo, poderia esperar casamento. Por direito, como ele a chamara de companheira, deveria solicitar o enlace.

Qual dever ditaria sua honra com mais empenho? Casar-se com uma *chrechte* ou cumprir a promessa que fizera? O fato de ela não saber tratar-se de uma declaração de intenções não diminuía seu senso de obrigação. *Ele* sabia o significado das palavras que dissera.

Emily não usara o corpo como armadilha. Ele mesmo a incentivou com uma necessidade que fora incapaz de suprimir.

Ali, no silêncio do quarto, perguntou-se se não estivera simplesmente fugindo do destino.

Afinal já passara da idade de se casar e Emily era a primeira mulher que ele considerava como companheira para a vida toda. A verdade era que apesar de admirar várias mulheres-lobo de seu clã, nenhuma lhe falava como uma verdadeira companheira.

Ele chegara a considerar Susannah, mas jamais sentira por ela uma paixão que o consumisse, como aquela que acabara de vivenciar. Soubera que Susannah estava no cio na última lua cheia e imaginara que acabariam acasalados. Sua natureza lupina haveria de fazê-lo lutar por ela e nenhum outro lobo o enfrentaria.

No entanto, ficara aliviado ao saber que ela se acasalara com outro. Por isso a sugestão de vingança de Ulf lhe parecera tão repugnante. Ele não poderia declarar guerra, invocando uma situação da qual se beneficiara, mesmo sem admitir o fato para a matilha ou para si mesmo.

Lachlan poderia procurar por uma esposa em outro clã, mas a idéia não o entusiasmara. Àquela altura, ele não poderia imaginar uma mulher tão perfeita como a que estava dormindo em seus braços, mesmo sendo humana.

E ela o amava.

Emily acordou com a sensação de que sua nudez era acariciada pelo sol e abriu os olhos para encontrar Lachlan observando-a, atento como um animal que a guardava.

Um sorriso amplo se desenhou no rosto dela. Espreguiçou-se languidamente, feliz por saber-se desejada. Havia sonhado que estava na água, mas sem terror. Lachlan havia terminado as aulas de natação e se lembrava do prazer das carícias que ainda pulsavam em seu corpo.

Nas fantasias era fácil supor que o toque dele e sua afeição haviam nascido de sentimentos mais profundos do que o desejo. Ela não tinha remorso de ter permitido tantas liberdades, nem de ter feito o que fizera com tanto ardor. Se isso a tornava mais libertina, paciência. Pelo menos estava feliz por aquele breve momento de sua vida.

Já saudosos um do outro, passaram a se acariciar languidamente, aprendendo os segredos dos corpos um do outro, enquanto a tensão entre eles era retomada. Ele a percorria sem restrições, dando a ela liberdade para agir de maneira semelhante.

Excitada, Emily o fez deitar de bruços, para explorar suas costas. Com uma das

mãos, afastou os longos cabelos dele para o lado, e com a outra roçou-lhe a nuca. Sorriu ao ver a pele levantar-se em arrepios. Mordiscou o lábio inferior imaginando o que poderia fazer para aumentar a sensação.

Lachlan a assustou ao virar-se de repente, invertendo as posições, assumindo o poder.

— Você me ofereceu sua inocência...

Emily gemeu e as palavras dele levaram alguns segundos para atravessar a névoa de paixão que a rodeava. De súbito, a doce fantasia que ela criara despedaçou-se. O ar sumiu de seus pulmões. Lembrou-se que não era amada e sentou-se, encolhendo as pernas e abraçando-as em posição de defesa.

— Está se negando para mim?

— Acho que não é isso que quer realmente.

Com lágrimas nos olhos, ela pegou a camisa do chão. Começava a se vestir quando a peça foi arrancada de sua mão.

— O que houve? — questionou ele, segurando-a pelos ombros.

Emily soluçou com pesar pela felicidade que acabara, de perder.

— Prometi que não o pegaria com a armadilha de seu próprio desejo. Por isso preciso ir embora.

Se não saísse dali, acabaria cedendo e uma vez o desejo satisfeito, jamais seria perdoada.

Lachlan segurou-a pelos braços com gentileza e aninhou-a em seus braços.

— Minha doce Emily, sua convicção em manter a promessa é louvável, mas eu não exigirei mais sua palavra empenhada. Prefiro que mantenha a promessa de entregar-se a mim.

— Sei que não acredita nisso. Por favor, deixe-me ir embora.

Ele sacudiu a cabeça com expressão implacável.

— Eu a desejo, Emily. Não quero nenhuma outra, seja humana ou mulher-lobo.

— Isso mudará depois de eu ir embora.

— Eu preferia matar Talorc a deixá-la voltar.

— Não diga isso. Lembre-se de que ele é irmão de Cait.

— Mas não é seu companheiro.

— Não. Eu já lhe disse que não me casarei com ele.

— Não importa. Com casamento ou sem, você não pertence mais aos Sinclair. Agora você será uma Balmoral para sempre. — Lachlan rasgou a túnica que ela vestia, provando que estava fora de si. — De hoje em diante você vestirá a manta do meu clã.

— Não podemos nos casar!

Antes de ele responder, ouviram uma batida insistente contra a madeira. Lachlan franziu o cenho e abriu a porta sem mesmo se vestir. Ulf arregalou os olhos, surpreso, e fitou Emily com ódio.

— O que é?



— Não falo nada na frente dela.

Lachlan suspirou com impaciência e foi para o solário, fechando a porta. Voltou um pouco depois com expressão severa.

— Ainda não terminamos o assunto. Você me ofereceu seu corpo e eu o terei junto com o restante.

Ele estaria falando em amor? Não, impossível!

Apressado, ele vestiu-se e sumiu como que por encanto.

Na certa haviam localizado Talorc.

Marta apareceu no quarto quando Emily terminara de se vestir. Ela trazia uma manta dos Balmoral, e ensinou-a como vesti-la, com expressão preocupada.

— O que houve? — Emily quis saber.

— Um jovem soldado foi encontrado morto perto do lago. Parece que foi atacado por um animal selvagem.

Ou por Talorc. Temendo por Cait, ela agradeceu a Marta, segurou a saia e correu para o salão nobre. Parou a uma certa distância de um grupo de soldados. Ouviu a voz de Lachlan, mas não o viu. Ele pedia detalhes a Ulf, que aparentemente havia encontrado o corpo.

— Já lhe disse que estava morto quando o encontrei. Mas se acha que um animal selvagem possa ter feito isso a um soldado Balmoral...

— Não há cheiro de animal nele — Lachlan afirmou.

— Talorc — acusou Drustan, furioso.

— Não. — Era a voz atormentada de Cait.

Emily adiantou-se e a encontrou ao lado do marido, que a fitava com raiva.

— Talorc, assim como eu, não mataria um garoto recém-saído da infância.

— Você não faria isso? — Drustan perguntou.

— O que está pretendendo dizer? — Cait já estava sem voz.

— Se tivesse me dito a verdade, esse menino não estaria morto.

— Isso é o que acontece quando se tenta fazer do inimigo um membro do clã — Ulf afirmou, desgostoso e fitou Lachlan com olhar acusador. — Seu plano de reparação trouxe apenas pesar e perda para nosso clã. Ela... — ele apontou Cait — ...vale a vida do menino?

Emily não acreditava que estivessem culpando Cait. Mesmo se Talorc tivesse feito aquela coisa pavorosa, a culpa não era de sua irmã. Ainda assim não acreditava também na culpa do chefe do clã dos Sinclair.

— Escute — suplicou Cait.

— Agora é tarde — Drustan replicou, irado.

— Você está cometendo um terrível engano.

— O único engano que cometi foi acreditar que nosso casamento significava algo para você.

— Significa muito! Se você ao menos me escutasse... — Sabe onde Talorc se

encontra agora?

— Não, mas...

— Então não há mais nada a dizer. Vá para nosso quarto. Esse é um assunto para os Balmoral.

— Sou um membro desse clã.

— É mesmo?

Os olhos de Cait encheram-se de lágrimas, que não comoveram Drustan.

— Meu clã vem em primeiro lugar. Se você fosse um de nós, a lealdade estaria acima de tudo. Eu viria antes... de seu precioso irmão. Você e Emily sabiam que Talorc estava espionando na ilha, e não me disseram nada. Emily, eu posso entender...

— Eu não — Lachlan interrompeu-o com voz gélida. Emily fitou-o. O olhar pouco antes cheio de paixão transmitia desprezo.

— Você mentiu para mim.

— Assim como Cait, não quero uma guerra entre os Sinclair e os Balmoral.

— Que diferença isso faz para você?

— Eu não queria mortes.

— Como essa?

Emily fitou o corpo ensangüentado virado de bruços no chão.

— Não estou convencida de que Talorc fez isso. Ele é muito bom guerreiro para ser apanhado por causa de um garoto.

— Talvez essa fosse a sua intenção. Cait sufocou um grito de protesto.

— Essa é uma acusação horrível! O líder de um clã não mataria por prazer — defendeu Emily.

— Como é que sabe disso? Ou será que o conhece melhor do que afirma? — Foi a vez de Lachlan ser mais duro do que Drustan.

— O que está querendo insinuar? — Emily quis saber.

— Você esperava me seduzir enquanto seu noivo... ou seu marido espionava meu povo e decidia qual a melhor hora para atacar?

Drustan pareceu chocado, depois com raiva, com entendimento e com remorso, numa rápida sucessão de expressões.

— Não é nada disso. — Emily não acreditava no que ouvira. — Não sou esposa nem noiva de ninguém.

— Sua palavra vale menos que sua promessa.

— Minha promessa vale muito e você deveria saber disso.

— Agora entendo por que não quis fazer amor comigo. Tinha medo de que eu descobrisse sua falsa inocência. A maneira como usou as mãos e a boca é de alguém muito experiente.

Emily perdeu a fala. Era como se lhe houvessem cravado uma estaca no coração.

Ulf escondeu o riso de vitória.

— Lachlan! — Drustan chamou-lhe a atenção.

— Por que está tão silenciosa, minha querida? Onde estão as respostas sempre

prontas? Seu desejo nada mais era do que experiência mascarada de candura, não é verdade? Responda, onde está a sua língua afiada?

A dor era demasiada para falar. Ela então reagiu socando-o no peito com as duas mãos fechadas em punhos. Lachlan permaneceu impassível.

— Não fale assim com ela, seu canalha! — Cait adiantou-se com as mãos na cintura, mas Drustan a puxou para trás. .

— Não ouse mostrar desrespeito para com nosso lorde — repreendeu ele, embora com pouca veemência.

Cait soltou-se e afastou-se de todos.

— Eu não pertenço a você nem ele é meu líder. Como ousa dizer que nosso casamento nada significa?

— Eu lhe disse para voltar a nossos aposentos e você ainda está aqui. Nem todas as palavras ditas na hora da raiva são verdadeiras.

Enquanto Lachlan dava vazão à sua fúria, a de Drustan diminuía, embora Cait não houvesse notado.

— Como fui tola, ficar onde não era bem-vinda. — Cait virou-se e saiu correndo do salão nobre, sem atender ao chamado do marido.

— Por razões passionais, perdemos um soldado promissor - Ulf afirmou.

Drustan não pensou duas vezes antes de socá-lo, atirando-o uns quatro metros adiante.

— Nunca mais fale de minha esposa nesse tom ou eu o matarei.

Ulf sentou-se e balançou a cabeça, confuso.

Algumas idéias vieram à mente de Emily e todas dolorosas. A pior delas era a suspeita que de nada adiantaria revelar. Afinal, aos olhos de Lachlan, ela era considerada uma traidora.

Mas olhando para Ulf, tão maldoso e cheio de vingança, quem garantia que ele não matara o garoto para incitar Lachlan a fazer o que não desejava?

Declarar guerra.

## Capítulo V

Emily sabia que ninguém daria ouvidos às suas suspeitas, por isso correu atrás de Cait. No caminho prometeu a si jamais perdoar Lachlan por tê-la humilhado diante de todos.

Cait abriu a porta do quarto puxou Emily para dentro e trancou a porta.

— Como ele ousou acusar-me da morte do garoto? — Cait indagou, irada.

— Não creio que ele estivesse falando a sério.

— Quem me garante que ele não está certo?

— Impossível! Mesmo se Talorc tivesse matado o soldado, e estou convencida de que não o fez, você não seria responsável por não haver alertado Drustan do perigo. Qualquer um poderia presumir que seu irmão viria espionar ou enviaria alguém em seu lugar. E se os Balmoral foram capazes de entrar nas terras dos Sinclair sem serem percebidos, era de se prever que os Sinclair teriam a mesma habilidade.

Cait abraçou-se na altura do ventre protuberante.

— Ontem uma mulher-lobo disse a Lachlan que tinha visto meu irmão na ilha. Não demorou para que Drustan também soubesse da novidade.

— Então por que a raiva por não terem sabido por nosso intermédio? Não teria feito diferença o que aconteceu àquele garoto se nós... Eles já sabiam de tudo quando ele foi morto.

— Essa é uma conclusão lógica, Emily, mas não estou convencida de que homens tenham a mesma linha de raciocínio.

— Tem razão. — As acusações de Lachlan certamente eram irracionais. — Por falar nisso, Drustan deu um soco em Ulf para defendê-la. Até o ameaçou de morte se houvesse outro insulto.

Cait experimentou um laivo de alegria, que logo se desvaneceu.

— O que você ouviu no salão foi ainda pior do que ele me disse antes, em particular.

— Depois de Lachlan dizer a ele que Talorc tinha sido visto?

— Sim. Drustan esperou até eu acordar para perguntar o que tinha acontecido. Resolvi dizer a verdade. Eu queria muito abrir meu coração depois de descobrir que éramos um casal verdadeiro. Mas ele não entendeu nada.

— Ele achava que você não deveria ter se importado que seu irmão fosse morto pelos Balmoral?

— Não sei. Drustan disse que eu deveria ter confiado nele. Como eu poderia se ele não gosta de Talorc? — Cait começou a chorar. — Talvez eu devesse ter contado para Drustan. Ele ficou magoado por minha falta de confiança e agora me odeia.

— Homens vêem as coisas diferente de nós e muitas vezes as emoções não podem ser controladas. — Emily confortou a amiga abraçando-a.

— Eu sei disso, Emily. Embora não devesse, eu amo Drustan e agora ele me odeia.

— Não acredito nisso. Ele não teria agredido Ulf nem o ameaçado se a odiasse.

— Ele ficou com o orgulho ferido por Ulf ter me insultado.

— Mas se vocês são companheiros sagrados, creio que isso é mais do que uma questão de orgulho. Além do mais, Drustan pareceu bastante preocupado quando você saiu correndo do salão.

— Ele estava preocupado por causa do bebê.

— O filho não é dele. A ansiedade dele era por sua causa.

— Mas ele disse que eu podia usar a manta dos Sinclair e no salão afirmou que

nosso casamento nada significava,

— Ele disse acreditar que os votos nada significavam para você. Isso foram palavras de um homem magoado e não apenas irritado.

— Eu gostaria de ter confiado nele, mas não sei se teria sido a atitude correta.

— Esse é um assunto que vocês terão de discutir posteriormente.

— Você vai discutir as acusações de Lachlan com ele?

— Indagou Cait, cheirando em volta da amiga. — Ele a marcou com o odor dele.

— Eu me lavei — Emily murmurou.

— O cheiro de um lobisomem não sai tão facilmente. Ele a possuiu.

— Não, ele apenas me tocou. Nós nem mesmo... — Emily estava certa de que seria compreendida.

— Mas chegaram perto.

— Por isso ele estava tão nervoso no salão nobre. Ele pensou que eu queria forçá-lo a ter relações comigo, mas eu jamais permitiria isso. Sei que ele não quer uma esposa humana.

— Ele quer você.

— Desejo não é a mesma coisa. — Emily sentiu um nó na garganta e lágrimas vieram-lhe aos olhos.

— Não é. — Cait começou a andar de um lado a outro.

— Mas não devemos pensar nisso agora. Drustan e Lachlan estão com tanta raiva de nós que nem estão pensando com lógica.

— O que significa que teremos de desvendar o caso e provarmos nossa inocência.

— Exatamente.

— Lachlan disse que não havia cheiro de animal no soldado. Seria possível um animal tê-lo matado sem deixar algum odor?

Cait parou de andar, pensativa.

— Não, mas não há cheiro nem de humano nem de lobisomem, exceto o de Ulf. Mas foi ele quem encontrou o corpo e o carregou até o castelo. Também não havia cheiro na área em que o garoto foi ferido.

— Você disse que seu irmão é capaz de disfarçar o próprio cheiro.

— Emily, tenho certeza de que não foi Talorc.

— Acredito, mas ele não é o único lobisomem com essa habilidade.

— Não, isso é algo que tem de ser treinado desde a primeira metamorfose. Um lobisomem pode disfarçar seu cheiro, mas não o odor que deixa nos outros.

— Então como o menino foi morto?

— Talvez com uma faca que foi limpa com areia e terra do fundo do lago.

— Para remover qualquer traço do manuseio da lâmina?

— Exato. O soldado tinha de conhecê-lo e pior, o menino era *chrechte*, Ele talvez ainda não tivesse controle sobre sua transformação, mas seria preciso outro lobisomem

ou um guerreiro humano muito forte para matá-lo.

—Um Balmoral experiente, por exemplo... —A suspeita de Emily avolumou-se.— Lachlan não suspeitaria que seu próprio povo fosse capaz de tal atrocidade.

— Concordo. Precisamos falar com Talorc. Quem sabe ele pode nos ajudar?

— Mas como? Não podemos deixar o castelo. Lachlan se aborreceu por termos saído sem escolta. Ele disse que estava preocupado com sua segurança, mas provavelmente não confia em nós.

Emily não contou à amiga que suspeitava que Ulf fosse o assassino.

— Nesse caso ele pode ter instruído os guardas no portão para impedirem nossa saída. — Cait abriu um armário de onde tirou uma manta dos Sinclair. — Vou usar isso para garantir nossa liberdade.

Assim dizendo, ela rasgou a manta em tiras finas e compridas. Depois as uniu até

ter uma só com cerca de trintas metros de comprimento.

— O que pretende fazer com isso?

— Há um quarto como o seu, mas com a janela mais baixa. Se sairmos por ali, chegaremos até o lado do castelo que faz ligação com a muralha externa.

— Que estranho.

— Creio que a passagem foi feita para ser usada para escapar em caso de cerco. Há uma faixa estreita de terra entre a muralha e o desfiladeiro. Só espero que os guardas da muralha não nos vejam. É um risco que teremos de correr, mas não posso pensar em outra maneira de sairmos daqui.

— Tem razão. — Emily mordeu o lábio. — A distância até o solo é muito alta e perigosa para uma mulher nas suas condições. Irei até o lago e procurarei por Talorc. Contarei a situação e perguntarei se ele viu alguma coisa.

— Não. Você nunca o encontrará antes dos outros, mas eu sim. Não se preocupe comigo, sou uma mulher-lobo, não cairei. — Cait pôs no ombro o rolo de tiras. — Não farei nada que possa arriscar a vida de meu bebê, mas quero impedir a guerra entre os clãs. E também não quero meu irmão morto pelos crimes de outro homem.

— Isso sem mencionar o fato de que existe um assassino entre os Balmoral que tem de ser impedido de agir.

— Exatamente.

Cait abriu a porta, pôs a cabeça para fora e escutou com atenção. Depois se virou para Emily e fez sinal para ela tomar a dianteira. Emily subiu os degraus da torre sem o menor ruído.

Uma vez no quarto de destino, entraram e Cait fechou a porta com cuidado antes de subir na mesa, a única peça de mobília que ali estava. Em seguida amarrou a corda improvisada num gancho de ferro da parede e jogou-a pela janela. Ela chegou ao solo com uma rapidez incrível.

Emily subiu na janela e concentrou-se na tarefa e não na altura dali até o chão. Segurou nos nós, e bem devagar foi dominando o medo e se aproximando de Cait. O exercício evitou que sentisse frio, apesar do vento.

Não se preocuparam em puxar a corda, pois não havia como escondê-la. Se Drustan ou Lachlan a encontrassem, pensariam que Cait e ela haviam deixado a peça ali

para ajudar Talorc a entrar no castelo. Claro que jamais desconfiariam da verdade.

O céu escuro, coberto por nuvens pesadas, anunciava chuva enquanto as duas se apressavam até o lago.

Assim que alcançaram as árvores mais altas, o mesmo lobo cinzento, que haviam visto na véspera, pulou na frente delas. Emily estacou, mas Cait correu para abraçar o pescoço do irmão.

— Precisamos falar com você. Ele olhou para uma e para outra.

— Ele quer que viremos de costas — Cait avisou. — A transformação é considerada um assunto privado entre a nossa espécie.

Emily se virou, sabendo que a amiga não faria o mesmo. Na certa Talorc não se importava de se transformar diante da irmã, mas sim diante da inglesa que ele rejeitara como esposa.

— O que ela está fazendo com você? — Ele quis saber, já na forma humana.

Ele estava nu, conforme Emily supusera, mas mesmo assim ela corou e desviou o olhar. Os *chrechte*, ao contrário dos ingleses, não se preocupavam tanto com a nudez.

— Tentando prevenir a guerra entre os Balmoral e os Sinclair — Cait disse com certa aspereza.

— Ela se deitou com o Balmoral.

— Nada disso, mas não importa — Emily respondeu. — Agora sou uma Balmoral e

não quero guerra. Cait é minha amiga e por causa dela, eu também não desejo uma carnificina.

— Eu nunca a aceitarei como companheira. Emily revirou os olhos e depois o encarou.

— Isso não é novidade. Já havíamos decidido isso antes de sua irmã e eu sermos raptadas.

— É verdade.

— Precisamos saber se você viu quem matou o soldado Balmoral. — Cait foi direto ao assunto.

— Eu vi, mas estava muito longe para prevenir o desastre. O assassino me abordou depois.

— Abordou por quê? — Cait estava tão chocada quanto como Emily.

— Ele queria que eu matasse os líderes Balmoral para ele controlar o clã.

— Drustan jamais faria isso! — Cait inflamou-se. — Eu não disse que foi seu novo companheiro.

— Mas quem poderia ser?

— Ulf — Emily supôs.

Cait olhou para ela e Talorc anuiu.

— Nós humanos, não somos tão incompetentes e inúteis quanto os *chrechte* supõem que sejamos.

— Eu não fiz tal alusão.

— Não, mas nunca imaginou que um humano acreditasse poder tomar conta de um clã com uma matilha e não é isso o que MacAlpin fez quando traiu os *chrechte*. Só que ele tomou conta de toda a Escócia.

— Para uma inglesa, você é muito inteligente — Talorc afirmou e voltou-se para Cait. — Ela está certa. Nossa madrastra foi um belo exemplo. Veja o dano que ela causou sem nem mesmo ser descendente de *chrechte*.

— Mas Drustan mataria Ulf.

— Não se ele culpasse seu irmão pela morte de Lachlan — Emily disse a Cait.

Cait empalideceu e fitou um e outro, incrédula.

— Ele apoiaria o assassino e tentaria vingar a morte de Lachlan matando você.

— Sim. Ulf é um assassino. O jovem soldado nem mesmo teve uma chance de revidar. — A aversão de Talorc era óbvia. — Ele não desconfiou de nada até receber a primeira facada no coração.

— O restante dos cortes foi feito para dar a impressão de o garoto ter sido atacado por um animal, um lobo.

— E deu certo. Eu me pergunto que tipo de tolo seu novo lorde seja.

— É isso o que Ulf apregoa o tempo todo — disse Emily.

— Por quê? — Cait perguntou.

— Por que você estava tão certa que eu não fiz isso? — Talorc perguntou em vez de responder.

— Você é meu irmão. Sei que você não mataria um jovem soldado à toa.

— Mas há outro motivo para você ter acreditado que não fui eu, nem um de meus soldados. Talvez você não entendesse isso na hora, mas ao ver o corpo, a verdade bateu no seu inconsciente.

— Há outros Sinclair na ilha? — Emily indagou.

Talorc deu de ombros e trovões ribombaram.

— É verdade, eu vi o corpo — Cait concordou. — Se um lobisomem tivesse matado o rapaz, teria arrancado o pescoço do soldado e deixado seu cheiro.

— Isso mesmo. E eu me pergunto por que Lachlan não entendeu isso?

— Talvez por suspeitar que você o tivesse matado e quisesse dar a impressão de que o crime fosse cometido por um humano. — Lachlan saiu da moita, surpreendendo a todos, e fitou Talorc com olhos cheios de fúria.

— Há quanto tempo você está aí? — Emily imaginou se ele ouvira o nome do assassino.

Lachlan ignorou-a e não tirou os olhos de Talorc.

— Como eu chegaria perto a ponto de usar uma faca? — Talorc indagou. — Seu soldado jamais teria permitido a aproximação. Eu poderia ter atirado a faca, mas até um lobisomem jovem teria escutado o assobio dela no ar e se abaixado. Ele teria gritado ou corrido... mas independentemente disso, se eu fosse o criminoso, meu cheiro me denunciaria. Não, ele foi morto enquanto eu observava tudo do outro lado do lago, incapaz de evitar a morte.



— E quer me fazer acreditar que você teria impedido isso? — Lachlan quis saber.

— O menino era um Balmoral, mas também um *chrechte*. Sim, eu teria evitado sua morte, se pudesse. Pelo mesmo motivo que o senhor preferiu raptar minha irmã e casá-la com o irmão de Susannah em vez de declarar guerra entre nossos clãs.

— Era uma forma mais adequada de reparação.

— E efetiva. Sentirei falta de minha irmã diariamente e não verei seu filho crescer.

— Você não pedirá custódia de meu filho? — Cait perguntou, apreensiva.

Talorc sacudiu a cabeça.

— Você não me conhece? Você é minha irmã, e eu não a faria sofrer levando seu filho. Ele crescerá conhecendo nossos costumes entre os Balmoral, como se estivesse entre os da matilha Sinclair.

— Prometo que assim será feito. — Cait respirou, aliviada.

— Seu pai teria ido para a guerra por causa do insulto.

— Talorc disse para Lachlan.

— Não sou meu pai.

— Nem eu sou o meu. Reconheço a traição quando a vejo. Se eu pudesse, teria impedido a morte do rapaz.

Lachlan nada disse e Talorc suspirou.

— Saiba que seu irmão prometeu devolver minha irmã ou entregar o bebê logo depois do nascimento, o que eu escolhesse. Ele afirmou que o atrairia numa armadilha assim que estivesse sozinho e eu teria de matá-lo.

Emily sabia que Lachlan estava sofrendo apesar da fisionomia imperturbável. Era como se a dor fosse sua e era horrível.

— Ulf sugeriu que eu o perseguisse sozinho, para provar meu direito à liderança, desafiando-o pessoalmente

— Lachlan afirmou. — Presumo que tenha trazido guerreiros e que Ulf sabia disso, embora tenha me dito que vira somente um lobo do outro lado do lago.

— Posso presumir que ignorou a sugestão? — E se eu tivesse feito isso?

— Então você teria um contingente de *chrechte* bem treinados para ajudá-lo e uma boa medida de meu respeito.

— Talvez eu devesse matá-lo e conseguir todo o seu respeito.

— Ou eu poderia fazer o que seu irmão deseja e matá-lo.

— Não! — Emily gritou.

— Fique fora disso, Emily — Lachlan advertiu.

— Não! — ela insistiu. — Será que não enxergam o ridículo da situação? É claro que Ulf vem manipulado todos. Um matar o outro não resolverá a questão.

Lachlan não deixou de fitar Talorc.

— Cait, leve Emily de volta ao castelo. Mais tarde discutiremos como vocês saíram.

Emily cruzou os braços e olhou os dois homens.

— Não vou a lugar nenhum.

— Nem eu — Cait apoiou a amiga. — Drustan! — Lachlan chamou.

O guerreiro saiu de trás das árvores sem fazer barulho.

— Leve as mulheres de volta ao castelo.

Drustan anuiu e tentou segurar o braço da esposa, mas ela o evitou. — Voltarei ao clã dos Sinclair — Cait afirmou, com a voz eivada de sofrimento. — Não pertenço aos Balmoral.

Drustan estremeceu como se tivesse sido golpeado.

Emily abriu a boca para negar as palavras da amiga, mas nada disse. Drustan e Cait olhavam um para o outro como se estivessem se comunicando sem palavras.

Talorc quebrou o silêncio com uma imprecação. Seus olhos se iluminaram como se ele se divertisse.

— Drustan está muito bem casado, não está?

— Sim — Emily respondeu, sorrindo.

Cait começou a chorar e a balançar a cabeça para Drustan.

— Você não me ama. Você me chamou de assassina.

— Eu estava errado. Por favor, não me deixe. Cait prendeu a respiração.

— Isso é um pedido de perdão?

— Farei qualquer coisa para tê-la a meu lado. Você é minha companheira sagrada, minha esposa... você é tudo para mim!

Lachlan e Talorc não estavam muito à vontade. Cait olhava para Drustan como se ele fosse o sol, a lua e as estrelas, o universo personificado em um só homem magnífico.

Cait, através das lágrimas, deu um sorriso luminoso.

— Eu te amo.

— Eu também te amo. Jamais duvide disso — Drustan disse com rispidez, mas ela não se incomodou.

Emily ficou feliz de ver o casal chegar a um entendimento. Eles pertenciam um ao outro, independentemente de como a providência tivesse feito isso acontecer.

Drustan anuiu como se aceitando algo que Cait tivesse dito, sem que ela abrisse a boca.

— Agora vamos voltar ao castelo.

— Ainda não — Talorc objetou. — Há coisas que precisam ser discutidas. Como companheiro de minha irmã e irmão de Susannah, você também tem de escutar.

Drustan olhou para Lachlan, pedindo permissão para ficar.

O gesto pareceu sinalizar algo para os três homens. A tensão entre eles diminuiu consideravelmente, e Emily imaginou que a ameaça iminente de violência havia passado.

Com as pernas separadas, Talorc cruzou os braços na altura do peito.

— No meu desejo de descobrir o que aconteceu com Susannah, acabei entrando na ilha sem a sua permissão, mas meu soldado não fez isso. Magnus não raptou Susannah de suas terras.

O fato de Talorc estar sem a manta não diminuiu nem um pouco a presença

impositiva, talvez por ele não se preocupar em estar desnudo.

— Magnus? — Lachlan perguntou.

Emily não podia deixar de lado sua curiosidade e fitou Talorc de viés, pois em toda sua vida só vira um homem sem roupa. Lachlan.

— Ulf disse a Susannah que ela poderia caçar no continente na última lua cheia, mas ele não se preocupou em avisá-la que se tratava de local de caça de outra matilha.

— *Ulf* disse isso a ela? — Drustan perguntou, passando o braço pelos ombros de Cait. — Mas ele não tinha essa autoridade.

— Susannah não sabia disso e acreditou que ele falava em nome de seu lorde.

— Quando ela lhe disse isso? — Drustan perguntou.

— Foi Magnus quem relatou os detalhes do que a levava a caçar nas nossas terras, quando fui informado que, na forma de lobo, ele cruzara com uma fêmea. Susannah estava no cio e Ulf sabia que ela acabaria se acasalando com um Sinclair. Ulf não contou a verdade, contou?

— Não.

— Creio que ele desejava que Lachlan acreditasse que havíamos insultado os Balmoral e assim exigir uma vingança pessoal. Tenho experiência com a traição de humanos sedentos de poder. Ele planejava trair o irmão para que eu o matasse. Depois me disse para eu esperar aqui e que faria Lachlan vir atrás de mim sozinho.

— Emily! — Lachlan gritou.

Ela corou ao notar que todos a olhavam, mas obedeceu. Ao chegar mais perto, ele ergueu-lhe o rosto com o dedo.

— Você me pertence.

— Acredito que esse não é um assunto para ser tratado aqui?

— Você quer que eu desafie Talorc?

— Não.

— Então, olhe somente para mim.

Ele sabia que Emily estivera espiando, e ela corou até a raiz dos cabelos.

— Eu estava curiosa.

— Satisfarei sua curiosidade em outra hora. — Lachlan postou-se na frente dela e encarou Talorc, — Tenho somente a sua palavra que meu irmão é um traidor.

— E a evidência de sua própria lógica. Se eu quisesse matá-lo, eu o teria feito quando o vi na água com a inglesa. Você estava sem escolta e seria fácil livrar-me dela também.

A frieza das palavras fez Emily estremecer. Ela se aproximou de Lachlan a ponto de quase tocá-lo, aquecendo-se no calor do corpo forte.

— Você teria de me matar primeiro.

Emily emocionou-se e sentiu um aperto na garganta. Sabia que Lachlan fora sincero. Ele jamais permitiria que Talorc os perturbasse naquele dia no lago. Se preciso fosse, daria a vida por ela, mesmo que fosse apenas pela honra de um guerreiro.

— Na verdade, eu não tentei. Lachlan deu de ombros.

— Como eu disse, vim até sua ilha descobrir as condições de minha irmã.

— O soldado Sinclair que deixamos para trás, quando levamos as mulheres, poderia ter-lhe dito que ela se casaria com Drustan — Lachlan afirmou.

— Ele me disse. Além do mais, eu o conheço o suficiente para saber que você cumpriria o plano, mas eu precisava ter certeza de que Cait não era maltratada, nem prisioneira.

— Ela lhe disse que estava contente com o casamento — comentou Drustan.

— Sim. Tão feliz como sua irmã.

— Ulf me disse exatamente o contrário do que ouço agora, e que o casamento havia sido forçado. — contou Talorc cheio de raiva. — Ele afirmou que Cait desejava voltar para nosso clã, mas que estava sendo mantida como prisioneira.

— É mentira! — Cait exclamou.

— É mesmo? — perguntou Talorc. — Você veio a esta ilha por sua livre e espontânea vontade assim como Susannah veio para nossas terras de caça?

— Admito que a forcei — Drustan explicou —, mas nunca a maltratei. Ela agora é minha esposa e está contente.

— Não quero ir embora — Cait alegou, atrás do marido. — Agora sou uma

Balmoral.

— Entendo. — Talorc não demonstrou como se sentia a respeito do que a irmã dissera. — Não me desculparei pela desobediência à antiga lei da matilha. Lachlan, Susannah agiu de acordo com as palavras do seu irmão. Você partiu para uma retaliação sem conhecer todos os fatos. Deveria ter ao menos desconfiado que Ulf era uma ameaça à matilha. Portanto, a culpa é sua.

Cait empalideceu e Drustan arreganhou os dentes, disposto a estrangular Talorc.

Lachlan apenas suspirou com tristeza, e Emily pôs as mãos nas costas dele em sinal de conforto. Ele a olhou por sobre o ombro com expressão indefinível e voltou-se para Talorc.

— Admito que falhei não percebendo o descontentamento e a ganância pelo poder de Ulf. Ele disfarçava bem, mas havia indícios que poderiam ter despertado minha atenção.

Emily sentiu-se orgulhosa por ouvi-lo admitir o erro. Isso demonstrava força de caráter, que poucas pessoas de sua posição possuíam.

— Imagino que não tenha dado importância à ameaça que Ulf representava por ele ser humano. Não fazia sentido pensar que ele fosse tão poderoso como um *chrechte*. Esse foi seu erro.

— Obrigado pela descoberta, Emily — falou Lachlan secamente.

— Por acreditar tanto em sua superioridade, você colocou a si mesmo e o clã em risco — acrescentou ela.

Talorc deu risada.

— Ela tem a língua afiada, não é mesmo?

— Muito franca, mas está certa.— Lachlan suspirou.

Emily ficou satisfeita com a postura do chefe do clã dos Balmoral. No entanto, ainda se lembrava de ele a ter acusado de coisas terríveis. Para resolver essa pendência, seria preciso que Lachlan se desculpasse.

— Bem, como ela foi mandada para a Escócia para se casar comigo, a responsabilidade é minha. Não tenho intenções de desposá-la, mas não posso permitir que outro o faça sem exigir as devidas satisfações. Portanto, quero testemunhar o casamento antes de retornar a minha propriedade — anunciou Talorc.

Emily rodeou Lachlan e olhou Talorc de frente, indignada.

— Eu não vou me casar com ele!

— Ora, então pretende unir-se a mim?

— Não. Sei que esse também não é o seu desejo.

— Prefere que eu declare guerra aos Balmoral?

— Não seja ridículo. Você não iniciaria uma guerra por minha causa. Sou inglesa, lembra-se?

— Você está sob minha proteção enquanto estiver nas Terras Altas. Minha honra vale enfrentar uma guerra.

— Não, Talorc. — Cait colocou-se entre os dois. — Eles não dormiram juntos.

— Eu o vi despido com ela na água.

— Isso não quer dizer nada — Emily assegurou em tom de chacota.— Você está nu agora e não estamos fazendo sexo.

Lachlan rosnou com um som inumano e assustador.

— Duvido que seu pai seja da mesma opinião. — Talorc ignorou a manifestação de Lachlan.

— Pretende contar a ele? — Emily ficou horrorizada com a possibilidade.

— Quero vê-la casada ou iremos para a guerra. Emily, assustada, olhou ao redor, mas ninguém parecia disposto a descartar a idéia maluca de Talorc. Cait, preocupada,

sabia que o irmão falava a sério e temia que Lachlan fosse recusar.

— Lachlan não quer se casar comigo! — Emily gritou.

— Prefere que nossos clãs se enfrentem numa guerra? — perguntou Lachlan, assumindo uma formalidade forçada.

— Claro que não.

— Então terá de se casar comigo, inglesa.

— Não.

Talorc e seus quatro soldados os acompanharam de volta ao castelo. Ninguém conseguira demovê-lo da idéia de ver Emily casada. Lachlan, por razões desconhecidas, concordara em acomodá-lo. As negativas veementes e as razões dela para que o casamento não se realizasse foram ignoradas pelos dois lordes, que caminhavam lado a lado.

Felizmente Talorc tinha mantas escondidas na ilha para ele e para os soldados, e

todos estavam decentemente vestidos. Emily imaginou se as mulheres das Terras Altas teriam ficado tão chocadas quanto ela com nudez dos guerreiros.

O berro de fúria de Ulf, vindo do alto da muralha, produziu calafrios na espinha de Emily. Com o canto dos olhos, viu que Lachlan não dava demonstração de ter ouvido o brado de guerra, assim como não manifestara nenhuma emoção quando Talorc tinha contado que seu irmão era um assassino e traidor.

Ulf, com o rosto contraído de ódio, acompanhado por alguns soldados, esperava por eles diante da ponte levadiça.

— Que diabo é isso? Você trouxe nosso inimigo para dentro de nossos portões?!

Lachlan fez sinal para o grupo parar e aproximou-se sozinho do irmão. Ele fitou com raiva os outros soldados até que eles se afastaram de Ulf.

— O único inimigo do clã Balmoral está diante de mim — Lachlan disse quando chegou a menos de meio metro do irmão. — Em sua ganância por poder, você matou um de nossos soldados na esperança de atrair-me para uma armadilha. Você nem mesmo teve coragem de lutar pelo que almejava.

— Prometi a nosso pai que não o desafiaria pela posição de lorde — Ulf disse com rispidez. — Ele acreditava que eu não poderia liderar o clã por não ter nenhuma fera dentro de mim. Ele acreditava que você era seu filho verdadeiro, sem perceber que eu era muito mais parecido com ele do que você!

— Você tem o mesmo temperamento, mas não a força e a inteligência.

— Isso é mentira! Sou tudo o que alguém poderia ter desejado de um filho, mas ele me julgava pela maneira que meu corpo reagia na lua cheia.

— Vamos para o salão. Quero ouvir suas explicações a respeito de sua traição.

Ulf deu um sorriso escarninho.

Com um movimento imperceptível de tão rápido, Lachlan atingiu o irmão no queixo, deixando-o desacordado no chão.

— Levem-no até o salão — Lachlan instruiu dois dos guerreiros que se acercaram.

Os outros soldados foram questionados sobre a fidelidade ao lorde daquelas terras ou ao irmão ganancioso. Os homens se ajoelharam diante de Lachlan. Um deles explicou que haviam sido chamados por Ulf para ajudar a protegê-lo. Os outros confirmaram a história e todos foram dispensados.

Lachlan foi para o salão nobre e certificou-se de que apenas os *chrechte*, além de Emily e Ulf, estavam no castelo. Depois ordenou que a porta fosse fechada e que um soldado *chrechte* ficasse de guarda.

Ulf acordara e fumegava perto da lareira quando o grupo entrou no salão nobre alguns minutos depois.

Emily e Cait ficaram entre Drustan e Angus, com os *chrechte* Sinclair atrás deles.

De cada lado de Ulf, dois *chrechte* Balmoral. Ulf fitou Emily e Cait com ódio e depois olhou o irmão.

— O que as mulheres estão fazendo aqui?

— Sua traição afetou a vida delas também. Elas querem ouvir o que você tem a dizer.

— Não tenho de lhe dar explicações.

— Goste ou não, sou seu líder. Você terá de explicar. — Somente por que nosso pai o protegeu exigindo aquela promessa.

— Ele o protegeu da morte quando o fez prometer que não me desafiaria. Mas você não se conteve. Tentou assumir o controle do clã através de meios desonestos. Qual é a honra em negar a vontade de nosso pai ou em tentar fazer com que Sinclair me matasse?

— Mais honra do que um irmão mais novo usurpar minha posição, de líder.

— Nosso pai determinou que eu fosse seu sucessor. Esse era um direito dele.

— Ele fez a escolha errada. O direito era meu de liderar o clã.

— Com que finalidade? O que você poderia ter feito pelo clã que eu não fiz?

Ulf fitou-o com ódio.

— Você é culpado pelo assassinato de um soldado! — gritou Lachlan.

— Acredita mais na palavra de seu inimigo do que na de seu irmão?

— Você não negou a traição.

— Eu sabia que era inútil quando, do alto da muralha, vi os Balmoral e os Sinclair juntos. Entendi que Talorc seria como um irmão lobisomem, mesmo que você e eu sejamos irmãos de sangue.

— Está me dizendo que não houve uma conspiração para me matar? Ou que você não matou o jovem soldado?

— Acreditaria em mim se eu negasse?

— Lamento, mas não. Todas as evidências apontam para você.

— Então para que eu tentaria uma? — Ereto e orgulhoso, Ulf sustentava uma expressão de desprezo e ódio.

— Você merecia morrer... como aquele soldado. Algum dia ele teria uma posição de liderança assim como Drustan tem hoje, mas o que seria de mim, seu irmão?

— Você recusou a posição de primeiro comandante. — Por que eu deveria concordar em servi-lo?

— Acha mesmo que um assassino mentiroso deveria ser o líder?

Ulf não se ofendeu com a incriminação. — Sou um Balmoral, filho de nosso pai, assim como você.

— Se eu o desafiasse, você negaria a promessa que fez?

— Qual o motivo para o desafio? — Ulf perguntou, cínico.

— Você matou um de meus soldados.

— Prove.

— Não tenho de fazê-lo.

— Terá, se quiser que o clã fique a seu lado.

— Não seja tolo. Além do mais, você insultou minha companheira diante de várias testemunhas.

— Você não tem nenhuma.

— Logo terei. Emily é minha noiva.

Ulf cambaleou como se houvesse levado outro soco.

— Você vai se casar com uma humana?

— Sim.

— Pensei que você temesse ter filhos humanos como nosso pai.

— Se eles forem ferozes e leais como a mãe, não me importo que não sejam lobisomens.

Emily sentiu-se acalorada a despeito da tensão do momento.

— Ela o trapaceou com sua luxúria.

— Já disse que não me engano facilmente. Você deveria ter me escutado.

— Ah, então por que acreditou em mim a respeito de Susannah?

— Acreditei no que vi. Susannah estava casada com Magnus e eu sabia que não dera permissão para ela sair da ilha. Por isso acreditei que ela tivesse sido levada sem a devida permissão.

— Agora você sabe que a mandei para as terras dos Sinclair.

— Por quê?

— Eu queria que você declarasse guerra contra eles. Eu poderia tê-lo induzido em uma armadilha. Era o que nosso pai teria feito, mas você não tem a valentia dele.

— Imagino a tristeza de nosso pai ao descobrir que um de seus filhos era um fraco. Ele sabia de sua ambição pelo poder, porém não tinha caráter para liderança. Você deveria ter sido banido, mas ele teve pena. Ele o amava demais para deixá-lo partir. Mas eu sou diferente, e forte o suficiente para providenciar a punição por seus crimes. Sua maior tolice foi achar que poderia me manipular.

— Nada disso, eu tinha tudo sob controle. Se essas duas rameiras não tivessem aparecido em sua vida, você agora não estaria aliado ao Sinclair.

Lachlan deu outro golpe em Ulf que o fez bater na parede ao lado da lareira.

— Fale com respeito de minha noiva ou morrerá.

— Tenho pena dela — Ulf limpou o filete de sangue da boca —, mas sobretudo lamento os filhos que você terá e que poderão ser iguais a mim.

— Teremos os filhos que Deus nos conceder e se todos forem humanos, eu os amarei da mesma forma.

— Nosso pai me amou até saber que eu não sofreria a metamorfose. Eu era seu favorito. Ele me treinou para ser seu sucessor até o momento em que ficou óbvio que eu não poderia me transformar em um lobo, estúpido animal.

— Não é a falta de um lobo interior que o torna incapaz de liderar, mas sim a sua falta de honra. Acredito que nosso pai tenha percebido isso.

Ulf atacou Lachlan, mas em segundos foi dominado.

— Tranquem-no na torre oeste! — ordenou Lachlan. Cait puxou Drustan para tratar de alguma coisa que o enfureceu. Em seguida, ele deu ordens a outro soldado.

Emily não prestou muita atenção à conversa, pois Lachlan acabara de chamar o



sacerdote.

Assim ela acabou diante de um religioso e escutando a missa de casamento pela segunda vez desde que havia chegado às Terras Altas. Era possível ver o sofrimento de Lachlan pela traição do irmão e Emily sofria com ele.

Diante das circunstâncias, ela fora incapaz de se opor ao casamento, mesmo imaginando que ele não queria uma união com uma humana, a quem considerava inútil por não ser meio-animal.

No entanto ele concordara com o casamento. Aliás, não objetara em nenhum momento. Emily não acreditava que ele tivesse se submetido às ameaças de Talorc.

Ali estava um guerreiro que não se curvava facilmente. Quais seriam os motivos que o levaram a aceitar o enlace? Ela o amava muito, mas não esperava retorno de seus sentimentos, enquanto ele a considerasse inferior.

Na verdade, ele nunca a tratara como se ela fosse apenas um ser humano, independentemente de como se expressava.

Quando eles haviam se tocado, Lachlan não a considerara como inferior. As

carícias trocadas não foram apenas uma expressão de lascívia, tampouco frutos de sua imaginação.

Durante o confronto com Talorc, ele a mencionara como se de fato a admirasse.

Entretanto quando chegou a hora de repetir os votos, ela não conseguiu falar.

— É tão difícil assim? — Lachlan a olhou com o cenho franzido,

— Você não quer se casar — ela sussurrou.

— Se eu não quisesse, o sacerdote não estaria diante de nós.

— Mas você queria se casar com uma *chrechte*.

— Quero me casar com você.

Os olhares se cruzaram e ela teve a certeza de que ele era sincero. Um guerreiro jamais faria falsas promessas. As lágrimas que correram soltas pelo rosto dela comprovaram que havia aceitado a proposta.

Ela amaria Lachlan todos os dias de sua vida. Viera para as Terras Altas disposta a salvar a irmã de um destino sombrio. Por que não aceitar um matrimônio muito melhor do que o primeiro para o qual o pai a mandara?

Se Abigail estivesse em segurança, ela poderia ser feliz contanto que não voltasse difamada para a Inglaterra.

Emily fitou Lachlan que lhe pareceu muito convicto. De repente, ela sentiu que tudo daria certo. Ele a amava, mesmo sem saber. De outra forma, jamais faria questão de se casar com uma humana. Se ele prometera amar os filhos, independentemente do que fossem, talvez um dia se convencesse que a amava também.

Com os pensamentos e o coração finalmente acomodados, Talorc suspirou.

— Se não disser os votos de uma vez, irei acreditar que prefere se casar comigo? O sacerdote está aqui e isso será facilmente arranjado.

Emily teve de gritar seu juramento por causa da gargalhada de Talorc.

Terminada a cerimônia, Lachlan beijou-a com paixão. Depois levantou-a no colo e

a carregou escada acima até o quarto dele, enquanto os gritos ecoavam no salão nobre.

No quarto, Lachlan não deu a ela tempo para pensar e em segundos eles estavam nus sobre a cama.

— Depois de fazer amor, não haverá como recuar — Emily ainda o avisou, sabendo que o casamento com uma humana estava muito longe do que ele planejava para sua vida.

— Já não havia retorno no momento eu que a conheci, mas fui muito teimoso em não admitir. Saiba que jamais a deixarei — disse ele, antes de beijá-la novamente. As carícias plenas selaram a união.

— Emily de Balmoral, eu lhe ofereço meu corpo e tudo o que eu sou. Você me aceita? — pediu ele, antes de penetrá-la.

— Sim.

— Você me receberá em seu corpo?

— Sim, Lachlan. Quero que você se torne parte de mim

— Eu já sou, minha querida, agora e para sempre. Depois de se amarem a exaustão, Lachlan largou-se por cima dela, depois rolou para o lado, levando-a junto como se não pudessem se separar.

Emily não saberia dizer quanto tempo se passou antes de Lachlan falar.

— Meu pai era um homem muito inteligente, por isso viu algo em Ulf que eu não notei. Lembro-me da reação de Ulf quando não ocorreu a metamorfose. Ele se tornou cada vez mais taciturno. Comprava brigas com outros garotos e usava a posição de filho de um lorde para manipular os demais. Meu pai via tudo isso e discutia com minha mãe por ela achar que o garoto apenas mostrava a tendência para líder.

— Ulf disse que seu pai mudou depois de ver que o filho não seria um lobisomem.

— O relacionamento dos dois mudou antes disso, mas eu só entendi o fato quando olhei o passado com olhos de adulto. Eu também pensava que o fato de Ulf não ser um lobisomem influenciara meu pai. Minha mãe nunca aceitou completamente a natureza de meu pai e ele nunca aceitou a falta do lobo em Ulf. Creio que ele esperava que algum dia a metamorfose ocorresse.

— Mas ele já havia nomeado você como herdeiro.

— Por que ele não via capacidade de liderança em Ulf. Emily, fui sincero quando disse a meu irmão que eu não me importaria com a natureza de nossos filhos se eles tivessem a energia e a lealdade da mãe. Você estava certa ao me acusar de cego. Não vi a verdadeira natureza do meu irmão, e a ameaça que ele representava. Não quero repetir o erro, desvalorizando minha esposa ou meus filhos, se porventura forem humanos como você.

— Se tivermos filhos...

— Ah, com certeza os teremos. — Lachlan sorriu.

Foi somente então que Emily percebeu que a boca de Lachlan não se movera enquanto ele estivera falando.

— Você falou comigo por telepatia!

— Sim.

— Eu quero tentar.

— Pode começar.

*Você me deve desculpas*, Emily pensou.

— Eu não gosto de me desculpar — respondeu ele com uma careta.

— Não o imagino fazendo isso. Você é muito arrogante. Lachlan revirou os olhos.

— Sinto muito pelas acusações que fiz hoje e também por não reconhecer como você era importante para mim, meu amor.

— Está bem, dessa vez eu o perdôo. Mas se você tornar a fazer isso, jogarei agulhas no seu lado da cama. — Com os olhos marejados, ela riu.

— Ficaremos no meio, mas não tenho dúvida que você encontrará um meio de demonstrar seu desprazer.

— Fico feliz que tenha entendido isso.

— Agora você terá de se desculpar.

Emily ergueu uma das sobrancelhas, demonstrando que não entendia o que havia feito de errado.

— Por ter admirado Talorc nu com muito interesse.

— Mera curiosidade...

— De agora em diante você reservará sua curiosidade para mim. Prometa, amor.

— Prometo.

Era a segunda vez que ele a chamava de amor. Contudo, ela não queria esperar por uma eternidade para ouvir o que sempre sonhara.

— Você me ama?

O sorriso de Lachlan largo já seria resposta suficiente, mas ela insistiu com um sinal de cabeça.

— Será que ainda não sabe? Eu lhe disse duas vezes em *chrechte*.

— Então diga em gaélico.

Ele o fez repetindo em inglês e em latim.

Emily chorava quando ele terminou de falar. Lachlan beijou-a no rosto, sorvendo as lágrimas. Depois delicadamente os lábios com uma ternura que a deixou com certeza de sua sinceridade.

— Eu a amarei até meu último suspiro.

— E eu também o amarei até lá.

— É melhor que o faça.

— *Chrechte* arrogante.

— Companheira preciosa.

Emily sorriu, piscando para não chorar de alegria. Lachlan abraçou-a e eles adormeceram.

Na manhã seguinte eles souberam que Ulf descobrira a rota de fuga usada por Cait e Emily. As paredes estavam lisas por causa da chuva e ventara muito durante a noite.

Como Cait previra, a manta masculina não forneceria uma corda muito longa. Ulf foi encontrado na base do castelo com o pescoço quebrado.

Apesar da tragédia, Emily ficou aliviada por causa de Lachlan, que não precisaria castigar o irmão.

Lachlan ficou furioso com a descoberta. Não por que Ulf estivesse morto, mas por que as mulheres haviam arriscado as próprias vidas.

Emily tentou explicar que a corda delas era muito mais longa, que não chovera e que elas não haviam enfrentado o perigo de cair. Não adiantou, ao contrário, ele gritou mais alto.

Drustan uniu-se a ele e fez com que as duas prometessem que jamais repetiriam a façanha. Cait já havia prometido o mesmo na véspera quando contara a Drustan sobre o fato.

— E as duas não consideraram a segurança do castelo quando deixaram cordas balançando na janela? — Lachlan perguntou antes da censura velada a Emily.

— Ainda bem que Cait lembrou-se de contar a Drustan. Emily não se ofendeu.

— Se você não tivesse exigido minha atenção com o casamento e com o que sucedeu depois, eu certamente teria me lembrado de comentar sobre as cordas e evitar o perigo.

— Está tentando insinuar a inconveniência de nosso matrimônio, inglesa?

— De repente todos os outros pensamentos sumiram de minha mente — Emily comentou com um sorriso.

— Você não pode continuar a me chamar de "inglesa".

— E por quê?

— Porque agora sou uma Balmoral e pertenço a um clã das Terras Altas.

— Quer que a chame de "doçura"?

— Prefiro. — Lachlan riu e a abraçou.

— Seremos muito felizes.

— Não quero que se aborreça comigo.

— Eu a amo muito para que isso aconteça, mas tenho a impressão de que ficarei com os cabelos brancos antes do nascimento de nosso primeiro filho.

— Se você ficar grisalho, os pelos de seu lobo também ficarão? — Emily não conteve a curiosidade.

— Não. — Ele estreitou os olhos.

Emily fez uma pergunta atrás da outra até Lachlan resolver levá-la para a cama. Depois ele a ensinou declarar seu amor em *chrechte*.

No dia seguinte Emily perguntou se poderiam mandar buscar Abigail e obteve permissão.

— Seu rei escocês não se aborrecerá com minha irmã?

— Talorc já concordou em falar com ele.

— Ele não é tão mau como eu pensei que fosse.

— Nosso rei?

— Talorc.

— Mas eu continuo sendo o único *chrechte* a quem você ama.

— Você é o único homem, *chrechte* ou humano, que eu sempre amarei.

— Assim é que se fala.

Emily bateu no braço de Lachlan e estremeceu. Os músculos dele eram duros demais.

— Você também tem de dizer que sou a única mulher que você amará.

— Você não sabe disso? — ele perguntou, sério.

— Sei e acredito, mesmo assim, eu gostaria de ouvi-lo. Lachlan ergueu-a e segurou-a junto ao peito, com os olhos plenos de amor e paixão.

— Doçura, não existe outra mulher, loba ou humana, a quem amarei tanto quanto amo você.

— Acho que eu gostaria de ter outra aula de natação.

— Eu gostaria muito, só que dessa vez não nadaremos apenas.

— Vai me afogar?

Lachlan deu uma risada sonora.

— Nada disso, faremos amor.

— Eu não tomarei muito tempo de seus deveres importantes?— ela o provocou.

— Nada é tão importante para mim como você. Emily sabia que era verdade.

Ela viera para as Terras Altas para salvar a irmã, mas acabara encontrando a própria felicidade. A ferida aberta com a morte da mãe e aumentada pela rejeição do pai fora finalmente fechada. Ela não acreditava que isso fosse humanamente possível, mas seu marido, o amor de sua vida, era mais do que humano e ela não haveria de desejá-lo de outra forma.